ANNO I AGOSTO DE — 1930 N.° I

REVISTA

DA

Academia de Letras

DA

Bahia

VOLUME I

SUMMULA

a) Revista da Academia de Letras.
b) A Fundação da Academia.
c) Carlos Chiacchio — Arlindo Fragoso.
d) Braz do Amaral — Luiz Vilhena. Memoria Historica.
e) Abranio Peixoto. Castro Rebello Filho — Versos.
f) Bernardino de Souza — Educação Politica.
g) Deraldo Dias. (Erasmo Junior). Roberto Correia. Carlos Chiacchio — Versos.
h) Arlindo Fragoso. Xavier Marques. Carneiro Ribeiro. Aloysio de Carvalho — Discursos.
i) Gonçalo Moniz — João Gualberto de Passos.
j) Pinto de Carvalho — Alfredo Britto.
k) Notas e Documentos.

BAHIA
IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO
Rua da Misericordia n. 1

1930

DIRECTORIA DA ACADEMIA

1929 — 1930

Presidente — Braz do Amaral
1.º Vice-Presidente — Gonçalo Moniz
2.º Vice-Presidente — Filinto Bastos
1.º Secretario — Carlos Ribeiro
2.º Secretario — Carlos Chiacchio
Thesoureiro — Theodoro Sampaio

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Carlos Chiacchio
Deraldo Dias
Roberto Correia

EXPEDIENTE DA REVISTA

Toda correspondencia deve ser dirigida para a Bibliotheca Publica, séde provisoria da Academia.

Numero avulso: — 4$000

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

ANNO I AGOSTO DE — 1930 N.º I

REVISTA
DA
Academia de Letras
DA
Bahia

VOLUME I

SUMMULA

a) REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS.
b) A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA.
c) CARLOS CHIACCHIO — Arlindo Fragoso.
d) BRAZ DO AMARAL — Luiz Vilhena. Memoria Historica.
e) ABRANIO PEIXOTO. CASTRO REBELLO FILHO — Versos.
f) BERNARDINO DE SOUZA — Educação Politica.
g) DERALDO DIAS. (ERASMO JUNIOR). ROBERTO CORREIA. CARLOS CHIACCHIO — Versos.
h) ARLINDO FRAGOSO. XAVIER MARQUES. CARNEIRO RIBEIRO. ALOYSIO DE CARVALHO — Discursos.
i) GONÇALO MONIZ — João Gualberto de Passos.
j) PINTO DE CARVALHO — Alfredo Britto.
k) NOTAS E DOCUMENTOS.

LIVRARIA MODERNA
DE
Edgard Loureiro
Rua Mont'Alverne n. 7 (Sé)
Tel. 6497
Bahia

BAHIA
IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO
Rua da Misericordia n. 1

1930

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS

Com o presente numero entra a "Revista da Academia de Letras da Bahia" em sua phase de realidade. Velha e legitima aspiração dos espiritos que a formaram, hesitou, varios annos, nos tropeços e estorvos, que soem perturbar os surtos de publicações do genero. Não se compreendiam os empenhos duma tentativa publicitaria que tal, sem a correlata necessidade que a indicasse, não só quanto ao trabalho literario a registar, senão, ainda, e principalmente, quanto ao publico leitor que a acolhesse.

Com o tempo, todavia, esses elementos se têm concretizado em tanta maneira, que se já não coaduna a existencia fecunda de uma Academia, com a inexistencia de uma Revista, que lhe seja o repositorio, o indice, o porta-voz documental de seu prestigio e de seu labor. Ahi temos, pois, o primeiro numero da nossa Revista.

Com ella, integram-se funcções academicas do melhor tomo. Realizam-se objectivos da melhor cêpa. Effectivam-se projectos da melhor opportunidade. E pratica-se, por fim, o que deveras nos faltava praticar, no sentido de dotar as nossas letras, carentes cada vez mais de estimulos valedores, de uma força de cohesão intellectual, de disciplina educativa, de cultura progressiva. Nem de outra forma agem as outras companhias do mesmo vulto, procedendo á recolta do que nomes illustres produzam á sombra de seus muros academicos, e archivando, quando mais não seja, para futuras reconstituições historicas, literarias, os productos dispersos, e quiçá esquecidos, no roldão impiedoso do tempo.

Estamos com aquelles que exigem dos homens de letras, não apenas o rotulo decorativo, de simples lembrete ás preferencias voluveis da notoriedade sem exame. Mas, do mesmo passo, provas materiaes de mentalidade creadora, em qualquer dos ramos diversos da cultura geral. Se não houver, porem, onde, como, e porque se possam evidenciar essas actividades liberrimas do espirito, certo, hão de pesar sobre as cabeças pensantes de um nucleo de selecção e de primor as pechas da inercia e da esterilidade, se não da displicencia e do inutilismo, que são os labéos costumeiros atirados á culpa das Academias de Letras.

Não se poderá dizer de nós, que somos inactivos. Que somos inertes. Que somos indifferentes. Trabalhamos. Creamos. Publicamos. Eis aqui está a nossa tarefa Eis aqui está o nosso mostruario. Eis aqui está o nosso esforço. Documentação collectiva, é claro. Porque, isoladamente, cada academico, não porque o seja, ou queira prová-lo, realiza, a seu modo e do seu sitio, na galeria das letras brasileiras, o seu tanto de efficiencia, ou na cathedra, ou no livro, ou na imprensa, ou nas letras. Qualidades, até, condicionaes de ser academico, são de ter precedentes editoriaes. Não são, portanto, as nossas paginas, as unicas evidencias dos meritos intellectivos daquelles que as compõem. Não aspiram a revelações tardias. Não desejam comprovações serodias. Não querem glorias ineditas. Tentam, sim, coordenar, vehicular, facilitar manifestações da intelligencia, da cultura e do saber, fomentando o gosto publico pelas bôas causas, estimulando o carinho pelas tradições dynamicas da literatura, da patria e da raça, garantindo a vitalidade do nome da Bahia, no conjunto das emulações nobres pela conservação do brio, da honra e do valor das nossas glorias.

A nossa Revista chega justamente num periodo de lutas magnificas no scenario das letras. Atravessamos uma epoca de renovações. O instincto do novo, que é o caracteristico de todos os movimentos literarios, lavra, intenso, largo, e fundo, no campo das competições entre o passado e o presente. Não podemos participar, a gritos de escandalo, dessa trepidação confusa de ideas ainda mal definidas. A nossa attitude é espectante, sem ser indifferente. E' tolerante, sem ser passiva. Queremos o novo, o

melhor, o maior das possibilidades efficazes. O typo de conservantismo, em funcção de melhoria, é o que nos convem. Que velhos e moços se congreguem no alevantado intuito das soluções capazes. eis o nosso legitimo empenho. Cenaculos, grupos, clubes, associações, circulos, centros, todas as formas de reunião regular dos trabalhadores de ideas, não são mais do que outras tantas academias, que somente se differenciam dessas a quem visam os remoques da praxe, pela natureza das leis que as regem. Aquellas, mais liberaes, mais folgadas, mais amplas. Essas, mais rigidas, mais coercitivas, mais exigentes. Por isso mesmo, mais eternas. Nem por outra causa se lhes chamam de "immortaes" aos seus componentes.

A nossa Revista está cheia dos propositos tolerantes que alimentam os seus responsaveis academicos. Queremos que a Academia de Letras da Bahia seja uma verdade palpitante, dentro dos moldes conservadores, mas activos, da nossa mentalidade contemporanea. E eil-a ahi está. E estará.

A Fundação da Academia

Deve-se a Arlindo Fragoso o movimento inicial em prol da creação da Academia de Letras da Bahia.

Consoante o noticiario do *Diario Official* da epoca — noticiario redigido sob as vistas de Arlindo Fragoso e, portanto, exactissimo — são estes os documentos attestadores da origem della.

Lê-se no *Diario Official* do Estado de 6 de Março de 1917, com titulo em destaque, a seguinte noticia:

"ACADEMIA DE LETRAS

O Sr. Dr. Arlindo Fragoso, tendo em vista, ou definitivamente realizada, a idéa da fundação da Academia de Letras da Bahia, procurou pessoalmente o Sr. Dr. Governador do Estado, a quem expôz o seu pensamento a respeito, pedindo ao mesmo tempo a S. Exa. o seu alto e indispensavel patrocinio.

S. Exa., o Sr. Dr. Governador mostrou-se favoravel á idéa que reputou não só opportuna, como digna da Bahia.

Depois disto, o Dr. Arlindo Fragoso, de accordo com plano que traçara, dirigiu a seguinte carta a trinta e seis homens de lettras, escriptores, jornalistas e scientistas da Bahia.

Eis a carta:

"Bahia, 2 de Março de 1917.

Exmo. Sr. — Tenho a honra de solicitar, como fineza que muito saberei agradecer, o comparecimento de V. Exa. á reunião

que, em 7 do corrente, deverá ser realizada ás 8 horas da noite na sala das sessões dos Srs. Deputados, á Ladeira da Praça, para o fim especial de se instituir com limitado numero de representantes, e sob o alto patrocinio, que é justo presumir não lhe faltará, do Governo do Estado, uma associação de homens de letras, em cujo quadro não me era licito esquecer o nome de V. Exa. que as tem servido com indiscutivel realce.

Nenhuma condição de escola ou doutrina ou preferencia de idéas politicas, religiosas ou philosophicas impedirá o funccionamento da nova sociedade, que, reunindo espiritos superiores, terá como irreductivel dever o mais absoluto respeito á independencia mental dos que deverão compôl-a.

Digne-se V. Exa. acceitar por tão distincto obsequio o testemunho veraz do meu mais sincero reconhecimento.

Arlindo Fragoso".

O Sr. Dr. Arlindo Fragoso dirigiu ainda a 7 outros homens de letras, o seguinte telegramma:

"Tendo em vista com o apoio de illustres homens de letras filhos deste Estado, a idéa de propôr em 7 do corrente mez a fundação, nesta cidade, da Academia de Letras da Bahia, a que, de certo, o Governo do Estado não recusará o seu alto patrocinio, não me é licito deixar de indicar, e com justa ufania, para o quadro dos que devem compôl-a, o considerado nome de V. Exa., a quem, seguro do accordo que peço, e será para mim grande honra, antecipo. com as mais affectuosas saudações, os testemunhos do meu devido e sincero reconhecimento".

Os nomes dos Patronos das diversas Cadeiras escolhidos, a partir de 1567 até a época presente, são os seguintes:

1) Frei Vicente do Salvador.
2) Gregorio de Mattos Guerra.
3) Manoel Botelho de Oliveira.

4) Sebastião da Rocha Pitta.
5) Luiz Antonio de Oliveira Mendes.
6) Alexandre Rodrigues Ferreira.
7) Visconde de Cayrú.
8) Cypriano Barata de Almeida.
9) Antonio Ferreira França.
10) Visconde da Pedra Branca.
11) José Lino Coitinho.
12) Visconde de Jequitinhonha.
13) Marquez de Abrantes.
14) Visconde de Caravellas.
15) Francisco Moniz Barretto.
16) Visconde de S. Lourenço.
17) Angelo Moniz da Silva Ferraz.
18) José Thomaz Nabuco de Araujo.
19) Antonio Ferrão Moniz.
20) Zacharias de Góes e Vasconcellos.
21) Barão de Cotegipe.
22) Barão da Villa da Barra.
23) Visconde do Rio Branco.
24) Luiz Alvares do Santos.
25) Demetrio Cyriaco Tourinho.
26) D. Antonio de Macêdo Costa.
27) Francisco Rodrigues da Silva.
28) Luiz J. Junqueira Freire.
29) Agrario de Souza Menezes.
30) Joaquim Monteiro Caminhoá.
31) Bellarmino Barretto.
32) André Pinto Rebouças.
33) Antonio de Castro Alves.
34) Domingos Guedes Cabral.
35) Manoel Victorino Pereira.
36) Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha.
37) João Baptista de Castro Rebello.
38) Alfredo Britto.
39) Francisco de Castro.
40) Francisco Mangabeira.

As 40 cadeiras, cuja indicação está feita, serão occupadas — 33 por bahianos residentes na Bahia, 4 por bahianos não residentes na Bahia, e 3 por brasileiros que, não sendo filhos deste Estado, por tal fórma se tenham identificado com elle que seria iniquo, pelo facto accidental do nascimento, excluil-os do numero dos bons servidores da Bahia..

Sabemos que logo na primeira reunião será proposta como insignia a seguinte: uma medalha de ouro, tendo no verso, ao alto, numa cercadura simples, o seguinte dizer: "Academia de Letras da Bahia", e em baixo, em latim, a seguinte legenda: "Servir á Patria honrando as letras". No centro, na parte superior, estará o Cruzeiro do Sul; e em baixo, em perspectiva, o trecho da Capital da Bahia, que se vae do mar á collina superior, comprehendendo a rotunda da antiga alfandega e o elevador Lacerda. No reverso, as armas do Estado da Bahia, numa cercadura de fumo e café. A medalha penderá de uma fita branca de gorgurão, em cujo centro, em dois pequenos rectangulos, se verão as côres nacionaes. Esta medalha será usada nas occasiões solennes. Para as outras occasiões, o distinctivo será um botão em gorgurão branco, tendo ao centro um pequeno circulo com as côres nacionaes.

O Sr. Dr. Arlindo Fragoso pediu ao Sr. Dr. Governador que lhe concedesse o seu accordo para ser em 7 do corrente a reunião, porque nesse dia, no anno de 1724, o Sr. Conde de Sabugosa, 39.º Governador da Bahia, fundou a Academia Brasilica dos Esquecidos".

* * *

Tres dias depois, isto é, na sua edição de 9 de Março de 1917, era pelo mesmo *Diario Official* noticiada a primeira reunião dos academicos, nos termos que se seguem:

"ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Consoante circumstanciada noticia que demos em edição anterior, reuniram-se ante-hontem, á noite, na sala das sessões da Camara dos Deputados, os cidadãos convidados pelo Sr. Dr. Arlindo Fragoso, para constituirem a Academia de Letras da Bahia.

Presidiu a reunião o Sr. Dr. Antonio Moniz, Governador do Estado, que ficou secretariado pelos Srs. Xavier Marques e Carneiro Ribeiro.

O Sr. Dr. Arlindo Fragoso apresentou a lista dos patronos das quarenta cadeiras creadas e propôz os nomes dos seus occupantes, que foram approvados.

O Sr. Dr. Garcez Fróes propôz a substituição do seu nome pelo do Dr. Arlindo Fragoso, que não figurava na lista. O Dr. Bernardino de Souza alvitrou a creação de mais uma cadeira, extraordinaria, cujo patrono seria Manoel Alves Branco e occupante o Sr. Dr. Arlindo Fragoso. Foi idéa vencedora e assim ficou resolvido pela assembléa

O Sr. Dr. Antonio Moniz indicou para presidente da nova instituição o Sr. Dr .Ernesto Carneiro Ribeiro, que foi acclamado. O Sr. presidente indicou, então, funccionarios para os demais cargos, que, igualmente, foram acclamados. São elles os seguintes:

1.º Vice-Presidente, Dr. Gonçalo Moniz; 2.º dito, Dr. Pacifico Pereira; 1.º Secretario, Dr. Arlindo Fragoso; 2.º dito, Sr. Xavier Marques; Thesoureiro, Sr. Torquato Bahia.

Outras medidas, attinentes á sua economia interna foram adoptadas pela Academia.

Ficaram assim constituidas as quarenta e uma cadeiras da Academia de Letras da Bahia, havendo ligeira modificação na lista que anteriormente houveramos publicado:

1—Frei Vicente do Salvador, José de Oliveira Campos;
2—Gregorio de Mattos Guerra, Aloysio Lopes Pereira de Carvalho;
3—Manoel Botelho de Oliveira, Arthur de Salles;
4—Sebastião da Rocha Pitta, Braz Hermenegildo do Amaral;
5—Luiz Antonio de Oliveira Mendes, Carlos Chiacchio;
6—Alexandre Rodrigues Ferreira, Manoel A. Pirajá da Silva;
7—Visconde de Cayrú, Ernesto Carneiro Ribeiro;

8—Cypriano José Barata de Almeida, Luiz Anselmo da Fonseca;

9—Antonio Ferreira França, José Alfredo de Campos França;

10—José Lino Coitinho, Antonio Moniz Sodré de Aragão;

11—Visconde de Jequitinhonha, Antonio Ferrão Moniz de Aragão;

12—Marquez de Abrantes, Miguel Calmon du Pin e Almeida;

13—Francisco Moniz Barretto, Egas Moniz Barretto de Aragão;

14—Visconde de S. Lourenço, Bernardino José de Souza;

15—Angelo Moniz da Silva Ferraz, Octaviano Moniz Barretto;

16—José Thomaz Nabuco de Araujo, Eduardo Godinho Espinola;

17—Antonio Ferrão Moniz, Gonçalo Moniz Sodré de Aragão;

18—Zacharias de Góes e Vasconcellos, José Joaquim Seabra;

19—Barão de Cotegipe, Severino dos Santos Vieira;

20—Augusto Teixeira de Freitas, Carlos Gonçalves Ribeiro;

21—Barão da Villa da Barra, Filinto Justiniano Ferreira Bastos;

22—Visconde do Rio Branco, Ruy Barbosa;

23—Antonio Januario de Faria, João Americo Garcez Fróes;

24—Demetrio Cyriaco Tourinho, Luiz Pinto de Carvalho;

25—Pedro Eunapio da Silva Deiró, Julio Afranio Peixoto;

26—D. Antonio de Macedo Costa, José Cupertino de Lacerda;

27—Francisco Rodrigues da Silva, Frederico de Castro Rebello;

28—Luiz José Junqueira Freire, Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo;

29—Agrario de Souza Menezes, Antonio Alexandre Borges dos Reis;

30—Joaquim Monteiro Caminhoá, Antonio do Prado Valladares;

31—Bellarmino Barretto, Ernesto Simões Filho;

32—André Pinto Rebouças, Theodoro Sampaio;

33—Antonio de Castro Alves, Francisco Xavier Ferreira Marques;

34—Domingos Guedes Cabral, Virgilio de Lemos;

35—Manoel Victorino Pereira, Antonio Pacifico Pereira;

36—Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha, Affonso de Castro Rebello;

37—João Baptista de Castro Rebello, Almachio Diniz Gonçalves;

38—Alfredo Britto, Oscar Freire de Carvalho;

39—Francisco de Castro, Clementino da Rocha Fraga;

40—Francisco Mangabeira, Octavio Mangabeira;

41—Manoel Alves Branco, Arlindo Coelho Fragoso".

* * *

Houve ainda durante o mez de Março de 1917 mais tres sessões, a primeira e a terceira das quaes celebradas na sala da Camara dos Deputados e a segunda no salão nobre do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Foi a Academia installada, com a mais pomposa solennidade, a 10 de Abril de 1917, no salão nobre da Camara dos Deputados, que então funccionava em o predio de n. 19 á Ladeira da Praça (Rua Visconde do Rio Branco), tendo o *Diario Official* do dia seguinte feito a publicação dos discursos pronunciados no acto da installação precedidos da seguinte noticia:

"ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Installou-se, hontem, com o maximo brilho e perante uma selecta e numerosa assistencia, a Academia de Letras da Bahia.

A's 8 1|2 horas da noite o Sr. Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro abre a sessão e convida o Sr. Dr. Antonio Moniz, Governador do Estado para presidil-a.

Accedendo, S. Exa. assume a presidencia e dá a palavra ao Dr. Arlindo Fragoso.

Falaram depois os Srs. Xavier Marques e Drs. Affonso de Castro Rebello, José de Oliveira Campos e Carneiro Ribeiro".

Arlindo Fragoso

UMA GRANDE OBRA

Ao reler hoje o "Espirito dos... Outros", de Arlindo Fragoso, lembra-me o que, a proposito delle, em tempos idos, disse eu, á maneira de noticia. Dizia: — abri esse livro, satisfeito de mim, por ter aberto um bom livro, na essencia e na forma, ambas, de mais apurado quilate vernaculo e da mais segura fonte erudita, tão proprias qualidades, essas, do fulgurante espirito que foi esse victorioso nome de intellectual de consagrados meritos. Acho-lhe ainda, em leitura tão afastada da epoca em que foi editado, o mesmo interesse. E' uma collectanea de chronicas modernas, todas de agrado rapido e facil, versando variados themas, suggeridos pelos casos, os ridiculos, os flagrantes do dia a dia social, e em torno dos quaes o autor tecia sempre uma enfiada de anecdotas com allusões de "arte, de historia, de critica", applicando com exito humoristico a cada sainete quotidiano o commentario justo. A nota preferencial, todavia, da penna de *Piron Junior*, tal era o pseudonymo de Arlindo Fragoso, quando collaborador do "Jornal de Noticias", de Aloysio de Carvalho, a quem é dedicado o livro, está nestas palavras concisas de Xavier Marquaes, prefaciador do "Espirito dos... outros". "Nestas paginas brincalhonas, onde tantas intenções se dissimulam com arteirice e elegancia, folgará o leitor de encontrar quem o desforre das sem-saborias da comedia social, sobretudo das estroinices em que a politica da nossa joven republica se tem extraviado das regras de bem viver". Assim pondera Xavier Marques, a proposito da obra.

E é isso mesmo. Arlindo Fragoso feria de preferencia no seu fluente estilo, de francos pendores classicos, os costumes politicos da epoca feria "sem acerbidade no remoque, sem personalidade no talhar de carapuças". Tudo no cuidadoso entono de fino cavalheiro, habil nos torneios da ironia feita luva, como no acepilhar da idéa feita gume. Era um attico da intelligencia. Por isso mesmo não poderia ter causado grande impressão nos meios politicos que desestimam as subtilezas dos engenhos ironicos, antes prezam o chocalhar das grossas palavras de pornéa. Mas é um encanto voltar os olhos para essas paginas de esforços vãos de ourivesaria. E medir a distancia dos habitos predatorios das polemicas ruidantes do tempo, para essas chroniquêtas leves de humor, gozador de tormentozinhos á flor da pelle de suas victimas. Arlindo Fragoso primava por esse aspecto.

Mas o que, ao ler esses buliçosos trechos, me está lembrando é a feição omnimoda do espirito, não dos outros, mas do seu proprio espirito. Talento polymorpho. Por onde andasse, o mesmo lavor. Em literatura, em politica, em agricultura, em instrucção, em finanças, em engenharia, em sciencia, em arte, em summa em qualquer que fosse o rumo do saber humano, o mesmo era o brilho, a mesma era a clareza, o mesmo era o poder multiplo do artista, do orador, do critico, do jornalista, do engenheiro, de chronista, do humorista. Não sei de capacidade maior, no seu tempo e no seu meio, para florear os mais variados conhecimentos, os mais independentes assumptos, as mais diversas theses, os mais autonomos problemas. Arlindo Fragoso era positivamente um assombro de versatilidade intellectual. Não conseguiu por natureza mesma dessa sua compleição erratica e multipla concretizar em uma obra especial os seus dotes raros de homem de letras. Foi um perdulario. Foi um desperdiçador de energias. Foi um dispersivo de forças. A' mingoa dessa unidade necessaria no julgamento de um homem publico, a sua personalidade cabeceou entre as inquietações da duvida acerca de seus valores. Muitos poderão objectar, e com algo de razão convincente, que a sua obra não lhe justifica a nomeada.

Contesta-a, até. Mas se attendermos em que, semeador incauto, nunca lhe passou pela mente a idéa do futuro de seu nome,

e apenas se contentava com os prazeres faceis da fama immediata, teremos admittido o desapreço a que entregou, até aos fins de sua carreira publica, o acervo esparso de seus trabalhos, os quaes, no entanto, se bem seleccionados, do ponto de vista literario, scientifico, ou critico, sem as marcas do ephemero das paixões, dos odios e das luctas que não constroem, dariam uma exuberante prova de sua forte qualidade creadora, infelizmente mergulhada no esquecimento cruel a que estão talhados os espiritos irregulares do nosso provincianismo mental. A simples citação succinta de seus trabalhos explica e orienta o criterio desta selecção, se acaso queira algum paciente pesquisador realizá-la, não só quanto á disparidade admiravel das materias, senão ainda quanto á sua extraordinaria fecundidade mental. Sigamos um processo chronologico de notas, que colhemos de fontes authenticas. *Estudo sobre a analyse cinematica* (1887). *Instrucção popular — O Instituto Municipal* (1893). *Administração Municipal de Santo Amaro* (1893). *Ensino Agricola — Escola Agricola da Bahia* (1893). *Programma dos Cursos da Escola Agricola* (1893). *O Municipio de Santo Amaro* (1896). *Seguros sobre a vida* (1900). *Bahia cabralia (prefacio á obra do Major Salvador Pires)* (1900). *Portugal (prefacio aos discursos do Dr. José Augusto de Magalhães* (1904). *Minhas opiniões sobre a Éclairage* (1906). *Agua e esgotos na Bahia* (1906). *Mobilias escolares, parecer approvado pelo Congresso Superior do Ensino da Bahia* (1907). *Guerra do Paraguay, prefacio á obra de Lemos Britto* (1907). *Boletim do Ministerio da Viação* (1909). *O Museu-escola, memoria apresentada ao 3.º Congresso de Instrucção reunido na Bahia e aprovado com louvor* (1913). *Os emprestimos do Estado da Bahia* (1915). *Notas economicas e financeiras* (1916). *O Instituto Polytechnico, relatorio* (1917). *O Espirito dos... Outros* (1917). Trabalhos, esses, todos publicados. A sair, porem, havia estes, que ficaram em promessa: *"Municipio da Capital. Situação de suas finanças. Discurso de abertura no Congresso de Instrucção de* 1913, *na Bahia.* Assim como outros em preparação: collectanea de trabalhos publicados em jornaes e revistas, *Discursos na Maçonaria* (Bahia, Rio e S. Paulo). *Discursos politicos e academicos, Conferencias e estudos, Polemicas e chronicas,* emfim, todo o disperso lote de obras da imprensa em que assiduamente lidou Arlindo Fragoso. Está visto que pouco, bem pouco será digno do tempo que vivemos. Mas esse mesmo pouco demonstrará o valor incontestavel de um dos mais brilhantes talentos que a Bahia tem produzido.

Ademais. E' preciso considerar que a obra de um homem não se cinge apenas ao numero de paginas impressas. Ha obras duradouras sem palavras. São obras da acção. As obras que ahi ficam no anonymato eterno, mas vivedouras graças ao seu estimulador, seu creador, seu iniciador. Arlindo Fragoso era um organizador social de pulso, alem de fecundo escriptor de ideas. A sua energia realizadora faz-se relevante no meio que guarda o seu nome em relevo de obras e sociedades, que delineou, estatuiu, estabeleceu. Ahi está o "Instituto Polytechnico da Bahia". Ahi estão os primeiros edificios publicos de nota, como "O Diario Official", etc., etc., e por fim "A Academia de Letras da Bahia". Fundou jornaes. Amparou instituições. Foi a intelligencia reconstructiva de uma era de melhoramentos materiaes para a Bahia. Não importam outros aspectos da sua actuação administrativa.

O que importa é reconhecer como a melhor justiça o seu grande papel de sonhador e estheta de uma cidade que modorrava na podridão das vielas e betesgas desaprumadas, quando, por lá fóra, se erguiam tectos magnificos e se rasgavam avenidas desafogadoras. Pode a analyse historica negar-lhe tudo. Mas é impossivel negar-lhe o impulso de belleza necessaria que animava o seu pulso de homem de sonhos, de idéas e de acção.

CARLOS CHIACCHIO

Luiz Vilhena

Communicação feita á Academia de Letras da Bahia em 24 de Outubro de 1917

Existe na Bibliotheca Nacional um livro manuscripto sob o numero 2544 que figura na collecção José Carlos Rodrigues.

Todos sabem que a bibliotheca deste cultor das letras e collecionador tem preciosidades, especialmente no que diz respeito ao Brasil. e que foi ha pouco tempo comprada pelo Sr. Ottoni ao seu possuidor e offerecida á Bibliotheca Nacional, isto é, ao Brasil, constituindo para o nosso paiz o que se póde chamar um presente regio.

O 2544 é um precioso livro porque é uma perfeitissima descripção inedita da Bahia em o seculo 18.º.

Poucas, muito poucas pessoas, conhecem este diamante, ainda na mina.

Eu o tive nas mãos e, no que precisei delle, achei-o completo e seguro.

O Sr. Capistrano de Abreu, talvez o unico brazileiro que o tem lido todo, declara ser este trabalho o mais perfeito que tem visto sobre a Bahia antiga.

Esta joia literaria gosa, portanto, do direito de occupar a attenção dos illustres academicos neste tempo que lhes estou tomando, porque é um trabalho de alto valor literario, ainda desconhecido para o publico.

O seu auctor, que, segundo o costume dos escriptores do seculo 18.º, usava um nome de phantasia na Arcadia das Letras,

assignou "Amador Verissimo de Aleteya" e o livro foi dirigido a "Filopono".

Tem escripta no frontespicio a seguinte indicação: Feita e ordenada para serem elementos na parte que convier para a Historia do Brasil.

A um lado se encontra o nome do auctor fóra da Arcadia: Luiz dos Santos Vilhena.

O livro manuscripto de Luiz Vilhena foi dedicado pelo seu auctor ao principe regente D. João, mais tarde rei D. João VI, em 1802.

O principe o offereceu, segundo é de presumir, ao seu illustre ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, tão dedicado ás cousas do Brasil.

Informaram-me que em um leilão feito na cidade de Lisboa, no correr do seculo 19.º, foi o manuscripto vendido por cem mil réis, moeda forte.

O embaixador Assis Brasil, tendo conhecimento da importancia da obra para a nossa patria, chegou a offerecer por ella quatrocentos mil réis, moeda forte, sem que o seu possuidor quizesse cedel-a.

O Sr. José Carlos Rodrigues comprou-a, conforme disseram-me, por cem libras esterlinas e a tinha como um dos thesouros e raridades da sua collecção.

Na Bibliotheca Nacional dão ao manuscripto o valor estimativo de doze a quinze contos de réis.

Já disse por que motivos este trabalho literario pertence hoje, ao Governo Brasileiro.

O Governo da Bahia, por accordo entre os nossos confrades os Srs. Seabra, Antonio Moniz e Gonçalo Moniz, trata de obter uma copia do manuscripto e, se não fôr o trabalho impresso na integra, delle terão conhecimento em parte os illustres academicos e o publico, porque eu pretendo pedir licença ao nosso presidente de hoje, o digno Sr. Secretario do Interior, para aproveitar da obra de Vilhena extractos numerosos, afim de illustrar com elles as annotações que estou fazendo ás Memorias Historicas e Politicas de Accioly.

Resta agora desvendar outra questão, afim de que fique um pouco mais esclarecida esta noticia.

Quem foi Luiz Vilhena?

Pensei prestar á Bahia e a esta Academia um serviço, na noite em que trouxe aqui alguns dados e informes sobre Francisco de Mendonça Mar ou o Padre Francisco da Soledade, o fundador da capella do Bom Jesus da Lapa, do hospital para peregrinos a ella annexo e da celebre romaria que até hoje para alli se dirige, de todos os sertões do Brasil, trabalho que dei para o primeiro numero da Revista da Academia.

Supponho continuar a mesma obrigação, honesta e singelamente, tirando da obscuridade, em que tão injustamente tem permanecido, este cultor das letras que dedicou á nossa terra da Bahia muitos annos de labôr intellectual e que deixou uma obra na qual temos todos muito a aprender.

Sobre Vilhena não ha no livro manuscripto n. 2544 qualquer indicação.

O literato na sua obra só deixou o nome, mas não figura elle na lista dos que se dedicaram ás letras em nossa terra; e affirmaram-me na Bibliotheca Nacional, que o proprio José Carlos Rodrigues não conhecia outra informação sobre o auctor do livro offerecido ao principe D. João.

Os historiadores do Brasil não o citam, porque não conheceram o seu trabalho, guardado na bibliotheca dos Condes de Linhares, como o trabalho de Fr. Vicente do Salvador e de Gabriel Soares estiveram ineditos e desconhecidos até ha poucos annos, nos archivos portuguezes.

Pela gratidão que devemos como brasileiros a estes homens que tanto pensaram pela nossa terra, eu venho pedir seja collocado Luiz Vilhena, após as necessarias averiguações, na mesma galeria illustre em que já estão Pero Gandavo, Gabriel Soares, Fernão Cardim, Frei Vicente do Salvador, Rocha Pitta, Antonio Jaboatão e Ignacio Accioly e se consigne na acta a informação seguinte, sobre o escriptor que foi na Arcadia Amador Verissimo Aleteya e na Bahia Luiz dos Santos Vilhena.

Elle foi um modesto professor.

Se os outros motivos já apontados não me levassem a esta

reivindicação, que ora faço, em favor da memoria de Luiz Vilhena, haveria a sympathia da classe a que tambem pertenci e á qual dediquei muitos annos da minha juventude, antes devo dizer, mais de metade da minha existencia, e da qual me acho hoje separado.

Luiz Vilhena, que era provavelmente portuguez, foi na Bahia professor de lingua grega e aqui passou muitos annos, pois tinha sido provido na sua cadeira em 1787 e em 1798 pediu fosse prorogado por outro periodo de seis annos, igual ao da primeira investidura, o tempo em que devia servir.

Estava com certeza a trabalhar na sua obra, quando fez a petição que os illustres academicos vão ouvir:

"Sua Magestade manda remetter a V. S. a petiçam inclusa de Luiz Vilhena para que informe com o seu parecer, sobre o seu conteúdo e a respeito do merecimento do supplicante e se se faz digno da graça que supplica pelo seu anterior serviço.

Deus Guarde a V. S.

Palacio de Queluz, 24 de Setembro de 1798.

D. Rodrigo de Souza Coutinho.

Ao Sr. D. Fernando José de Portugal" — Archivo Publico da Bahia, livro 80. Cartas regias — 1798.

"Senhor — Diz Luiz dos Santos Vilhena que, tendo-lhe V. Magestade feito a graça da Propriedade do Emprego de Professor da Cadeira de Lingua Grega da Cidade da Bahia, por sua Real Resolução de 7 de Maio de 1787, de que lhe mandou passar carta, em 22 do mesmo mez e anno, com o onus de voltar esta á Apostilla no fim de seis annos; o que executando, em lugar da sua carta, lhe mandou a Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros, então existente, passar a Provisão que por certidão junta, em que lhe proroga outros seis annos para poder continuar no mesmo Emprego, ou o tempo que decorrer em quanto na sua carta se lhe não lavra a Apostilla; e apesar de ser esta prorogação que deve prevalecer, como se approxima o termo de seis annos no fim dos quaes se podem suscitar duvidas prejudiciaes ao supplicante, que se verá na precisão de recorrer a V. Magestade, visto que não existe aquelle Regio Tribunal, donde emanou aquella prorogação de tempo,

attendendo pois a incerteza e demora nas viagens da Europa para America lhe o motivo porque desde já Pede a V. Magestade seja Servida fazer-lhe a graça de prorogar-lhe mais tempo que for do seu Real Beneplacito para poder continuar ao Serviço de Sua Magestade, com a mesma honra, zelo e prestimo com que até agora o tem feito.

E. R. Mercê — Como Procurador, João Antonio Fernandes Besteiro".

Archivo Publico, livro 80, ordens regias 1799.

Informação.

"Requer Luiz dos Santos Vilhena, Professor da Lingua Grega desta Cidade, que se lhe proroguem outros seis annos, para poder continuar no mesmo emprego, visto estar a findar o tempo "da Provisão", que obtivera da mesa da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, hoje extincta.

O supplicante sabe bem a lingua que ensina e tem muito bom comportamento; nos primeiros annos do meu Governo fizeram os seus discipulos alguns exames publicos, a que assisti; porém são poucos os que se querem applicar áquella lingua tão util para as Faculdades e sciencias, ainda que não absolutamente indispensavel e depois que se abrirão as recrutas ainda concorrem em muito menor numero, de sorte que pode ser, que me veja obrigado a exceptuar algumas, só afim de não o ter ocioso.

A vista do que pondero, pede a Sua Magestade de ordenar que o dito Professor continue a exercer o Seu Emprego, emquanto não mandar o contrario, ou empregal-o em alguma cadeira da mesma natureza na Côrte, ou no Reyno, visto que não considero semelhante Aula das mais necessarias, nesta cidade, principalmente mostrando a experiencia que a maior parte, dos que se applicão ao estudo desta lingua tão bella, se contentão com os primeiros principios que adquirem, sem os aperfeiçoarem, afim de satisfazerem meramente a obrigação, que é imposta pelos Estatutos, aos que cursão a Universidade de Coimbra.

Com esta informação satisfaço igualmente ao officio de V. Ex.ª d- 24 de Setembro do mesmo anno que acompanha outro egual requerimento do supplicante."

Esta informação é datada de 25 de Fevereiro de 1799.

Archivo Publico. Cartas para Sua Magestade de 1799.

Do que acabamos de ouvir concluimos que a Commissão do Exame de Censura de Livros funccionava na Bahia em 1793 e tinha o poder de passar provisões para prorogação do Exercicio dos professores publicos, mas que já não existia em 1799, de modo que era preciso ao professor requerer a sua reconducção ao governo directamente, o que fazia mediante informação do governador sobre o comportamento e capacidade do professor.

Em 16 de Dezembro de 1799, Luiz Vilhena embarcou para a Europa, com sua mulher, por haver obtido licença, para ir á Côrte, onde é de presumir que tivesse morrido.

Até agora nada mais apurei sobre Luiz Vilhena e o que por ventura alcançar sobre este digno confrade aqui trarei.

Os illustres academicos me desculparão de haver-lhes tomado tanto tempo para expôr este caso, levando em conta a convicção em que estou, de que se acha no circulo dos trabalhos desta instituição tratar de um facto como o presente que é o de um livro inedito, mais que secular, de assumpto brasileiro, especialmente bahiano e de autor, que não é conhecido nas letras patrias, mas que tem direito de o ser.

Mesmo que tenha havido exagero na apreciação que ahi fica só pela circumstancia de ser um livro inedito sobre a Bahia, devem merecer o nosso estudo e a nossa attenção este trabalho e este literato sobre os quaes estou acabando de fallar.

Braz do Amaral

Academia de Letras da Bahia

MEMORIA HISTORICA

7 de Março de 1917 *a 7 de Março de* 1919

Prescreve a alinea *d*, no paragrapho 2.º do artigo 10.º que deve apresentar o 2.º Secretario uma memoria historica dos acontecimentos do anno findo.

Tal a disposição dos nossos Estatutos a que estou procurando dar cumprimento, em virtude de me achar exercendo interinamente o cargo de 2.º Secretario.

Attendendo porém á circumstancia de não haver sido feita ainda a resenha da vida da nossa Academia nos dois annos decorridos, pensei que devia esta Memoria corresponder ao biennio, pelo que fiz nesta exposição o seguinte esboço, comprehendendo todo o periodo de que acabo de fallar.

A Academia de Letras da Bahia é a terceira tentativa que se faz aqui nesta terra para o estabelecimento de uma instituição como esta

As que a precederam tiveram existencia ephemera, tanto a Academia Brasilica dos Esquecidos, como a dos Renascidos, e quasi tudo o que ellas produziram se perdeu, restando-nos apenas fragmentos dellas, os quaes são entretanto de valor; a primeira fundada pelo vice-rei Vasco Fernandes Telles de Menezes, o celebre Conde de Sabugosa, a segunda fundada por inspiração

do Dr. José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, sob os auspicios do Conde dos Arcos. Desta nos deixou Jaboatão ideia, acerca dos trabalhos que emprehendeu, e de que elle mesmo foi um dos operarios.

Teve origem a nossa instituição na formosa intelligencia do Engenheiro Arlindo Coelho Fragoso, aquelle mesmo orador fluente e escriptor de aprimorado estylo que todos conhecemos, capaz da concisão de Tacito nos mais elevados assumptos, como de se estender, nos torneios e galas de uma elocução surprehendente, por fecunda, até por um ou muitos capitulos, sempre lido e ouvido com prazer, sobre qualquer objecto que se enuncia em tres palavras ou quatro.

Espirito atheniense, alternativamente homem de tribuna e de governo, conversador emerito e amavel, talento proteiforme e sempre vivaz, tanto na concepção como na feitura das cousas, delle sahiu, digno producto de tal engenho, o pensamento de crear a Academia de Letras da Bahia.

Reunimo-nos, a seu convite, em 7 de Março de 1917, ha justamente dois annos, nesta mesma sala.

Elle tinha confabulado com Xavier Marques, o nosso fino prosador e poeta, e tinha ouvido deste delicado e consciencioso literato as mais judiciosas e magistraes reflexões.

Tambem conversou largamente com algumas outras pessoas, entre as quaes o Sr. Governador do Estado.

Escolheu nas letras da Bahia passada os nomes dos patronos das cadeiras e escolheu entre os bahianos de agora os que se dedicam ás cousas da intelligencia para a occupação dessas cadeiras, devendo ser notado que entre os nomes illustres, muito numerosos da Bahia nas sciencias e letras, só tirou quarenta, por serem tantas as cadeiras, pois que muitos mais são os que poderiam com justiça ser patronos dellas.

Tal o motivo da reunião em que, acceitando este honroso patronato, nos compromettemos a continuar o esforço e a manter o fulgôr daquelles nomes tradicionaes da Bahia antiga.

Havia o fundador posto a sua pessoa modestamente de parte, fóra da Academia, mas o illustre academico Garcez Fróes

offereceu para isto resignar a sua cadeira, afim de que não deixasse de ter um lugar nesta Assembléa o seu instituidor.

Não foi acceito este generoso alvitre e sim o de ser creada mais uma cadeira, a de Manoel Alves Branco, 2.º Visconde de Caravellas, afim de ser occupada por Arlindo Fragoso, a qual devia desapparecer, quando, por occasião do fallecimento de algum dos academicos, fosse o digno organizador deste cenaculo occupar o lugar que deixasse o morto, ficando entendido não deixar, por tal facto, de reconhecer a Academia o valor e o merecimento de Alves Branco, bahiano illustre por muitos titulos.

E como o primeiro fallecido foi o illustre academico Severino Vieira, passou para a cadeira Barão de Cotegipe, 19.º, o academico Arlindo Fragoso, pelo que desappareceu a cadeira Alves Branco, supranumeraria, e permaneceu a Academia com as quarenta cadeiras que haviam constituido o todo della, na sua creação.

Foi nesse mesmo dia eleita e empossada a Directoria que constitue a Mesa, tendo ainda esta denominação, pois se tratava apenas de dirigir os trabalhos.

Em 16 de Março, dia marcado para a sessão immediata, na qual deviam ser apresentados em projecto os Estatutos da Academia de Letras pela Mesa, a quem havia a Assembléa commettido esse trabalho, foram á presença dos academicos os citados estatutos, seguindo-se discussões sobre os seus artigos, alguns dos quaes, foram modificados, sendo os estatutos da Academia approvados, mandados imprimir e cumprir.

Em 24 de Março, foi celebrada outra reunião para completar a votação das commissões permanentes, não terminada na sessão anterior, o que se fez nesta.

Foi realizada ainda uma sessão em que se tratou do modo de agir a Academia nos casos de perda das letras bahianas, pelo fallecimento de algum dos poetas ou escriptores patricios.

Em 10 de Abril se installou com solennidade a Academia, proferindo discursos os illustres academicos: Arlindo Fragoso, que terminou justificando a insignia adoptada por ella "Servir A Patria Honrando As Letras".

Seguiu-se-lhe o secretario Xavier Marques, orador official, que provou como as letras formam o expoente da vida dos povos e como as sociedades na sua marcha carecem de instituições como esta, que nellas exercem uma funcção social tão util quanto os mais efficazes agentes de progresso.

Falou depois o illustre academico presidente Ernesto Carneiro Ribeiro, que terminou o seu discurso, comparando aquella divisa de que se occupara o primeiro orador a outra divisa historica "In hoc signo vinces" dos christãos da Igreja militante, no declinio do paganismo e ao alvorecer da éra nova.

O illustre academico Affonso Castro Rebello, em allocução rapida e alevantada, expôz, após elle, o seu applauso a uma creação de intuitos tão nobres como esta, que se via chegar á realidade.

Por ultimo, o illustre academico Oliveira Campos estudou a individualidade dos patronos das cadeiras de um modo geral, e a sua influencia na literatura brazileira, salientando o esforço que tem feito por ella os filhos da Bahia.

Foi em 19 de Junho celebrada outra reunião em que se tratou das publicações das obras dos literatos que solicitarem este favor da Academia, assim como do processo a seguir para verificação do valor das mesmas, afim de que seja util ao paiz o esforço empregado por esta instituição.

Foi por esse tempo que o Exmo. Governador do Estado, nosso confrade e illustre academico, Antonio Moniz, que já havia conseguido da Mesa da Camara dos Srs. Deputados funccionasse nesta sala a Academia, no que encontrou da parte da referida Mesa a mais fidalga acquiescencia, e fornecido a nossa instituição impressos, objectos de expediente, etc., solicitou ainda do Congresso Estadual fosse a Academia considerada de utilidade publica, o que foi pelo Congresso, levado a effeito, por uma lei que devemos agradecer, pois revela como o Corpo Legislativo recebeu com agrado a mensagem do Governo que lhe fez aquella solicitação.

Na noite de 26 de Junho, outra vez nos reunimos, sendo ouvida a leitura de um trabalho do academico Braz do Amaral sobre a peregrinação ao Bom Jesus da Lapa, celebre lugar de

romaria, situado á margem do rio S. Francisco, estudando a historia da gruta milagrosa para escoimal-a de lendas phantasticas que têm grande curso no paiz e entre os romeiros.

Em 15 de Julho, nos congregamos, sem poder realizar-se a eleição dos correspondentes, por não haver o numero de academicos exigidos para este fim pelos estatutos, o que veio a ser conseguido em 23 de Julho.

Tivemos outra reunião em 24 de Outubro, na qual foram rendidas as devidas homenagens á memoria do primeiro entre os confrades que desceu ao tumulo, o Dr. Severino dos Santos Vieira, pelo que vagou a 19.ª cadeira, Barão de Cotegipe, passando para ella o academico Arlindo Fragoso.

Ficou resolvido na mesma sessão que o illustre academico Carlos Ribeiro fizesse o elogio de Severino Vieira e o academico Arlindo Fragoso o de Alves Branco, como um preito de admiração e justiça ao merito de tão illustre bahiano.

Nesta occasião, o illustre academico Oliveira Campos entregou ao 1.º secretario duas biographias já escriptas por elle, uma de Alves Branco e outra do Barão de Cotegipe, para serem publicadas.

Na mesma sessão o academico Braz do Amaral leu um esboço biographico de Luiz dos Santos Vilhena, homem de letras que viveu aqui nos fins do seculo 18 e escreveu uma historia do Brasil, especialmente da Bahia, obra que já foi compulsada, manuscripta, pelo orador na Bibliotheca Nacional e que o mesmo academico reputa de muito apreço.

Na sua decima segunda sessão, em 30 de Novembro de 1917, encerrou a Academia os seus trabalhos.

No anno de 1918 esta instituição congregou por duas vezes os seus membros.

Em 8 de Maio aqui nos reunimos, sob a presidencia do primeiro secretario, fundador da Academia, para iniciar os nossos labores.

Declarou na mesma occasião o referido fundador que, tendo de seguir para o Rio de Janeiro, onde ia tomar assento no Congresso Federal, como Deputado eleito por este Estado, disso fazia participação á Assembléa.

Por tal motivo, o segundo secretario, Xavier Marques, passou a exercer as funcções de 1.º e foi o academico que está fallando convidado para occupar o logar de 2.º secretario, para substituir o thesoureiro que não estava presente e ao qual compete pelos estatutos esta substituição.

Em 7 de Agosto reuniu-se outra vez a Academia e deliberou adherir ao jubileu literario do eminente confrade, o illustre academico Ruy Barbosa que se celebrou no Rio de Janeiro, tomando para isso as devidas providencias.

Circumstancias de ordem superior impediram que se realisasse a sessão de 30 de Novembro, obrigatoria pela nossa lei basica para encerramento dos trabalhos.

Foi por esta razão convocada, já este anno, em 26 de Fevereiro, uma sessão extraordinaria na qual a mesa deu parte do fallecimento do prezado membro desta Academia, Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo, resolvendo a casa tributar-lhe as mesmas homenagens que haviam sido votadas para o academico Severino Vieira.

Tambem a mesa scientificou a Assembléa do passamento do magnifico poeta brasileiro e membro correspondente, Olavo Bilac.

Não se pôde nessa noite realizar a eleição da Directoria e commissões permanentes, pelo que foi convocada outra sessão em que isso se fez, na tarde de 28 de Fevereiro.

Em virtude das razões mencionadas, illustres academicos, é que sómente hoje, antes da posse dos recem-eleitos, faço esta exposição que tem o nome de Memoria Historica, porque é o que lhe dá o estatuto e não pela minucia e bôa redacção que devia ter e que lhe faltam.

Em 7 de Março de 1919.

Sala das sessões da Camara dos Srs. Deputados Estaduaes em que tambem se reune a Academia de Letras da Bahia.

BRAZ DO AMARAL

Poema dos Pés

Bêbê já tem intuição de beleza:
Leva os pés á boca, e os beija, enamorado.

A dansa é o namoro dos pés:
Elles se dizem coisas, que, lá em cima, ignoram,
E das quaes, depois, o coração leva a fama...

Compassam-se os pés, depois os sentimentos,
Depois as vontades... O accôrdo é amor.

Bons passos... máos passos... Não é a vida?
Tecem os pés a trama do destino...

Os pés falam e dizem o que sentem...
Ligeiros, ligeiros... lá vão a um rendez-vous de amor...
Quando esperam o amor, como esperam firmes!
Quando chega o amor, como custam estar de pé!
Lentamente, lentamente, vão a despedir-se...
Vão ao cemiterio... como vão tristes... tristes!...

Sapateado, musica dos pés...
Canta a bôca outras canções,
Mas sem o mesmo encanto.

A mulher, nem guardada a sete chaves...
Ao menos, o melhor, o pé, põe o chim num cofre de ferro...

Isabel, a Catholica, privou-se do Paraiso
Sem a extrema-unção, por não deixar seu velho confessor
Tocar-lhe os pés com os santos-oleos...
Todos os Fernandos serão gratos a tal pudor...

Ao acaso, sob a mesa, nossos pés se encontraram.
Retirei o meu, quasi pedindo perdão...
Mas o outro lá ficou, onde o meu o foi de novo procurar...
A face não mudou de expressão, mas houve um silencio,
Emquanto o pézinho se apertava entre os meus...

Cabeça inclinada. Busto erecto. Pernas traçadas,
Parece dormir. Parece uma estatua.
Move-se apenas, pulsa-lhe, a ponta do pé...
Basta que elle viva... se nelle bate o coração!

Se minha mão pudesse conter o mundo,
Não o quereria; basta-me contenha um pequenino pé...

Os pés são raizes... No principio firmes
Supportam o sopro do amor, beijos e abraços...
Mas se o vento é forte, cedem até ás raizes
E jazem, por terra, os troncos confundidos.

O corpo inteiro ama. Os olhos que se olham.
Mãos entrelaçadas. Beijos trocados.
Pés que se encontram e se mettem uns nos outros ..

A principio, dois a dois, juntos...
Depois, dois contra dois, defronte...
Finalmente, dois entre dois, misturados...
Tres preposições e um romance.

Quatro sapatos debaixo da mesma cama,
Casados dois a dois... Qual?! O casamento é em cima.

A' noite, no corredor do meu hotel,
Ouço-lhes, á porta dos quartos, as intimas confissões.
...Sapatinhos a sós, á espera de um dia futuro.
Botas tambem sós; pobre celibatario!
Graves sapatos... gravissimos sapatões, apartados... oh! o
[passado!
Sapatos jovens e botinas moças, juntos... oh! felicidade!
Passemos depressa, senão ouviremos os suspiros, que vêm de
[dentro dos quartos...

A morte e a vida... tudo e nada, entretanto,
Para definil-os, basta uma mesma imagem.
Amor, vida, pés separados. Morte, nada, pés juntos...

AFRANIO PEIXOTO

Mater

Do quebra-luz no circulo de ouro
Bordas...
E aos movimentos
Rhythmados lentos,
Desses teus dedos raros,
Modelados em nitido marfim,
Eu me quedo a sonhar... Tu me recordas,
O cabello em bandós, sedoso e louro,
O rosto de madona, os olhos claros
E a alvura do jasmim,
Velha estampa que tive e amei outrora:
Junto ao berço, velando.
De uma candeia á crepitante chamma,
Que oscilla e tremeluz,
A doce virgem-mãe, Nossa Senhora,
As estrias do linho desfiando,
Para tecer a trama
Que ha de vestir Jesus.

Do Jardim de Sombra e de Silencio

— Perdida a inspiração, morta a alegria,
Sem mais anseios, juvenis impulsos,
Como escalar o azul da phantasia,
De asas partidas e grilhões nos pulsos?

— Se a alma tens presa de intima tortura,
Se a veia te seccou da inspiração,
A um ramo a lyra inutil dependura,
Deixa apenas que fale o coração.

CASTRO REBELLO FILHO

Educação Politica

EM TORNO DE SEU ASPECTO MAIS URGENTE

Memoria apresentada á 2.ª Conferencia Nacional de Educação pelo Delegado da Bahia, Prof. Bernardino José de Souza.

A Directoria da Instrucção Publica do Estado da Bahia, attendendo ao appello do Exmo. Sr. Dr. Fernando de Magalhães, preclaro Presidente da Commissão da "Associação Brasileira de Educação", que promoveu a reunião da "Segunda Conferencia Nacional de Educação", ordenou-me escrevesse uma *Memoria* a respeito da these *d* do programma da mesma "Conferencia", a qual versa sobre "Educação Politica".

Linhas adiante ver-se-á o nada que poude fazer o meu devotamento de 23 annos á causa do ensino e da educação no Brasil. Suppre todavia a escassez de meus recursos intellectuaes a lisa sinceridade de palavras e conceitos, forjados no amago de meu coração profundamente brasileiro. Relevem-me os companheiros de cruzada a penuria de valores do meu trabalho.

A "A. B. E.", de que me honro de fazer parte em seu "Departamento da Bahia", é sabidamente indulgente para com todos os que se alistam em suas fileiras, fazendo apenas questão de sinceridade nas fainas. Todos sabem que, na propaganda da união dos brasileiros em torno da educação nacional, que tão longos esforços exige, ella acceita de bom gosto todas as collaborações, em pensamentos, em predicas, em recursos de capitaes, em dons de experiencia, tambem em auxilios de amor aos seus ideaes. Seja este o aspecto sob o qual se considere o meu trabalho.

"The true test of civilization is not the census, nor the sise of cities, nor the croóps, but the kind of man the country turns out". (Emerson).

* * *

A hora que passa é propicia para grandes commettimentos. Um forte sopro de reforma corre pelo mundo afóra. Processos de renovação são propostos em todos os ramos da vida civilizada. E' porque assim o digamos, o despertar de uma vida nova, a ampliação dos horizontes do progresso humano, tudo num anhelo de engrandecimento, de maiores conquistas, de mais firmes fundamentos para o dominio do homem sobre a natureza. O "mundo marcha" victoriosamente: apesar dos eclipses parciaes, a civilização resurge com fulgores novos. Tão certo é que as acções frustras do mal geram immediatamente os desejos vehementes do bem.

Attentar um minuto nessa vertigem transformadora é, sem duvida, no Brasil, demonstrar cuidados e preoccupações pelos seus destinos. E' dictado de elementar patriotismo. E o Brasil precisa urgentemente de uma reconstrucção ethica: exige-a o ideal de uma vida melhor, mais aproveitada, mais util, mais culta, mais feliz, mais digna de ser vivida.

Quem quer que pense nos problemas brasileiros ha de verificar, ao primeiro lance, que é flagrante o desequilibrio entre a cultura intellectual e a formação moral da nossa gente: por isso mesmo e antes do mais se nos impõe pugnar pela reorganização e diffusão do ensino, num bem medido parallelismo entre os valores intellectuaes e os valores moraes. A idéa é magnanima e merece o carinho dos homens de bôa vontade. Verdade irrecusavel é a de que, na organização dos nossos institutos de ensino de todos os gráos e categorias, o problema educativo tem sido relegado a um segundo plano, quando não ao completo descaso. Não é mal brasileiro. Não ha muito clamava, em Munich, contra essa desattenção um graduado daquelle *"standing army of scientific men"* da culta Allemanha. Entretanto é velho e revelho o axioma: "educação e instrucção são completamente solidarias como é o destino nacional".

No Brasil, a causa precipua desse lamentavel divorcio está em que em geral os mestres não são educadores na accepção integral da palavra, que juntem ás suas luzes e habilidades technicas, uma consagração amorosa ao officio sagrado, culminada pelos invariaveis exemplos de seu culto pela verdade, pela justiça e pela Patria. Este problema é muito serio: tem desvelado engenhos em todos os paizes que andam na vanguarda dos estudos pedagogicos, onde já se firmou o postulado de que a primeira diligencia educativa de um povo deve referir-se ao seu professorado. "Wanted a teacher", bradava em 1902 um pedagogo estadunidense, e Pablo Pizzurno dizia algum tempo depois á "Associação Nacional do Professorado" de Buenos Aires, que a maior parte dos problemas educacionaes ficariam de pé, emquanto se não resolvesse o do professor intellectual e moralmente capaz.

Estamos na mesma situação. Precisamos quanto antes de professores de verdadeira vocação para a carreira, instruidos, profissionalmente idoneos, de vontade segura, de alta moralidade, de espirito sereno e equanime, dedicados integralmente ao cumprimento de seu altissimo dever, a empenhar-lhe todas as forças de seu corpo e todas as energias de sua alma, de alma brasileira sobretudo, de feição que possam inspirar a seus discipulos profundo carinho e illimitado respeito.

Sem estas qualidades, sem o sentido real da sociedade em que desempenham a sua nobre missão, sem sentirem o paiz e a sua gente, taes como são, a todo o instante vivendo, por dizel-o, na intimidade da consciencia nacional, nunca, jamais poderão ser os mestres esculptores de consciencias livres, artifices ademais de corações brasileiros.

Os mestres não se improvisam. A sciencia pedagogica requer para elles condições multiplas, de caracter, de moral, de intelligencia, de alma sobretudo.

Formal-os é a primeira tarefa que se impõe a qualquer collectividade que se não contente de ter bellas leis, sem os elementos necessarios para cumpril-as.

Este é o nosso primeiro anhelo, que aqui deixamos esboçado, á guisa de um appello a quem de direito.

Preceito irretorquivel da educação integral é a exigencia do tratamento simultaneo e harmonico do cerebro, do corpo e do coração do educando. Effectivamente o ideal educativo é triplice, embora connexo e inseparavel: a formação de espiritos illuminados pela luz da sciencia, que só lela sabe modelar vontades plenas de capacidade vencedora; a formação de uma raça forte, vigorosa, perfeita, energica e que saiba usar esta energia, o que é indispensavel á luta pela vida; a formação da personalidade moral pela constante pratica da justiça, elevação do caracter e robusta consciencia da nacionalidade, condições primeiras para que o homem possa viver intensamente o seu tempo, dignificando a collectividade a que pertence e assegurando-lhe vida longa, livre e soberana. Tudo isso coordenado, equilibrado, coherente. Essa harmonia é que dá força, energia, felicidade, acaso gloria, ás raças e aos povos.

Não é de outro geito que se podem preparar cidadãos de uma democracia, homens que sejam unidades efficientes da sociedade. Jamais esquecemos as palavras do maior educador uruguayo, repetindo a lição de Daniel Webster: "As grandes necessidades de uma raça como a nossa são um corpo crescido em saúde desde os seus principios elementares: com força e vida activa em todas as partes; impassivel ao calor e ao frio e victorioso contra todas as vicissitudes das estações e das zonas; não consumido por enfermidades, nem desfeito por morte prematura, e rejuvenescido em meio das fadigas da edade.

Um espirito, tão forte para a vida immortal, como o corpo para a mortal, igualmente illuminado pela sabedoria e sabedor dos usos do passado; com o conhecimento da natureza, guiando as suas forças elementares como dirige os membros de seu proprio corpo com os nervos do movimento, alliando-se assim, para o seu vigor, com as forças inextinguiveis da natureza, vestindo-se, para a sua belleza, com os seus encantos sem fim, levando consigo, onde quer que ande, um luzeiro em suas mãos, com que explore os reinos da natureza e revele as verdades ainda ignoradas. E por ultimo, uma natureza moral, presidindo o todo, como uma divindade, afastando a tristeza e o pesar, brilhante nas alegrias terrenas e immortaes esperanças e transfigurada e elevada pela soberana e sublime aspiração de conhecer e realizar o bem".

Realizar isso é problema sobradamente complexo, de penosa e longa elaboração, subindo de ponto os embaraços pela differença de nivel entre os diversos graos educacionaes.

Nada mais elevado, de tanta monta e de mais tomo do que procurar resolver tão momentosa questão: de sua solução dependem as proprias bases do futuro das patrias.

Do problema educativo ha um aspecto que está a merecer, mais que os outros, cuidado maior. Referimo-nos ao da educação civica, que é, sem contradicta, uma das faces mais serias da educação politica, embora a ultima das divisões da "Esthetica" de Aristoteles.

Clamem outros pelas demais necessidades do nosso ensino. Falaremos do problema que sempre nos seduziu durante os lustros de lida no magisterio, que exercemos nos cursos secundario e superior do Estado da Bahia. Estamos convictos de que não se poderá elevar o potencial educativo dos nossos institutos de ensino, desde a Escola Primaria até ás Universidades ou Escolas Superiores isoladas, sem que se cuide seriamente de ministrar a educação civica aos jovens, que mais tarde serão os operarios da grandeza nacional. E a verdade, que flagrantemente se nos revela ao primeiro exame das classes de qualquer instituto, é a ausencia de pensamento do Brasil.

Para que se firme a educação civica, tal como a comprehendemos, é de mistér antes de tudo dar aos educandos noções reaes e seguras do que é o Brasil actual, do que foi no passado e até do que poderá ser no futuro com o devotamento de seus filhos. Ignoramo-nos de começo e acabamos por nos depreciar. Dahi a imperiosa necessidade do conhecimento tão exacto quanto possivel da geographia e da historia patria, da sua organização constitucional e da lingua brasileira: são as columnas dos melhores sentimentos nacionalistas. Não precisamos justificar: são verdades maridianas. Alinhemos, porém, alguns periodos em defensa do nosso brado.

Logicamente não se póde amar aquillo que se não conhece. O amor é um sentimento real, vivo. E como póde o brasileiro amar o seu paiz se o não conhece, nem lhe sabe a amplitude, a belleza, o clima, a capacidade productora, a riqueza economica, o valor do trabalho de seus filhos! Nada de palavras mais ou menos sonoras e enthusiasticas: o que é preciso é o conhecimento real da terra que occupamos no planeta, até porque ninguem mais discute a influencia do factor geographico na civilização contemporanea.

Conhecida a terra, impõe-se de logo a noção exacta da origem, formação e evolução de sua gente. Ernesto Renan escreveu de uma feita esta sentença admiravel: "uma nação é o resultado de uma larga serie de esforços, de sacrificios e de abnegações, um passado heroico de homens insignes, de gloria". Recordal-os é officio da Historia, que, relembrando as origens obscuras da nacionalidade, as suas lutas pelo progresso, as asperezas de sua trajectoria, a fieira de soffrimentos que padeceu ao longo das incertezas de seu caminhar, como se retemperava nas horas de infortunio, as suas ephemeridas de ouro, as figuras heroicas dos precursores insignes com os seus feitos magnificos e as suas grandes virtudes, constitue uma especie de curso experimental da sciencia da vida, no dizer de Almeida Garrett. E' a Historia Patria inesgotavel veio na obra da verdadeira educação civica, pelo interessar o educando nos destinos de seu paiz, despertando-lhe um sentimento de veneração para com o legado de tradições honrosas, que aos posteros cabe zelar e enaltecer mais e mais. No passado encontramos copiosos exemplos da cohesão e solidariedade indispensaveis á affirmação dos valores nacionaes na consciencia dos jovens, afim de que possam sentir fiel e fervoroso enthusiasmo pelo futuro. E' de mister gravar-se no espirito e no coração das novas gerações o conhecimento exacto da linhagem dos que trabalharam na formação do presente, como elemento propiciatorio de orgulho da Patria. Junte-se a isto o estudo das instituições, a comprehensão dos orgãos constitucionaes que exercem a soberania nacional em seus differentes aspectos, de sorte que os futuros cidadãos tenham capacidade para julgar os actos dos governantes e dos governados, de accordo com os interesses

permanentes da sociedade politica e o senso das conveniencias publicas. O conhecimento da Constituição fará de todos comprehendida a noção de que os seus preceitos são o vinculo juridico politico que une a todos que vivem sob o pallio do mesmo pendão, determinando-lhes as raias dos direitos e deveres que se mutuam na sociedade. Por fim é de todo o ponto importante o manejo regular e consciente da lingua nacional: esta é uma das affirmações mais fortes da permanencia de uma collectividade.

E' esta aprendizagem, ao nosso juizo, o primeiro postulado para uma ponderosa e bôa educação nacional do espirito nacional, sem a qual não ha Estado são e vigoroso, como dizia o grande Fichte. De posse de taes conhecimentos, a juventude é materia prima ideal para a formação de bons cidadãos, uteis a si proprios e á Patria, por uma bem comprehendida solidariedade na paz ou na guerra, pelo devotamento a seus compatricios, pela noção de que todo o homem deve ser desinteressadamente prestadio á sociedade, no seio da qual vive e haure a sua propria razão de ser, pelo respeito ás instituições, obediencia ás leis, acatamento ás autoridades constituidas, pelo amor á paz, unico ambiente em que se póde desenvolver uma civilização digna de louvores, pela idéa de constante aperfeiçoamento social e de ininterrupto progresso individual. Instillem-se na alma da mocidade brasileira estes conceitos e poderemos fiar na segurança da Patria. Dar-lhe-emos assim o sentido de verdadeiro patriotismo, daquelle que não só requer o sacrificio do sangue nos campos de guerra, em desaggravo da honra offendida, mas tambem o esforço de todos na fundação e fortalecimento de uma bôa organização politica e social, no melhoramento crescente dos costumes, no desenvolvimento dos elementos da riqueza publica e particular, para que se cantem pelo mundo afóra as victorias moraes, espirituaes e materiaes de cada Patria.

Não é demais o reclamo de tanta devoção: da Patria, já dizia Lamennais, é tudo o que somos e tudo o que valemos: nosso coração, nossos braços, nossos desvelos, nossos bens, nossa vida.

"Patriota antes de tudo, eu nada ponho acima deste titulo", disse uma vez Léon Gambetta.

Pensamos que a educação civica deve começar na aula primaria e terminar na cathedra universitaria, adaptando-se o ensino aos gráos da escola. E julgamos de muito mais proveito a instrucção progressiva, como o fez em 1907 a municipalidade de Hamburgo.

Poderiamos alinhar em desenganada comprovação exemplos de povos de muito mais antiga e adeantada evolução e cultura: escusamo-nos de fazel-o, porque nos dirigimos a uma assembléa de pedagogos e mestres, que aqui se reunem conscientes de sua alta tarefa. Não ha muito lia com o maior prazer civico as seguintes palavras do Prof. Vicente Licinio Cardoso, da "Universidade do Rio de Janeiro", em resposta ao "Inquerito" aberto pela "A. B. E." sobre o "Problema Universitario": "os professores do Brasil devem ser muito especialmente professores de brasilidade, formadores da consciencia brasilica da propria mocidade". "Pensar o Brasil" eis a formula basica do nacionalismo amplo e sereno que propiciará a formação definitiva de nossa consciencia de nação soberana.

E' o ideal mais instante da remodelação do ensino no Brasil: este é o mais nobre e transcendente trabalho que se póde commetter á geração actual dos mestres que têm a missão de lavrar as almas da juventude brasileira; esta é a maior funcção dos educadores de qualquer classe, desde a dos centros mais cultos até a dos mais humildes povoados. Crear o civismo brasileiro é a maior das nossas necessidades; é dar ao Brasil a sua armadura inflexivel. Derramar-lhe cultura importada, estrangeira, sem discernimento nem selecção, sem a suprema inspiração do sentimento brasileiro, é abrir abysmos para as instituições fundamentaes da Patria, é supprimir os valores moraes que são o mais rijo esteio da perennidade de qualquer nação.

Ha ainda outro aspecto pelo qual devemos encarar a urgencia de uma educação que affirme mais e mais a alma nacional; é o de permittir e assegurar a assimilação dos silenciosos alluviões do cosmopolitismo que nos trazem as correntes immigratorias e as proprias promessas de riqueza que se encerram em nossa terra immensa e variada e que as nossas leis offerecem, liberalissimamente, a todos os trabalhadores do mundo. Ou isso, ou então estaremos ameaçados de que se esbatam e desappareçam os traços originaes e os caracteres individualizadores do nosso povo.

Tal é a força da nossa convicção neste particular, que chegamos á affirmativa, talvez para muitos paradoxal, de que preferimos continue a pesar sobre o nosso paiz a formidavel tara do analphabetismo, a que se propague o ensino pelas differentes camadas sociaes, sem que se cuide seriamente de gerar e medrar na alma do nosso povo o sentimento do Brasil, o culto ardente da Patria, o zelo pelas suas glorias, pelas suas instituições e pelos seus interesses.

Como nos commovem as leituras da vida escolar da portentosa nação do *"to make money"*, quando nos referem o inicio dos trabalhos de todo o dia com a recitação religiosa da *"The Star Stangled Banner"*, e o culto ungido do mais santo dos respeitos que as crianças americanas prestam a Washington, a Lincoln, a Franklin, a Grant, aos varões magnificos que mostraram aos *yankees* o caminho da liberdade, da justiça e do direito. Quanto nos compunge então o sabermos que ha dezenas de escolas no Brasil onde os alumnos nunca viram desfraldada a bandeira nacional! E como era bello aquelle juramento que faziam os jovens athenienses, aos 18 annos, quando recebiam as armas de cidadão-soldado: "Não deshonrarei estas armas sagradas, nem abandonarei meu companheiro de fila. Combaterei por tudo o que seja santo, só ou com muitos, e não deixarei minha Patria mais reduzida do que no dia em que a recebi, senão maior e mais forte. Obedecerei aos magistrados e ás leis e se alguem as annular ou não as respeitar, eu as vingarei sozinho ou com os meus concidadãos. Honrarei tambem a religião de meus paes, e tomo os deuses por testemunhas das minhas palavras."

Desenvolvam-se nas escolas o saber, a intelligencia, a capacidade technica e profissional; formem-se homens de caracter, que saibam dirigir-se por si mesmos, homens de vontade e pensamentos disciplinados, que tenham como preoccupação de toda hora ajustar os seus actos ao mais fiel cumprimento do dever,

homens que trabalhem perseverantemente, briosamente, dignamente.

Tudo isso é indispensavel para que o Brasil de amanhã, seguro de si mesmo, serenamente forte, possa alcançar o grandioso futuro que lhe está reservado.

Mas que se façam tambem calorosos chamamentos aos sentimentos patrioticos dos alumnos; conversem-lhes as bellezas da Patria, os seus fastos de gloria, os feitos de sua historia, os vultos que a têm honrado, inspirando-lhes o orgulho de pertencerem ao seu paiz, ensinando-lhes a fidelidade aos principios institucionaes da Republica, os desvelos pela sua prosperidade, pela sua ordem, pela sua paz.

Assim é que devemos proceder para consolidar, ampliar e apurar um forte sentimento de amor ao Brasil, transfundido em poder espiritual que projecte os ideaes da nossa gente dentro e fora do nosso territorio. Não esqueçamos que a maior de todas as virtudes civicas que avigoram as nações é o sentimento da Patria: desenvolvamol-o de modo integral no espirito e na alma das novas gerações. Ha na Historia um exemplo flagrantissimo, que não ha muitos dias vimos referido por Gustave le Bon em seu livro — "L'évolution actuelle du monde" (1927): "os romanos dominaram e civilizaram o mundo, emquanto o culto de Roma governou suas almas. Quando, sob a influencia das guerras civis creadas pelas lutas sociaes, o culto da Patria se enfraqueceu nos corações, a decadencia começou".

A reorganização educacional sob esta base é urgentissima. Esse mesmo espirito moço e vibrante de Licinio Cardoso, vanguardeiro da "A. B. E.", referiu na "Memoria" citada os exemplos isolados que tanto nos desvanecem dos cidadãos soldados de Benjamin Constant e das atalaias do liberalismo que foram em tempos passados as Faculdades Juridicas de S. Paulo e de Recife, de onde partiram os gritos vingadores e generosos pela Abolição, a campanha mais benemerita que ainda se fez, no Brasil, e pela Republica, que nos integrou no ambiente da democracia americana. Depois o silencio. Quem quer que professe em institutos de ensino secundario e superior, na amplitude da terra brasileira, ha de notar que de ha vinte annos, se vão enfraquecendo os sentimentos de solidariedade, de cooperação, diria até desse santo idealismo, que foi sempre a atmosphera dominadora em nossos institutos de ensino. Não exageramos. A verdade é esta, núa, crua mente anti-brasileira.

Atravessamos uma crise muito grave de ordem moral: a mentira e a fraude alardeam seu imperio na sociedade, justamente agora que se annunciam grandes transformações e novas directrizes no aspecto material e moral da civilização, por força do choque entre os velhos devaneios e as novas necessidades economicas.

Agora mais do que nunca urge o assentar de planos de reconstrucção do nosso apparelho educativo, de modo que se possa cumprir o imperioso dever de formar consciencias brasileiras, resistentes ás seducções das illusões ameaçadoras da estabilidade social. Nesse passo vale insistir em que não nos turve os olhos o faiscante mas indeciso clarão de sonhadas utopias, e sim que elevemos o pensamento e offereçamos o melhor das nossas energias á obra do revigoramento do sentimento patriotico.

Nem se diga que advogamos a egolatria nacional, manifestação doentia e perigosa do verdadeiro sentimento do amor da Patria. Este, devidamente entendido, repelle tudo o que é exclusivismo ou aggressão, tudo o que prejudique o desenvolvimento harmonico de todos os povos da terra e o intercambio de pensamentos e interesses, caracteristico da civilização que vivemos. Não é *chauvinismo*, não é *patrioterismo*, exageros e deformações do patriotismo. A Patria não implica negação da humanidade e da sympathia com os outros povos. Já o disse alguem que a melhor maneira de trabalhar por todos é dedicar-se com amor ao cultivo do proprio horto. *Pro Patria per orbis concordiam* — tal deve ser a inspiração humanista de toda a cultura civica, como disse Morey numa suggestiva "Memoria", apresentada no "Terceiro Congresso Americano da Criança".

O que dizemos é que a formação, a conservação e o aperfeiçoamento do sentimento nacional é para nós questão de vida ou morte, e que o contrario disso é suicidio, porque toda a historia e as realidades da vida actual dos povos contradizem o pretenso ideal dos "humanistas". Sigamos o exemplo dos povos da van-

guarda. Não são outros os canones da educação nos Estados Unidos, no Japão, na Allemanha, na França, na Italia e na Inglaterra, onde a instrucção civica tem sobretudo grande papel patriotico e nacionalista. Na Inglaterra as ultimas reformas foram feitas no sentido de que os ingleses sahissem das escolas mais ingleses do que nunca. Logo após a formidanda guerra de 1914-1918 fundava-se em Paris a Escola Civica, tendo por fim o ensino do civismo, cujo objecto era no dizer de um pedagogo francês, fazer conhecer os deveres dos cidadãos, as condições de formação e de exercicio de seus direitos, as relações moraes dos cidadãos e de seus agrupamentos na cidade ou no Estado, as formas e obrigações particulares do civismo nas diversas categorias profissionaes ou sociaes, pondo ainda ao serviço da democracia o seu ensino, concebido segundo um methodo positivo, historico e scientifico, constituindo verdadeiramente uma escola de historia, de moral, de critica e de organização intellectual, de preparação para a acção civica na democracia. E accrescentava Gustave Lanson, então Director da "Escola Normal Superior de Paris", que presidiu a cerimonia da fundação da referida "Escola", que ella visava reintegrar no patriotismo o real sentido do dever civico.

Isto é o que fazem as nações poderosas. Esta é a eterna lição da historia. Seria absurdo e contraproducente, nos povos que ainda não alcançaram a plenitude de seu desenvolvimento, aconselhar o silencio da Patria nas escolas e no coração da mocidade.

Queremos, pois, a educação que melhore os nossos habitos civicos; educação que forme vontades para a defensão do direito; educação que nos conduza para o bem e para a liberdade em suas significações mais amplas e generosas; educação que nos faça melhores patriotas, congregando-nos em actos de amor em torno das cores da nossa bandeira e de respeito ante a visão das glorias compatricias; educação que nos ordene o sacrificio dos nossos interesses pessoaes ante os da collectividade; educação que nos esclareça o espirito na exacta comprehensão dos destinos da Patria, firmados sobre a base dos thesouros de sua potencialidade ainda latente; educação que nos dê a convicção de que a elevação do nivel moral e material dos povos constitue o supremo anhelo dos

dirigentes de uma democracia, educação, em summa, que nos torne cada vez mais brasileiros, conhecendo o Brasil, pensando o Brasil, amando o Brasil, a sua terra e a sua gente. Ou isso, ou então a autoridade moral da nossa Patria discutida, desdenhada, até humilhada no concerto da America e do mundo.

Aza-se-me a opportunidade de registar aqui, em abono do que reclamo, longo mas eloquentissimo parecer que, certa feita ouvi de um dos melhores e maiores mestres que tive, cuja memoria recordo sempre entre as mais vivas saudades de discipulo agradecido: são conceitos do limpido e grande espirito de Virgilio de Lemos: "Se a mim me perguntassem que é que, antes de tudo, deve o mestre ensinar a seus discipulos, sem tergiversar, eu responderia: — Amar a patria sobre todas as coisas!

— E depois?

— A amar a Patria até o sacrificio!

— E depois?

A amar a Patria até o sacrificio e sobre todas as coisas!...

O mestre, senhores, é e deve ser, a um só tempo, preceptor e educador.

Cabe ao preceptor a funcção de formar a mentalidade do aluno, de treinal-a na capacidade de elaborar com justeza idéas e noções claras, positivas, moldadas no natural das coisas. Compete-lhe ainda propinar ao discipulo a maior soma de conhecimentos uteis e fecundos, apropriados á sua idade e desenvolvimento, conhecimentos que o ponham ao nivel da civilização contemporanea e o habilitem a adaptar-se ao ambiente social da época. Cabe ao educador mais alto mistér, função mais nobre, missão mais benemérita.

Cabe-lhe disciplinar ao aluno o coração e o caracter. Compete-lhe esmaltar, matizar e marchetar-lhe o espirito de idéas fortes, de nobres idéas, de fortes e nobres ideais. Compete-lhe fundir nele o bronze do cidadão. As idéas fortes fixadas na constituição mental de um homem, diz Ardigó, actuam no seu procedimento como actuam no céu as grandes massas incandescentes, estrelas e sóes, que subordinam pela preponderancia de sua força

as massas menores, formando sistemas cósmicos, que lhes ficam dependentes.

Os céus astronómicos se distinguem pelas constelações persistentes que se constituiram neles. A alma individual tambem é um céu, e se distingue e caracteriza pelas idéas fortes que aí se formaram e constituiram. Ora, senhores, entre as idéas fortes estrelas e sóes incandescentes da cultura humana, que o educador deve gravar e fecundar no espirito de seus alunos, nenhuma sobrepuja á do amor da Patria, que é a virtude maxima, a virtude pre-excelsa do cidadão. Nos labios de um professor patriótico, o ensino da Historia do Brasil é um fecundo catecismo de amor á nossa nacionalidade. Naquilo que professores desdotados desse moral e educativo, vê ele manifestações evidentes da consciencia nacional, provas cabaes da vitaliciedade de nossa fibra patriótica, precioso attributo só veem episodios estéreis, desnudos de valor, prenuncios de grandes victorias nacionaes no futuro.

....

Não ignoro, que este critério tem severos opositores que, em nome dos direitos imprescriptiveis da razão, da imparcialidade da critica e da liberdade de pensamento do professor, o condenam, como capaz de gerar, no coração da mocidade, o que eles capitulam de "cego patriotismo ingénuo", origem e causa de possiveis decepções e desastres futuros. De acordo com esta orientação, não deve o pensamento do professor entibiar-se por considerações de ordem sentimental e emotiva, em face dos acontecimentos da historia pátria, cumprindo-lhe, ao contrário, analiza-los, critica-los e censura-los, inclusive os da actualidade, com a mesma impassibilidade, com o mesmo rigor com que se escalpelizam os factos da historia universal. Só assim, afirmam, poderá o mestre criar nos alunos o espirito de critica e a autonomia do juizo, condições essenciaes do discernimento do bem e do mal, das bôas e das más tendências, quer individuaes, quer colectivas. Não percebem, os que assim pensam e actuam, a voragem de que se abeiram e onde podem arremessar a inexperiente juventude: — a voragem da descrença nas virtudes morais e étnicas da nação, descrença á cujo influxo desmedrarão os estimulos do civismo e se estiolam e fenecem os germens espontaneos do patriotismo. Sim, dever é do professor premunir o animo dos alunos contra tendencia e vicios que, embóra de feição genérica, devem ser evitados. Mas, senhores, que por amor de um bem que, de mil modos, pode ser alcançado, se não vá criar o maior e o mais tremendo dos males sociais: — o de uma Patria cujos filhos a não amem, cujos filhos se não sacrifiquem por ela, cujos filhos cometam o infame sacrilégio de chasquea-la em confrontos deprimentes com outras Patrias. Que, a pretexto de incutir-se nos jovens alunos o sentimento da independencia mental, se lhes não envenenem as fontes virginaes da fé, se lhes não inocule o virus do scepticismo, morbus terrivel que age na alma da juventude como a lagarta que infesta, estraga e devasta as searas e os jardins. O joven brasileiro, o futuro cidadão brasileiro, deve ser educado numa atmosfera moral, onde respire sempre, a largos e abundantes pulmões, o perfume da Patria brasileira, do seu solo, dos seus prados, dos seus ares, dos seus mares, dos seus céus, das suas tradições, da sua história: — o perfume idéal de sua grandeza e perfeição. Viver é crer. Quem não crê, desvive moralmente, e não ha morte moral mais triste, mais desnaturada e mais desumana, do que a do cidadão que vive sem viver no coração a vida intensa do amor da Patria. Porque, senhores, Patria sem filhos que a amem apaixonadamente, Patria sem cidadãos que creiam com absoluta firmeza na pre-excelência do seu futuro, é Patria morta; já não é Patria, é dissolução interna e cibo á cobiça dos externos inimigos.

Convem acentuar bem, senhores, um interessante ponto de pedagoria entre o pensador e o educador. O educador não é um mero pensador, mas um pensador que pensa com um pensamento subordinado á função que a sociedade lhe confiou, a nobre e alta função de preparar, para o serviço da Patria, gerações que prosigam na linha de continuidade que a solidariedade sociólogica e o génio étnico nos fixaram, gerações que, através da corrupção e fragilidade dos homens, do desvirtuamento momentáneo das instituições e dos nevoeiros do presente, vislumbrem e determinem o ponto de mira de nossa trajectória, e nessa direcção marchem destemida e impavidamente. Pense e

sinta, como poder e quizer, na solidão do seu gabinete, o pensador. E' este um direito seu absoluto. Convença-se, deante das provas que o seu pessimismo acumular e o seu olhar de analista penetrante esmiuçar, de que a Patria marcha, fatalmente, sem remissão nem agravo, para o abysmo, para a perdição inevitavel. Crestem-se-lhe, aniquilem-se-lhe, fulminem-se-lhe no espirito e no coração os mais belos idéais do cidadão, a crença inabalavel no futuro da Patria e o anceio de colaborar nele, de fomenta-lo, de ajuda-lo a criar e de prospera-lo. Registre-lhe esta infelicidade a consciencia. Mas não leve ao espirito e ao coração de seus subordinados, de seus filhos e de seus discipulos, principalmente de seus discipulos, esse martirio, esse infortúnio, essa desgraça, esse inferno moral de não crer na regeneração e na salvação da Patria; não pratique a traição e o crime de inocular na alma da juventude a peçonha do seu desanimo, do seu pessimismo, quiçá do seu despeito pessoal, de seu atribulado pessimismo, talvez do seu torvo egoismo e fera misantropia."

* * *

Depende de nós, da nossa firmeza, da nossa dedicação, promover, continuar e tornar effectiva a transformação redemptora da escola nacional: vale muito, moralmente, ser participe de uma das mais arduas empresas que ainda carregaram hombros brasileiros. Na escola é que se forma a consciencia de uma nação, diz bem á justa Lucien Romier em seu livro "Explication de notre temps" (1925), acrescentando que uma nação que tem más escolas possue as mesmas taras que o individuo que não teve mãe ou só teve madrasta. Dahi a verdade meridiana de que todo patriotismo é vão, se não se cuida em primeiro logar da escola.

Sejamos os apostolos do mais bello dos evangelhos patrioticos.

Trabalhemos: a harmonia das nossas actividades creará, pelos milagres da cooperação, uma obra fecunda, verazmente civilizadora, nacional e humana ao mesmo tempo.

Devemol-a á nossa Historia que, em verdade, nos mostra, na serenidade de seus arestos, para orgulho e estimulo de todos

nós, copiosa messe de exemplos de homens que amaram o Brasil até o sacrificio pelo bem commum, espiritos que sempre pensaram na felicidade social, braços que sempre executaram as mais arduas tarefas, patriotas e estadistas, homens que trabalharam devotamente pela nossa cultura, pela nossa paz social, pelo regimen democratico, pelo progresso economico, pelo logar que occupamos ao sol americano.

Nem ha por onde possam dominar scepticismos enervantes. Apesar de todas as falhas da nossa evolução, nos momentos que atravessamos subsistem sempre elementos de prosperidade e de grandeza, que dão certas e bôas esperanças para o futuro. Compete-nos, porém, a nós da geração actual, avivar, robustecer e até recriar as energias essenciaes que nortearam o Brasil até hoje: a raça trabalhadora, a tradição de um passado glorioso, o apego ao solo natal, a fé, força poderosissima, que mercê de Deus, nunca nos faltou, nos destinos do Brasil.

E assim que rico thesouro de poderes novos poderemos encelleirar para o Brasil de amanhã!

Honremo-nos de desempenhar a nossa tarefa actual: sabemos quanto de transitorio ha em todas as obras humanas, por força das novas verdades que dia a dia se descobrem, impondo modificações, ás vezes radicaes, graças ao constante devir da intelligencia sempre rejuvenescida. Nem por isso devemos adiar a nossa construcção: arrimemol-a nos principios que estão de pé e em consonancia com o evolver da formosa sciencia da Educação, cuidando com tempo do grangeio do terreno, para que amadure a seiva da brasilidade. Ademais pensemos nas consequencias longinquas: façamos obra para o futuro.

Se assim fizermos, temos pago alguns juros da divida que contrahimos com aquella linhagem de patriotas que, dedicados ao maior dos ideaes de um povo, entre lutas cruentas e sacrificios incontaveis, nos legaram a Patria livre e soberana, apontando-lhe a estrada dos seus grandes destinos entre os povos da Terra: não lhes poderemos tributar mais significativa homenagem. Digna recompensa para nós será que paire sempre na immensidão do Brasil a flamma generosa desse pensamento.

Os curtos periodos que acima escrevemos denunciam o nosso pensamento: são um protesto e um appello.

Protesto contra a ausencia de sentimento do Brasil.

Appello pela criação de um vigoroso sentimento do Brasil.

Que assim entendam os que nos lerem. Julguem-nos "razão recta e corações direitos; não os examinem sabios e grandes homens".

SUGGESTÕES FINAES

1.º Que se ministre a instrucção civica em todos os Institutos de Ensino da Republica, como base de toda a educação politica, organizando-se programmas adaptaveis aos varios gráos da vida escolar.

2.º Que o seu ensino seja progressivo, isto é, dado em todos os annos da aprendisagem, não só nas Escolas Primarias e Escolas de preparação dos Mestres, mas tambem nos Institutos Secundarios, onde se preparam os futuros cidadãos para a vida, e até nos Estabelecimentos Superiores.

3.º Que a educação civica seja fundada nos alicerces de um gradativo, mas sempre integral conhecimento da geographia, da historia, da constituição e da lingua nacionaes.

4.º Que esta "Conferencia" solicite á "A. B. E." a redacção dos programmas geraes a que se deve submetter a diffusão e a pratica do ensino de "Instrucção Civica" nos differentes institutos.

5.º Que a "Associação Brasileira de Educação" e seus Departamentos nos differentes Estados e bem assim todos os Institutos de Ensino da Republica promovam, por intermedio da Imprensa e de Conferencias apropriadas, uma larga, constante e vibrante campanha em prol da *brasilidade*, entendida como a definiu Affonso Celso, ou seja a "preservação, a defesa, o exaltamento integraes dos supremos direitos e interesses materiaes e moraes do Brasil".

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA

A respeito desta These foi lavrado o seguinte Parecer pela Secção de Educação Politica da mesma "Conferencia".

A these "Educação Politica" apresentada pelo Professor Bernardino de Souza merece especial encomio pela maneira elevada pela qual foi abordado e desenvolvido o thema escolhido. Como relator, felicito-me a mim mesmo, por poder trazer o meu depoimento pessoal de que no Brasil poucas pessoas terão auctoridade civica tão grande quanto a do auctor para a defeza dos ideaes naquelle trabalho compendiados. Professor devotadissimo de varias cathedras, Bernardino de Souza tem sido na Bahia um distribuidor inegualavel de energia; avultando, todavia, mais ainda do que a sua esplendida actuação como mestre, quer no Gymnasio da Bahia, quer na Faculdade de Direito, o grande civismo com que tem espiritualizado nobremente a sua alta e complexa funcção no magisterio. Orgulho-me como brasileiro em poder trazer em valimento ao meu testemunho, a affirmação muito grata de que o autor tem sido a grande alma, creadora e renovadora, de uma das instituições mais altas da nossa Terra, a grande *Casa da Bahia*, dirigida pela brasilidade culta de Theodoro Sampaio. — "O Instituto Geographico Historico da Bahia" que tem sido pela nobreza e opulencia da sua realização um dos maiores *templos civicos* do Brasil contemporaneo.

O thema de educação politica foi abordado com elevação condigna, clareza e opportunidade muito justa de conceitos applicados ao nosso ambiente e ao nosso momento historico.

Proponho, desse modo, com justificação sem detalhes, desnecessarios no caso, a publicação da these nos Annaes da Segunda Conferencia Nacional de Educação.

Bello Horizonte, 7 de Novembro de 1929.

(Assignados): Nestor Rangel Pestana, Presidente
Mendes Pimentel
Francisco Venancio Filho
Lucio José dos Santos
J. P. da Veiga Miranda
Vicente Licinio Cardozo (Relator)
Tobias Moscoso
Lourenço Filho
Polycarpo de M. Vioti
José Eduardo da Fonseca.

"O Amor Define-se?"

No album de Mlle. X.

Não é prelecção didactica,
Cathedratica,
A que vou te dar aqui.
Mas, tambem, não é narcotico
Soporotico,
Que, ao se ler, se diz: — Já li!

— O Amor — indagas — define-se?
— Predefine-se,
Adivinha-se, meu bem!
Todos sabem o tyrannico,
O satanico
Poderio que elle tem.

E' um phenomeno electrico,
Torvo e tetrico,
Mas um facto natural,
Vê-se agora alguem apathico,
Sorumbatico,
Dentro em breve jovial.

Qual a causa disto? Insania?
Espontanea?
Provocada mutação?
— Nada! Apenas a multipede
Velocipede,
Influencia da paixão!

Ella possue uma athletica,
Amuletica,
Energia que avassala!
A questão é ter propicio
Artificio
De fingil-a ou provocal-a.

O amor não é deus flammivomo,
Fulminivomo,
E' uma creança, um bêbê!
Mas perverso, salafrario
E arbitrario,
Mau menino: *enfant gaté!*

Doce e amargo: — amor dulcámara;
Doce: — támara,
Pois amargo só não ha!
E sendo o Amor salutifero,
E' morbifero:
Dá tormento e gozo dá.

Tem o amor especies varias
E contrarias,
Muitas formas de existir:
Pode ser carnal, ou lyrico,
Ou vampirico,
De casar ou divertir.

Amor de estylo bombastico,
Perifrastico,
Este Amor, conheço-o eu!
Ha tambem o Amor-angelico,
Hydromelico,
Casemirico de Abreu!

Houve, outrora, o Amor-platonico
Parcimonico,
Amor que não dá successo,
Desprezado por archaico
E prosaico,
Inimigo do progresso!

Inda existe o Amor-injuria,
O Amor-furia,
Ao systema português!
(Deste Amor em pseudonymo
São Jeronymo
Te liberte de uma vez!)

Exgottei a minha sciencia
Que imprudencia! —
Neste assumpto peccador.
Mas somente o matrimonio
E' idoneo
A dizer-te o que é o Amor.

(Da *"A Bandurra de Ferro"*.

Bahia, 16 — 1 — 928.

ERASMO JUNIOR.

Trovas

Tinha as palpebras molhadas
De lagrimas, quando escrevi
Estas estrophes magoadas
Pensando em ti...

Pensando nos teus carinhos,
Achava-os deliciosos,
Mas occultavam espinhos
Acerados, venenosos...

Espinhos, estranhas pragas,
Que, com estranha lentidão,
Encheram de horriveis chagas
Meu coração.

Louco, pensando que as juras
Dos teus labios tentadores,
Não foram leaes epuras,
Como as estrellas e as flores,

Recordo-as, entristecido...
Eram gorgeios até...
Ouvia-as, embevecido!
Guardava-as, cheio de fé!

Vibrações melodiosas,
Anseios, doçuras de hymnos,
Eram mentiras formosas
Ditas por labios divinos!

* * *

Pensando no teu sorriso,
Que lembra a graça do luar,
Não devo... porem preciso
Rir e chorar!

Rir-me, apparição celeste,
Pensando, em extase infindo,
Por que alma encanto aprendeste
Mentir e enganar sorrindo!

Chorar! sim... foste inclemente,
Que a sorrir, mimosa flor,
Feriste perfidamente
O meu amor!

Tinham tanta amenidade,
Em mentir-me, os teus olhares,
Que de mim terás piedade,
Se, acaso, te recordares!

Doces olhares aquelles...
Arrastaram-me aos teus pés!
Não pensei que fossem elles
Tão infieis!

* * *

Pensando em toda a alegria,
Sonora, viva, enleante,
Que assim como a luz do dia
Scintillava em teu semblante,

Quando ia ver o teu rosto,
Como um escravo feliz,
Lanceava-me um desgosto
Que se não diz!

Ah, por que essa primavera
De alegria indefinida,
Não fôra pura e sincera,
Mas altamente fingida!

* * *

Pensando na tua bocca
Perfumada e pequenina,
Minhalma cativa e louca
Pede a Deus por tua sina!

Porque não sabe e nem sonha
Se uma flor pode fingir!
Se uma boquinha risonha
Sabe mentir!

Pensei que viesse do empyreo
Tua essencia e formosura!
Louco, chamava-te o lirio
Da innocencia e da candura!

Mas a tu'alma insensivel,
O' divina tentação,
E' o rebento imperecivel
Da traição!

1905

ROBERTO CORRÊIA

Uma Pagina de Sonetos

1909 — 1910

FLOR DE CHAMMA

Desses teus olhos eu me não contento
Com ser o vivo e continuado enleio,
Dá-me vontade de mais alto anseio
De um longo anseio de mais vago intento...

Teu beijo, aquelle beijo-sentimento
Que, vibratil, sonoro, do teu seio
Veio aos teus labios noutros labios, veio
Tornar-se a febre do meu pensamento...

Teu beijo, aquelle beijo-cortezia
Fez-me pensar no sangue, que te inflamma,
E, em sendo amor, o beijo que seria...

O' lava insopitavel do desejo...
Se eu te colhesse aquella flor de chamma
Que eu vi desabrochar daquelle beijo!

SE EU TE BEIJASSE...

Se eu te beijasse a purpura da bocca,
(Houvesse nella perfidos venenos),
A vida me seria aos teus acenos
Submissa, pelo amor que me treslouca.

Vontade nulla ao gesto que me apouca,
Meus dias curtos, meus ideaes pequenos.
Mas, viveria, num momento, ao menos
Se eu te beijasse a purpura da bocca.

(Houvesse nella — perfidos venenos),
Em vez do mel, que o cerebro treslouca,
Numa eclosão de lagrimas e threnos...

Morreria, feliz, sabendo, ao menos
Haver beijado, ó fantasia louca,
A propria bocca sensual de Venus.

NUVEM

Alto, no azul, a nuvem do teu vulto
Resplandece. Visão estranha e rara.
Que mão divina limpido talhára
Esse modelo de oiro do meu culto?

Amo-te, nuvem passageira. E exulto
A vêr que em forma o sonho se tornara,
Forma intangivel, aos meus olhos clara!
Sonho na sombra sideral sepulto!

Amo-te, nuvem passageira. O ethereo
Manto a onduiar ao sopro do mysterio,
Nuvem! visão de ephemero cortejo...

Tenho a alma em fogo e o labio resequido,
Tantalo que preliba enlouquecido
O impossivel supremo do teu beijo!

EXCELSIOR

Sombra ou luz, paz ou guerra, inferno ou ceo
Seja este amor. O espirito não cansa.
— Nau que balouça ás grimpas do escarceu —
De esperar, de esperar, sem esperança.

Que importa á nau o tormentoso ilheu
Do mar que brame e as illusões destrança?
Quero-te ideal supremo, sob o veo
Dessa illusão perpetua de bonança!

Ascende, inda mais alto, a esphera. E quando
Se me desvaire o ser, sem norte ou sul,
Asa serei de sonho a percorrê-la...

E irei por teu destino perguntando
De estrella a estrella do deserto azul
Até o azul onde te encontre estrella!

ROSA MYSTICA

Talvez não possas decifrar a trama
Da estranha dor, indomita e inimiga,
Que os meus olhos me enluta e a alma castiga
Com esse implacavel latego de chamma.

Talvez nem mesmo o estranho horror consiga
Da dor dizer a lagrima que clama!
E eu mesmo não diria o escuro drama
Se tal quizesse, dolorosa amiga.

Eu, assassino pantano medonho,
Alma, aonde, raro, a asa leve de um sonho
Desce, e ao clarão do sol, branca, esvoaça,

Amar-te? E amar ao pantano preferes...
Tu, a flor soberana das mulheres,
Atomo espiritual da elysia graça!

DOM QUIXOTE

Arfa-te o peito a febre da conquista.
Partes, feliz. E, a cada instante, á guerra
Da humana inveja, que entibia e aterra,
Páras, tremulo o passo, alheia a vista.

Ora, a calumnia estupida que atrista,
Ora, a traição que o mundo vil encerra,
Parece até que a tua lança enrista
Contra os seios graniticos da terra.

Em vão a pluma medieval agitas,
Viseira ao sol. Hão de morder-te as costas
Odios selvagens, truculentas gritas.

Terás, emfim, por premio de batalha,
Aberto o peito, o coração em postas
Golfando sangue aos dentes da canalha.

SYMBOLO

Vêde bem esse fruto, é alvo e agrada.
Vêde esse outro tambem, rubro caustica.
Tem um a côr da neve e dulcifica.
Tem outro a côr do sol, fascina e brada.

Tão bellos são nessa arvore sagrada
Symbolica da vida, pobre e rica,
Que o caminhante só por vê-los fica
Embevecido e tremulo na estrada.

Moços! se o amor do branco vós tiverdes
Hão de florir as illusões na vida.
Hão de os sonhos voar nos valles verdes.

Mas do homem — a paixão, sempre o escarlate
E de sua alma é a flamula querida
Esse vermelho pomo do combate.

ALMAS

Tem almas negras (e são tantos, tantos
Os que nas tem) de rigidos granitos.
Almas trancadas aos mais altos gritos,
Almas infensas aos mais fundos prantos.

Almas que negam multiplos encantos
Da vida. Alheias aos clarões benditos
Do sonho. Envoltas em brumosos mantos
Do amor á pompa celestial dos ritos.

Almas, povoadas dos mais rudes frios,
Torvas, como se em corregos sombrios,
Rolasse a voz amplissima do oceano.

Almas, vivendo entre as demais, estranhas
Não ouvem nunca — estupidas montanhas!
Siquer os ecos do gemido humano!

BRAÇOS

Braços christãos, alvissimos, abertos
Para Jesus, em supplicas supremas,
Braços de neve que são dois poemas
De rimas de ciro e de clarões cobertos.

Braços capazes de impedir incertos
Fados, faiscando luminosos lemmas,
Calmando as furias biblicas, extremas,
E as tempestades dos crueis desertos.

Braços que levam labaros benditos,
Confalloneiros braços de proscritos.
Tontos, tacteando, em lugubres exilios.

O' lindos braços feitos para a guerra
Contra o odio, contra o mal, trazei-me á terra
Esses amplexos dos astraes idylios!

PARABOLA

Meu coração tem luminuras baças,
Fogos fatuos de pantanos sombrios,
Lamentações de cyprestaes esguios,
Raivas revoltas de remotas raças.

Deita de prantos fragorosos rios,
Crivado dos espinhos das desgraças,
E, espedaçando a clamyde das graças,
Rola do tedio nos desertos frios...

Dias apocalypticos, trevosas
Noites, a succederem-se, em brumosas
Parabolas de lugubre hecatomba...

Que nessas lutas que travei a esmo
Abateu-se-me o orgulho de mim mesmo,
Tombou-me a crença como um sol que tomba!

FIM

Tudo que fôra o pelago fremente
Que tu no verso o coração espelhas,
Do teu sangue cortado de scentelhas,
Do teu amor fatal e impenitente.

Sustos, assombros, tudo surdamente
Soffrido, magoas, convulsões vermelhas,
Hoje, liberto o coração das velhas
Chagas, palpitas e arfas, livremente!

Paz a teu sonho. Tempestade extincta.
Mas estremece ainda, ainda tinta
Da salsugem das ultimas procellas,

Toda a tua alma, louca de ansiedade,
A sonhar, nas distancias, a saudade
De uns bruxoleios tremulos de estrellas...

ROMANTICO

Eu bem sei que aos teus olhos se descobre
— Clara visão do sonho que te exulta —
A mão de um rei, entre brazões occulta,
Guiando-te á alcova, perfumada e nobre.

De que te serve o meu amor? Tão pobre
Sou! E é tão fundo o mal que me sepulta,
Da que te cerca sociedade estulta,
No esquecimento que o meu nome cobre...

Perdôa, se do chão dos meus abrolhos
Clamei teu nome! Eu via nos teus olhos
Algo de estranho que não vi jámais...

Mas se é preciso amar-te por tal preço,
Nada quero de ti, nada careço:
—Foi apenas um sonho e nada mais!...

CARLOS CHIACCHIO

DISCURSO

pronunciado pelo academico Arlindo Fragoso, na sessão inaugural, a 10 de Março de 1917.

Meus Senhores:

Está creada, desde 7 de Março deste anno, a ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA, a qual, organizada em 16 desse mez, hoje se inaugura.

Não fôra justo prolongar por mais tempo a falta, entre nós, de tão util instituição. Os antigos, de longe data, lhe reconheceram, com os prestimos e a importancia, a sua necessidade, fundando aqui, uma em seguida á outra, nada menos de duas: a ACADEMIA DOS ESQUECIDOS, de que "chegou a fazer memoria" o *Mercurio de França*, em 1724, e da qual, com assignalado realce, foi protector, ou patrono, o vice-rei VASCO FERNANDES CÉZAR DE MENEZES, Conde de Sabugosa e Governador do Brasil desde 23 de Novembro de 1720; a ACADEMIA DOS RENASCIDOS, com quarenta socios de numero, em 6 de Junho de 1759, sendo estabelecida, com as melhores esperanças de viver e durar, sob os auspicios de D. MARCOS DE NORONHA E BRITTO, 6.º Conde dos Arcos e 7.º vice-rei do Brasil.

Em 1810, segundo refere o Visconde de Porto Seguro, não foi pequeno o esforço de LUIZ ANTONIO DE OLIVEIRA MENDES, bahiano de vastissimo saber e socio, que o era, da *Academia Real*

das Sciencias de Lisbôa, para assegurar a existencia da SOCIEDADE BAHIENSE DE LETRAS, que, então, fundara e a que deu por empresa esta bella epigraphe: — *Sic itur ad astra.*

Essa, comtudo, do mesmo modo que as duas e nossas primeiras associações de letras e outros nucleos literarios que, de quando em quando, iam apparecendo, não prosperou. Todas, ao avesso do que se deveria esperar de seus illustres nomes, acabaram em tempo breve, posto que, alem de outros beneficios, tivessem deixado, a lhes extender a tradição, algumas lembranças de bom credito e justa fama.

Pensa VARNHAGEN, citado pelo Sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO na sua excellente *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Literarios e Artisticos de Portugal*, que semelhantes corporações facilmente desfallecem, decahem e morrem "quando lhes não acode o influxo protector do governo". Se não merece desestima tão autorizado voto, em que, segundo os factos, a verdade se recommenda, força é reconhecer que aquelle prestigio, realmente indispensavel, nem sempre as salva. Debalde o tiveram as nossas primeiras Academias, mais que protegidas, creadas por governadores e vice-reis. A *Sociedade Bahiense de Letras*, extincta antes de conseguil-o, certamente o teria, porque, além de outras razões, veio o governo, pouco depois de instituida, ás mãos do 8.º Conde dos Arcos, amigo da instrucção e protector das letras; e, em virtude desta ultima qualidade, muito do seu orgulho, fundador, que o foi na Bahia, da primeira officina typographica, de onde sahiu a *Idade de Ouro*, a nossa primeira imprensa, da Bibliotheca Publica e do Theatro S. João.

Nenhum governo, digno de si mesmo, tendo, pois, o sentimento de suas responsabilidades, se exceptua ao dever de amparar ou, pelo menos, apoiar essas instituições. A *Academia Franceza*, de 1635; a *Academia Real das Inscripções e Bellas Letras*, de 1663, como a *Academia Real das Sciencias de Paris*, de 1666; a *Sociedade Real de Londres*, de 1660; a *Academia Real de Sciencias e Bellas Letras de Berlim*, creada, em 1700, por Frederico I.º e da qual o famoso Leibnitz foi o primeiro Presidente; a

Academia Real Hespanhola, de 1714; a *Academia Real da Historia Portugueza*, de 1720; a *Academia Real de S. Petersburgo*, de 1726; a *Academia Real das Sciencias de Lisbôa*, de 1779; estas como outras, em todos os tempos, tiveram sempre, se bem nascidas a consideração, não raro carinhosa, ás vezes tutellar, dos governos de seus paizes O titulo de *Real*, que precede, em quasi todas as lembradas, os seus nomes, bem adverte ou faz ver o apreço com que, desde os passos iniciaes, foram acolhidas e estimadas.

Sobre a primeira que contou a Bahia, e foi a *Academia Brasilica dos Esquecidos*, disse SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA, do quadro de seus mais conspicuos titulares, na *"Historia da America Portugueza"*, e naquelle pomposo e um tanto affectado estylo muito seu e da epoca, o seguinte:

> "Não permittio o vice-rei que faltasse no Brasil esta pedra de toque no estimavel dos seos talentos, de mais quilates que o de suas minas. Erigio uma doutissima academia, que se faz em palacio na sua presença. Deram-lhe fama as pessoas de maior graduação e entendimento que se acham na Bahia, tomando-o por seo protector. Tem presidido nella eruditissimos sujeitos. Houve graves e discretos assumptos, aos quaes se fizeram elegantes e agudissimos versos; e vae continuando nos seos progressos, esperando que em tão grande protecção se deem ao prelo os seos escriptos, em premio das suas fadigas".

José Verissimo, estudou em 1916, na sua *Historia da Litteratura Brasileira*, e com o rigor que lhe era habitual, os aspectos literarios do seculo XVIII, não deixou de reconhecer a importancia e vantajosas influencias das Academias dessa epoca.

> "Como quer que seja", disse o illustrado critico de saudosissima memoria, "apontavam todas ao progresso das letras e da cultura espiritual do Brasil".

E accrescentou:

> "Sobre haverem iniciado o commercio e tracto reciprocos dos homens de letras do Brasil, convocando-os de toda parte delle para se lhes associarem, tiveram o effeito immediatamente util de chamar a attenção e despertar o gosto e o amor do estudo da nossa historia e das nossas cousas. São testemunho desse seu influxo a *Historia da America Portugueza*, com que ROCHA PITTA realizou um dos propositos da *Academia Brasilica dos Esquecidos*, e a *Historia Militar do Brasil*, de JOSÉ DE MIRALES, socio da dos *Renascidos*, e confessadamente escripta por sua influencia".

E' o mesmo e justo parecer de Sylvio Roméro, quando diz — que essas Academias estimularam a producção de sua epoca.

Silvestre Ribeiro, apreciando as nossas e as Academias portuguezas, estas, bastante numerosas, nos seculos XVII e XVIII, e, de um modo geral, as Academias particulares, chamou-lhes "instrumentos de civilização"

> "Ainda quando as Academias particulares", são as suas palavras, "não tivessem outra vantagem mais que a de inspirar a sociabilidade, gerar o amor do trabalho e fazer crear o gosto pela cultura do espirito, ainda em tal caso seriam ellas *um instrumento de civilização*. Mas é incontestavel que outros bons resultados apresentam, quaes são os de dar desenvolvimento á intelligencia, alargar a esphera dos conhecimentos humanos, contribuir para o aperfeiçoamento da linguagem".

Sabida, assim, a sua utilidade e inconfundivel importancia, que a critica competente nunca deixou de assignalar, a outras causas, filiadas, quasi sempre, a defeitos de organização, impropriedade do momento, intimas dissenções e ao repudio, pela indifferença e o descaso, aos compromissos de trabalho, se deverá ligar, na chronica das que existiram, a ruina das que, mais aggravadas daquelles males, pereceram.

Na primitiva origem de todas, quando vemos surgir do de-

leitoso retiro de Cimon, transformado em assembléa de philosophos, a Academia de Platão, eram poucas. Mudadas de feição e destino, ao encontrarem o seu novo berço na Italia do seculo XVI, foram demais. Nada menos, em 1725, de seiscentas academias literarias. espalhadas por quasi todas as cidades desse bello paiz das artes Mesmo assim se affirma, ainda hoje, que "a erudição irradiava das mais graduadas ás menos importantes, e que todas ellas ingeriram o gosto ás intelligencias do paiz mais impressionavel a todas as feições das bellas artes. A *de la Crusca* que, sob o moto — *il più bel fior ne coglie,* só trabalhava, sobreexcedendo ás outras, á luz desse pregão e entre emblemas e symbolos do seu extranho modelo, que o era, de "padaria espiritual" (*Academia Furfuratorum*), formou, sendo gloria do seu nome, "o melhor diccionario italiano — o que levou este formoso id ma á sua perfeição e apuro".

Serenando, porem, em toda a parte o exaggero de taes creações, que os imitadores, ou a vaidade, tornaram excessivos, ficou á razão o privilegio de edifical-as pelo mando e opportunas exigencias da necessidade, seguindo, para serem fructuosas, os bons e duradoiros exemplos do passado.

Não se comprehende, todavia, de referencia ao nosso paiz, como, ha tanto tempo extinctas as antigas academias da cidade de Mem de Sá, tanto tardasse, sobejando as capacidades, o advento necessario e feliz da *Academia Brasileira de Letras*, somente organizada e inaugurada no anno, pouco afastado de nós, de 1897.

Bem que o Governo da Republica, mandando construir o *Syllogeu*, onde, ha alguns annos, funcciona tão digna, utilissima e sempre prestigiada, instituição, deu evidente prova de lhe prezar a valia. De igual modo applaudido nas repercussão de sua justiça, se impoz á estima publica o acto de patriotismo com que, desde 1900, o Congresso Federal acolheu e considerou a Academia Brasileira, auctorizando o Governo a dar-lhe, em predio publico, installação permanente, e a lhe imprimir, como obrigação legal as suas publicações officiaes e as obras de escriptores brasileiros fallecidos, que ella tenha reputado de grande merito.

Antes da creação de 1897, ligada para sempre ao nome

muito illustre de Lucio de Mendonça, alguns ensaios, embora raros, se fizeram pelos Estados no sentido de fortalecer, entre escriptores e poetas, os vinculos da solidariedade literaria. Associações de propaganda e vulgarização foram sempre, em todo o paiz, de mais crescida conta, não sendo poucas as que já alcançaram tradição pelo prestigio dos annos e a memoria, muito nobre, dos serviços. No typo, ou modelo academico, vieram depois da *Academia Brasileira de Letras* as existentes nos Estados, sem que, felizmente, as affligisse, como out'ora, nos intuitos e esperanças do seu alto pensamento, o erro de numero excessivo, sendo o perigo consequente das rivalidades.

Nada se oppunha a que a Bahia, ella tambem, tivesse, em condições de exito, a sua Academia. Era um direito seu, legitimo e sempre reconhecido, hontem como hoje, á Athenas Brasileira. Mal nesse empenho já cumprido, e de que a presente solennidade é, na expressão victoriosa de seus jubilos, a consagração, só um eu sei e o confesso: o de ter o destino desacertado na escolha do humilde que, propugnando pela grande idéa, deveria vencer. Mal, talvez, sem valor, e de facil esquecimento, desde que a nossa Academia está creada. Um accidente, nada mais que um accidente, inseparavel de tudo que nasce, ou começa, de todas as coisas que se iniciam. Fui eu; isso qu'importa? Poderia ter sido outro o iniciador. Alguem havia de sel-o.

A idéa, esta é a verdade, e isto é tudo, valia de si mesma, na sua opportunidade e na dominante força de seus innumeros prestigios. Glorias, sempre inaccessiveis a todos os decretos, as que chegarem á nossa Academia procederão somente, exclusivamente, dos trabalhos de seus Illustres, em cujo quadro me admittiu, por só condescendencia da bondade, o coração, demonstrando, por essa prova da bengnidade e do favor, que as suas virtudes não são extranhas aos grandes espiritos, aos maiores e mais illuminados engenhos.

Organizada, em quasi tudo, pelas normas da Academia Brasileira, como esta se instituira pelo duradoiro e secular modelo da Academia Franceza, a nossa terá lacunas que o tempo, fatalmente, ha de supprir. A bôa opinião com que, aparte um ou ou-

tro reparo, mereceu ser, geralmente recebida, indica que não foram de clamar as falhas encontradas. Nem mesmo o despeito a feriu com duros golpes. Esse martyrio, que a fortuna lhe poupou, teve-o, ás mãos ambas, da critica infiel aos conselhos da justiça, a *Academia Brasileira.*

Pereira de Carvalho, no seu estudo sobre *Os membros da Academia Brasileira* em 1915, obra de informação só agora divulgada, assim refere a amargura: — "Surgiu entre a descrença e a maledicencia da grande massa dos que eram ou se inculcavam factores la nossa vida mental, ferida pelo sorriso complacente da incredulidade ou a risota escarninha dos incontentados de todo o tempo. Insultos e apodos não lhe faltaram, dos que, sincera ou pedantescamente, lhe negavam qualquer influxo benefico ás letras patrias, dos que pregavam a impossibilidade de sua missão, não fugindo nessa destruição quixotesca, de entrar pelo terreno pessoal, fazendo cahir sobre os seus membros fundadores uma saraivada de motejos e ridiculos.

Diga-se que a Academia Bahiana foi mais feliz em ser tratada sem esses despropositos da iniquidade e da inveja. Ou que, por haver apparecido vinte annos depois da *Academia Brasileira,* achou melhor orientados os espiritos de seus primeiros julgadores. Razões, esta e aquella, assim creio, para que se expliquem as indagações, justificando a insistencia da proposta de 7 de Março, que encerrava todo o plano de organização da *Academia de Letras da Bahia,* e, sem maior demora, a 16 de Março, se convertia em sua lei.

Sendo de *letras* a Academia, isto se disse, deveria estar fechada aos que não fossem, no sentido restricto do vocabulo, *literatos.* De *letras* é a Academia Brasileira, e lá se admittiram, entre outros festejados nomes nacionaes, por só falar dos mortos, os de Oswaldo Cruz, Lafayette Pereira e Barão do Rio Branco, que, em rigor, nunca foram *literatos.* A *Academia Real de Sciencias de Lisbôa,* fundada, em 1779, por D. João de Bragança, duque de *Lafões,* porque o era de *sciencias* não se fechou ás artes e ás *letras,* antes lhes reservou uma classe especial, a terceira no plano dos Estatutos, destinada aos varios ramos da Literatura Portugueza.

O Professor Maximino Maciel, prefaciando a obra de Pereira de Souza sobre a Academia Brasileira, deixou liquidada, por uma vez a questão:

> "Verdade se vae tornando", assim sentenciou, "que no estado actual da civilização, extremamente complexa, omnimoda, hecterogenea, já não podemos mais obstinar a vincular o termo *literatura,* ou *letras,* a exprimir apenas as creações sentimentaes, "as syntheses affectivas", na phrase de Theophilo Braga.
>
> "Torna-se-nos, pois, imprescindivel conferirmo-lhe mais larga amplitude, expandindo-se-lhe o conceito restricto em que o tinham os antigos.
>
> "Como espelhos em que se reflecte a vida intellectual de um povo, como escantilhões de sua mentalidade, como certificados patentes do seu gráo de cultura e civilização, isto é, como expressões subjuntivas da sociedade, segundo o criterio que lhes imprimiram os adeptos das doutrinas de *De Bonald,* as literaturas devem conglobar-lhe todos os conhecimentos, todas as producções intellectuaes, quando expressas pela palavra escripta, sob fórma elegante, castiça e impeccavel.
>
> ....
>
> "Tanto mais que, á maneira que se alarga o cyclo da elaboração intellectual, se dilata ao mesmo passo o horizonte conceitual do que se diz literatura; está deixando, por conseguinte, de circumscrever-se, exclusivamente, ás manifestações da *poesia,* da *oratoria,* da *historiographia,* da *critica,* do *romance,* da *novella,* do *canto,* da *dramaturgia,* da *philologia,* e da *linguistica,* para outrosim, extender-se a todas as manifestações espirituaes de um povo, quando tenham por orgão a lingua, a arte da palavra".

A questão do *numero de cadeiras* e, a par desta, a dos *patronos indicados* e a dos *academicos escolhidos* serviram, todas, senão á censura, de desculpas aos leves enfados de alguns e raros desaccordos.

O numero não teria importancia, se fosse razoavel excedel-o do que, a exemplo da *Academia Franceza*, acceitou, para o de seus membros effectivos, a *Academia Brasileira*. Porque deveria a nossa, instituição de um só departamento da Republica, avantajar-se á outra na conta dos quarenta associados que ella elege, pelo seu caracter nacional, entre os homens de letras de todos os Estados?

Outros nomes, é certo, se lembraram, quinze a vinte, e todos bem lembrados, ao patronato das cadeiras. Nem um só, todavia, se insinuou, entre os da lista que compuz e foi acceita como devendo ser excluido. Eu mesmo, antes da critica, tinha offerecido a exame, o que está em positivo documento, mais trinta e nove sobre os quarenta e um que se aproveitaram. Diminuido, de pouco que fosse o estado do merecimento, ou, para igual valor, ajuntados, em cada classe as figuras da mesma epoca poderiam sem esforço, ser duzentos, todos nomes gloriosos. Firme, entretanto, a idéa, muitissimo sensata, da representação, do seculo XVI ao seculo XX, dos grandes vultos que, nas diversas phases da historia da Bahia, emblemam o talento e a cultura e lhe fizeram, como intellectuaes, crescer, avultar e refulgir a tradição, de que modo fôra possivel desprezar os que se preferiram?

Como esquecer o bahiano Frei Vicente do Salvador, nosso famoso chronista, de quem disse José Verissimo ter sido "o primeiro brasileiro que escreveu prosa num genero literario, qual é a historia, e de feitio ase lhe poder qualificar a obra de literaria" ? de quem disse Capistrano de Abreu, um dos que o revelaram aos desaggravos do tempo e da justiça e á admiração contemporanea, todos os louvores de sua sempre respeitada auctoridade de insigne sabedor das nossas cousas.

Como eliminar de tão magnifico patrimonio de glorias bahianas, Gregorio de Mattos, Manoel Botelho de Oliveira, Sebastião da Rocha Pitta, Alexandre Rodrigues Ferreira, o Visconde de Cayrú e, uns após outros, todos os grandes nomes que a nossa Academia recolheu e, sem offuscar os de outros luzeiros nossos, scintillam, augustos nomes da Bahia, como sóes que o tempo não apaga, no céo azul e vasto das tradições do seu passado?

Dos vivos, que, dignos de um logar na Academia, não n'o tiveram, eu conto, a meu juizo, mais de dez, e não conto nesse numero as vaidades murmurantes. Mas, com a mesma sinceridade desta confissão, sinto-me bem em declarar que, afóra eu, a ninguem mais conheço, sem razão e sem defesa nas cadeiras occupadas. Erro, se algum houve nas escolhas, e não creio que tenha havido, é minha, só minha, a culpa, e será do tempo a funcção de remedial-o. Não aprendi ainda, com os que, se não sabem fazer, sabem ensinal-a, a perfeição. Demais nas Academias, como em tudo, é sempre assim o nascer. Por isso o Sr. Joaquim Nabuco, entendendo que "as Academias, como tantas outras coisas, precisam de antiguidade", explicava e desculpava, nos seguintes e justos pensamentos, os inevitaveis defeitos da vida inicial da Academia Brasileira, de que, notavel nome da Patria, elle foi uma das grandezas:

> "O numero de quarenta", assim se exprimiu, "era quasi forçado, porque não dizel-o? tinha a medida do prestigio, esse que de symbolico das grandes tradições, o cunho do *primi capientis*; essa veneração espontanea pela qual as proporções justas de qualquer creação humana são sempre as que foram consagradas pelo successo
>
> "Quanto á escolha propria, como podia ser evitada? Nenhum de nós lembrou o seu proprio nome; todos fomos chamados e chamamos a quem nos chamou... Houve uma bôa razão para nos reunirmos ao convite do Sr. Lucio de Mendonça; é que, excepto essa, só havia outra fórma de apresentação; a official. Não seria de certo mais inspirada, e não podia ser tão ampla, a nomeação por decreto, e uma eleição publica havia de resentir-se da côr local. De qualquer modo que se formasse a serie dos primitivos, a origem seria imperfeita; resultariam iguaes injustiças. Não temos de que nos affligir; todas as academias nasceram assim. Que era a Academia Franceza quando a Richelieu occorreu in-

cção necessaria, e desempenhando-a?
sufflar-lhe o seu genio, associal-a á sua missão? Era uma reunião de sete ou oito homens de espirito em Paris. E as Academias, as Arcadias todas do seculo passado? Qualquer pretexto é bom para nascer... Não se deve inquirir das origens. Quando a vida apparece, é que o inconsciente tomou parte na concepção, e com a vida vem a responsabilidade, que ennobrece as origens as mais duvidosas. Quem nos lançará em rosto o nosso nascimento, si fizermos alguma coisa; se justificarmos a nossa existencia, creando para nós mesmos uma fun-

Nesta directriz está o caminho da Academia e a garantia do seu futuro. Nada lhe impede de disputar, como legitima aspiração, a gloria, desde que trabalhe, visando o nobre objectivo de sua digna missão, de bellos e altissimos ideaes.

Uma fortuna, desde que ella surgiu, lhe acompanha os passos, fortalecendo, entre augurios felizes, todas as suas esperanças: a do apoio official, que lhe chegou com a vida nos conselhos do Chefe do Estado sobre os problemas, tão difficeis como melindrosos, da primeira organização. Amparo sincero, protecção real, dedicada e forte, de que logo resultaram estes bens: a casa em que a Academia funcciona, que é esta sala das sessões da Camara dos Srs. Deputados, gentilmente cedida a ella por sua Mesa dignissima, sem prejuizo do destino que lhe é proprio, valioso obsequio, muito de louvar e agradecer, em que se sente, nas deferencias ao pedido satisfeito, o prestigio do Sr. Governador; a liberdade concedida á Academia de realizar livremente, na Imprensa Official do Estado, as suas primeiras publicações urgentes, até que o Poder Legislativo, se achar de razão a generosa graça da autoridade do Sr. Governador, lhe imprima, como é legitimo esperar, a força de um direito; a recommendação, por fim, do Chefe do Poder Executivo, na sua Mensagem, de 7 de Abril, deste anno, á Assembléa Geral do Estado, quando se completava, pois, o primeiro mez de existencia da Academia, dizendo, por entre as alegrias do patriotismo, que a sua fundação tanto con-

tentara, o que essa instituição exprime, a merecer que o poder publico a acolha, defenda e prestigie.

Sem serviços, ainda, ao credito por que ha de lidar, pois que agora começa a viver, a Academia de Letras da Bahia regista para o culto de sua imperecivel gratidão a grande divida desse carinhoso patrocinio em que se destaca, para o seu reconhecimento e os applausos da Historia, o nome illustre do Sr. Governador.

Disse Renan, ao ser recebido, em 3 de Abril de 1879, na Academia Franceza, "a mais duradoira das creações de Richelieu", insigne obra do seu genio, e do mundo sempre admirada, que era aquella Companhia, sem mudança em seus estatutos depois de dous e meio seculos de existencia — "uma grande lição de liberdade, pois que ali todas as opiniões politicas, philosophicas, literarias todos os modos de entender a vida, todos os generos de talento, todos os meritos, se encontravam, lado a lado, com um direito igual". E accrescentou: — "Reunir os homens é estar bem perto de reconcilial-os, é, pelo menos, prestar ao espirito humano o mais assignalado dos serviços, por isso que a obra pacifica da civilização resulta de elementos contradictorios, mantidos face a face, obrigados a se tolerarem, conduzidos a se comprehenderem e quasi a se amarem".

Missão social, e nobilissima, em que se entrevê, como a suprema luz, o destino final da Humanidade, ella é nossa tambem, e a teremos cumprido, como um dever que procede dos nossos compromissos, se, no volver do tempo e ao succeder das gerações, a Academia de Letras da Bahia souber prezar, por seus Illustres, o Evangelho que me veiu d'alma ao pensamento, e em que, como um lemma de trabalho, a sua fé, a sua lei, a sua bandeira, fulge em letras de ouro nas insignias de nossa distincção: — SERVIR A PATRIA HONRANDO AS LETRAS.

DISCURSO

pronunciado pelo academico Xavier Marques na sessão publica de 10 de Abril de 1917.

Senhores:

Conforme o programma traçado para esta solennidade pelo insigne mestre que preside aos nossos trabalhos, cumpre-me dizer algumas palavras acerca da utilidade da Academia de Letras.

Haveria ahi materia para interessante, erudito, longo discretear; e até com algum jeito, que me falta, de ser immodesto sem melindrar a sufficiencia dos estranhos, seria asada occasião de entoar o nosso proprio louvor.

Posto que assim seja, e dado que me assistisse alento para tal discurso, julgo bastante a concisa letra do texto que regula a existencia desta associação como testemunho do seu grande prestimo e penhor da sua virtual influencia no meio em que vem auspiciosamente surgindo.

O art. 1 dos Estatutos da Academia assigna-lhe como fim "a cultura da lingua e da literatura nacional, ainda nas suas relações com a sciencia e as artes". Ahi está. Se é util cultivar, defender, illustrar a lingua materna, — e ninguem o contesta, — de utilidade não carece a instituição que, sob os estimulos do sentimento de patria e com a ambição de honral-a, se dispõe a tão exigente e meritoria tarefa.

Tem ella por primeiro dos seus deveres conservar extreme a lingua que recebemos como preciosa dadiva da historia. E' este sem duvida um modo, bem que indirecto, de preservar a harmonia interna da sociedade e de augmentar a cohesão do seu espirito.

Mil vezes já foi estimado, apenas com differenças de gráo na estima, o valor da lingua como condição de existencia da grei nacional. Communidade de origem, de territorio, de instituições politicas, solidariedade de interesses e aspirações, identidade de costumes e crenças religiosas são outros tantos caracteres da nacionalidade. Não importa dizer que elles se encontrem sempre reunidos onde quer que viceje o sentimento nacional. Mas se nem todos esses elementos são indispensaveis, muito custa a admittir, theoricamente, e não sei mesmo se ante o facto historico, que na vida de uma nação se possa abstrahir da uniformidade da lingua. Por isso, a despeito da seducção do seu estylo, comprehendo menos Renan quando assenta a idéa nacional num legado commum de recordações e na vontade de continuar a accrescel-o "apesar das diversidades de raça e de lingua".

Por sua vez Stuart Mill nos fala de uma causa, entre todas poderosa, da sympathia que une os homens em nações: a identidade de antecedentes politicos, a posse de uma historia ou, o que tanto monta — a communidade de recordações, o orgulho e a humilhação, o prazer e a pena collectiva, tudo isso ligado aos mesmos successos do passado.

São testemunhos estes de alta consciencia. Todavia, depois de ouvil-os, fico ainda a pensar por que meio se formaria a communhão sentimental sem o instrumento commum de expressão, e como se entreteria o sentimento vivaz do passado com as suas glorias, as suas alegrias e os seus reveses, sem o idioma por todos fallado e escripto, por todos entendido, para conchegar as almas no culto daquellas recordações.

A unidade moral de um povo não póde ser perfeita se elle se ramifica em familias linguisticas. Babel é a um só tempo symbolo de incommunicabilidade e dispersão. Lastimem-se os povos privados da fortuna de um falar uniforme e unico. Os que

a logramos devemos agradecer o favor ao destino e tudo fazer pela conservação do inestimavel patrimonio.

A Academia não tem funcção docente nem politica. Não é escola nem parlamento. Escapa-lhe á esphera de acção impedir que outras linguas intentem fazer conquistas no sólo da patria. Não lhe cabe ir ao encontro do colono estrangeiro para o submetter ao sceptro de Camões.

A Academia, no entanto, acolhendo e distinguindo os cultores do idioma patrio, fará, nos limites de sua influencia, esta obra eminentemente suggestiva: excitar o zelo por uma tradição que já é parte integrante da alma brasileira.

Quanto á literatura, não direi que seja parte, porque é ou pode ser toda a alma nacional. Das creações do homem culto nenhuma a excede em expressão, como a verdadeira imagem moral da sociedade. Sentimentos, idéas, fantasia, caracter, tudo o que ha de essencial, profundo, invisivel, inconsciente na raça, ella guarda, concentra, reflecte e perpetúa. Por isso um dos espiritos mais vastos que no seculo XIX se applicaram ao estudo das literaturas, estimava preferivel, na reconstrucção psychologica de uma epoca a quaesquer outros documentos, um grande poema ou um bello romance

A cultura literaria salva as linguas desamparadas da fortuna politica. Mas que de uma nação vencida se perca até a memoria do seu vocabulario, corrompido e transformado, ou obliterado em codices que ninguem mais folheia: a lingua morta não entrega á espada do conquistador a essencia que animara aquellas syllabas esquecidas. Quando já não resta dos soberbos imperios nem um vestigio material do que foram, vivem elles ainda pelo genio que se incorporou nas suas letras, pelo espirito que dessas letras se transfundiu em vocabulos de outros idiomas.

O desejo da immortalidade é um dos mais subtis e obstinados instinctos moraes do homem. Ao se abalançar ás empresas que exigem esforço, lucta, sacrificio, abnegação, sente ella a necessidade de como quer que seja collocar-se com a sua obra fóra do tempo. Será uma illusão, mas illusão fecunda. Seja pelo raciocinio, seja pela intuição, disse Spinoza, a alma humana deve conhecer as cousas como eternas para tambem ser eterna. O mundo está cheio de grandes feitos que se commetteram por horror á morte. — mola secreta de rasgadas ambições, como o amor da celebridade e da gloria. Ir á posteridade pelas suas acções, suas doutrinas, seus escriptos, é ainda o derradeiro consolo do philosopho que viveu a desdenhar a evidencia e a fama. Nada mais humano que o sentimento com tanto orgulho desfraldado na exclamação do poeta latino: — *Non omnis moriar*...

Tambem só os povos desherdados, inaptos para a vida do pensamento e a civilização, não desejariam poder soltar esse grito de triumpho.

E a não ser no territorio das letras, onde achar os monumentos impereciveis da humanidade? Qual o bronze comparavel em duração á idéa que um cerebro luminoso concebeu e foi escripta? As columnas erigidas a Marco Aurelio cahiram em ruina, mas ficaram os pensamentos do imperador philosopho. Soterrou-se, desappareceu o Forum romano com as suas basilicas, os seus arcos, as suas estatuas, mas os discursos de Cicero continuam a glorificar a eloquencia atravez dos seculos.

A Academia, no empenho talvez de prevenir a estreiteza do espirito de casta, alargou os seus designios até comprehender as letras "nas suas relações com a sciencia e as artes"...

E' claro: ella deseja a collaboração de todos aquelles que, sem titulos propriamente literarios, tenham por si os direitos do saber e do talento. Com tal criterio, exemplificado desde a sua fundação, observado antes mesmo de legislado, deixa ella de constituir uma sociedade uniforme de literatos para obter uma representação mais completa de valores intellectuaes. — Mas a academia é de letras, objectar-se-á. Se em resposta invocassemos o uso estabelecido por associações congeneres já estariamos bem justificados. Consideremos, por accrescimo, que as letras, as bôas letras, são menos limitativas ou menos exclusivas, desde o momento em que se transpõe o catalogo das bibliothecas. A imaginação, o gosto, o sentimento do bello e suas expressões correspondentes têm mais cultores do que faz presumir a antiga classificação dos generos literarios. Nada impede a reflexão do philosopho ou a descripção do naturalista de exprimir-se por imagens, como a emoção do poeta. Correcção e pureza de linguagem,

senso esthetico, medida, justeza, côr, euphonia, rythmo, tudo isso, e mais do que esses attributos externos de fórma, se encontra fóra do especial dominio da arte literaria pondo-o em relação com outras provincias da cultura. Assim estão de accordo os criticos em reputar o *Discurso sobre o methodo*, de Descartes, um monumento literario. Desde que o pensamento se desprende do estrictamente particular ou do technico, e pede á lingua a roupagem ampla das expressões geraes, eil-o muito legitimamente participando do attractivo das letras.

Não está, pois, fechado ao homem de sciencia o reino encantado onde vive o poeta. Buffon escreveu a sua *Historia Natural* com penna de artista. E Voltaire pôde dizer de Archimedes que elle teve pelo menos tanta imaginação quanto Homero.

Por fim ahi temos Renan, em discurso proferido na Academia Franceza a recommendar em nome da unidade do espirito humano a diversidade dos talentos e meritos que formam desde o seu inicio aquella gloriosa companhia. — "Em certo gráo de elevação todas as grandes funcções da vida racional são irmãs". Disse mais o grande magico do estylo: — "Em uma sociedade bem organizada todos os que se consagram ás bellas e bôas causas são collaboradores"; e "tudo vem a ser literatura quando é feito com talento".

A Academia de Letras da Bahia, seguindo exemplo tão illustre, quiz reunir todas as forças da intelligencia com que se edifica uma cultura · a sciencia em suas nobres especialidades, o talento em suas bellas applicações. Se o conseguiu, não ha duvidar que tenha melhor assegurado o exito de sua missão conservadora. como representante da cultura bahiana. Precisamente é da essencia destas corporações o serem antes representativas que activas.

A cultura, no sentido nitzscheano da palavra, contrapõe-se de alguma sorte ao progresso. Contrapõe-se, mas não se oppõe. Ella é disciplina e equilibrio. O progresso é iniciativa e acção. Uma é o espirito se revendo na perfeição attingida e fazendo timbre de permanecer nesse estado. O outro é o espirito insatisfeito e sofrego, buscando em novas fórmas uma perfeição ideal. Uma é como que a imagem do ser; o outro a do vir a ser. Espe-

lham-se tambem aqui as duas correntes da philosophia moderna: intellectualismo, pragmatismo.

No Brasil, paiz novo, ha muito ainda que adquirir pelo esforço perennal e heroico. Não se poderia pensar em substituir o gesto pelo conhecimento. Mas se as sociedades precisam de marchar seguras de si, á luz bem viva da propria consciencia, instituições da natureza desta, orgãos das tendencias conservadoras, têm uma funcção social tão util quanto os agentes mais efficazes de progresso.

DISCURSO

pronunciado pelo academico-presidente Ernesto Carneiro Ribeiro na sessão publica de 10 de abril de 1917.

Senhores:

Estudando as inclinações primitivas de nossa natureza, entre as que se podem considerar mais nobres e de mais alevantados intuitos para a realização dos destinos da humanidade, a philosophia distingue e analysa o desejo de sociabilidade e o desejo ou instincto de curiosidade. Esta inclinação natural filia-se na tendencia ou instincto de sociedade, que, sendo apenas esboçado em alguns animaes. que automaticamente se aprazem em viver a vida em commum, mais proemina e releva no homem, que não póde viver solitario e só de seus semelhantes, em cuja convivencia se lhe deparam forças para o desenvolvimento de todos os productos de sua intelligencia, expansão para todo o seu sentir, allivio e conforto para as suas maguas e pezares, energias para o seu soffrimento, coragem para resistir aos embates da desgraça, calma para suffocar e amordaçar a raiva e grita do desespero, doçura e lenitivo para amainar e suavizar as agruras da propria morte.

"Se alguem", dizia Archytas de Tarento, "subindo aos céos, contemplasse só o espectaculo do mundo e o esplendor dos astros, experimentaria apenas fria admiração, ao tempo que teria transportes de alegria, se houvesse com quem a compartir".

O desejo de sociedade, tão ligado ao desejo ou instincto de curiosidade, é, em sua origem, fatal, como o são todas as inclinações de nossa natureza; mas desenvolvese no correr do tempo, fortifica-se, avulta, cresce e medra, tornando-se reflectido e intencional, recebe o impulso que lhe dá a vontade, a qual o dirige e orienta, o aperfeiçôa e educa, fazendo-o arma de progresso e civilizacão e tornando-se quando concretizado e objectivado nas sociedades, nas associações, nos institutos, nos congressos e nas academias, o expoente mais completo e perfeito da intellectualidade de um povo ou de uma nação, de sua capacidade psychica na esphera das idéas, da moral ou das artes.

Se as sociedades, os gremios, os congressos, as academias, as associações e as instituições de qualquer genero que sejam: scientificas, literarias, artisticas, gymnasticas, têm seus alicerces radicaes nas inclinações primitivas da natureza humana, naquellas tendencias instinctivas que propendem a approximar os homens entre si, e a que o esforço consciente do nosso querer modifica, dirige, ageita e educa, tirando do inconsciente do instincto o consciente e reflectido da razão e do raciocinio, não admira, diremos antes, naturalissimo é, que se lhe note a existencia desde os primordios da antiguidade e em todas as nações do mundo, em que a vida selvagem, material e puramente sensivel cede o passo á cultura dos poderes intellectuaes e moraes, das aptidões que mais conformam com os destinos do homem em suas relações sociaes, como elos que se engranzam na cadêa longa e indefinida da humanidade. Taes instituições, que mais tarde se condecoraram com o nome de *Academias*, conheceu-as a velha Allemanha, as Gallias, o Baixo Imperio.

As *Escolas* creadas pelo imperador Carlos Magno e tão fartamente semeadas por toda a Europa, eram sob a denominação de *Escolas*, outras tantas *Acodemias*, as quaes de tanta utilidade foram para o desenvolvimento do espirito na meia idade, antecipando, fecundando e opulentando os thesouros donde deviam promanar a philosophia moderna com seus grandes triumphos e assombrosas conquistas, em todas as provincias do saber humano: nas sciencias, nas artes, nas letras e industrias.

O vocabulo *Academia* é de origem grega: assim se appellidava um logradoiro publico, a pouca distancia de Athenas, em territorio pertencente ao heroe lendario *Académo*, que o legou aos cidadãos de Athenas. Ahi foi, nesse tracto ou pedaço de terreno, aformoseado pelo filho do atheniense Milciades, que Platão, cognominado o *divino*, sob suas lindas e formosas alamedas, sob o céo risonho e anilado da Grecia, aos trezentos e tantos annos antes de Christo, ensinou a philosophia, durante quasi meio seculo. Chamou-se *Academia* de *Académo*, o sitio em que o sabio discipulo de Socrates professava a sua elevada e pura doutrina e *Academicos* os que lhe ouviam as lições.

Depois, por extensão, se applicava a denominação *Academias* ás associações de homens de letras, de artistas, de homens de sciencia, reunidos no intuito de desenvolverem certa ordem de idéas, relativas ás mesmas sciencias, letras ou artes, estimulando-se mutuamente, por um elevado incentivo, tendo por fim incrementar e ampliar a esphera dos seus conhecimentos, já no dominio especulativo, já no dominio pratico, tornando-se a vida humana mais facil, mais suave, mais serena e doce, nesse concerto universal, em que tudo, em unisono, se ajusta, tudo se ordena, se afina e harmoniza e desapparece o aspero e rude da vida meramente animal, onde não ha sociedade e associações, propriamente ditas, senão ajuntamentos materiaes, cegos e inconscientes, traduzidos na republica das abelhas e formigas, no bando das aves, no cardume dos peixes, na alcatéa dos lobos, na cafila dos camelos, na récua das cavalgaduras, na manada do gado, no fato das cabras e na vara dos suinos.

Ligando um sentido lato ao termo *Academia*, a civilização moderna applica-o a varias instituições, a associações officiaes ou particulares tão uteis e prestadias ás sciencias, ás letras, ás artes, ás industrias, que, mercê de suas impulsões activas, de sua fecunda e animadora direcção, vivem, crescem, se robustecem e medram, projectando feixes de luz por todas as regiões de seu dominio.

* * *

Funda-se em Portugal aos 1647 a Academia dos *Generosos* ao influxo de D. Antonio Alvares da Cunha, passando tão preciosa herança, com a morte desse illustre varão, a seu filho D. Luiz da Cunha e, mais tarde, ao conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, que, por seu arguto engenho e notavel diligencia, conseguiu que se não desmentisse a concepção encerrada naquella divisa ou moto: *Non extinguetur* da vela accesa com que se lhe symbolizavam os associados, como que antevendo-se-lhe um longo periodo de existencia.

De feito, a Academia dos *Generosos* participou ainda de vida nos primeiros annos do seculo 18, apurando-se o gosto da linguagem portugueza, e expurgando-se a poesia daquelles defeitos a que se haviam adstricto os poetas da epoca precedente.

Em 1663 nota-se ainda o apparecimento da Academia dos *Singulares*. Foi seu primeiro presidente Sebastião da Fonseca.

Se os assumptos das conferencias dos *Singulares* eram, pela maior parte, joco serios, frivolos e triviaes, deve-se-lhes, isto não obstante, o terem enriquecido a lingua de vozes e termos vulgares e familiares, de fonte limpa e castiça, que ao dizer dos autores do *Diccionario da Academia*, em balde se procuraria noutra fonte.

Pelo bispo do Porto D. Fernando Corrêa de Lacerda foi instituida em Lisbôa, pelos annos 1673, em sua propria casa a *Academia Instantanea*, assim denominada, porque seus associados não sujeitavam a exame previo os assumptos que expunham á discussão.

Seu fundador era versadissimo nas letras sagradas e profanas, profundo conhecedor dos segredos da linguagem e desvelado e zeloso cultor de sua pureza e indole nativa, dando de rosto ás falsas alfaias de alheios idiomas, *que só mendigam os que são pobres dos cabedaes da nossa lingua, tão rica e bem dotada como filha primogenita da latina.*

Tomando-se na mesma accepção o termo *Academia*, foi que se fundou em França a importantissima associação de distinctos homens de letras, conhecida pela designação de *Academia Franceza*, composta no seu inicio, em 1629, de alguns homens, de notavel saber, sob as inspirações de seu secretario Conrart, e cu-

jas bases e plano Richelieu, o grande ministro de Luiz XIII, vastamente ampliou, em 1634, imprimindo os sellos de seu vasto engenho, largo aviso e intuitos de estadista a essa associação, cuja existencia asseguraram e ratificaram as *Cartas Petentes* do rei em 1635.

O numero de seus membros elevou-se a quarenta, tendo por divisa a expressão: *A' l'Immortalité*, donde a qualificação de *Immortaes* por que se lhe conheceu os associados.

Essa *Academia* incorporou-se depois no *Instituto de França*, constituindo uma de suas mais importantes secções: a secção de *Lingua e Literatura Franceza*. Foi seu primeiro empenho a organização do Diccionario da Lingua Franceza, em que se consumiram bons cincoenta annos, onde tanto avultou a funda erudição, o genio e as luzes notaveis de Vaugelas, um dos primeiros membros dessa associação, celebrado por seu purismo e entranhado amor á lingua de seu paiz, perito e consumado nas coisas do escrever.

Seguindo o impulso communicado ás letras e sciencias em todos os paizes cultos, no seculo que lhe precedeu, o seculo 18 é testemunha dos grandes esforços dos doutos e scientes literatos para restaurar as sciencias e incitar no espirito o estudo da indole da linguagem e literatura portugueza, reunindo e enfeixando o que de precioso havia esparso, aqui e alli, nos escriptos dos autores de mais elevado renome e valia.

Assim é que aos infatigaveis esforços do duque de *Lafões*, a seu zelo inquebrantavel, deve sua fundação a *Academia Real das Sciencias de Lisbôa*.

Essa sociedade muita luz derramou em toda a literatura portugueza, largamente dilatando mais e mais os horizontes das letras e sciencias.

As *Memorias de Literatura Portugueza*, por ella dadas á estampa em 1792, as *Memorias da Real Academia de Lisbôa*, editadas em 1797, seu *Diccionario* sahido a lume em 1780, as *Obras Poeticas* de Francisco Dias Gomes, mandadas por ella publicar em 1799, mostram de sobejo, quantas luzes deve o espirito humano a essa sociedade, que tanto desenvolvimento deu aos estudos em Portugal, abrindo os veios das ricas minas de suas sciencias e literatura.

Assim é ainda que se funda a *Arcadia* de Lisbôa em 1757.

Foram seus principaes fundadores Antonio Diniz da Cruz e Silva, o *Eufidio Nonacriense*, da *Arcadia*, autor do famoso Hyssópe e de varias producções poeticas, Manoel Nicolau Esteves Negrão e Theotonio Gomes de Carvalho, contando-se, demais disso, entre seus illustres membros, os nomes conhecidos de Corrêa Garção, appellidado o *Horacio Portuguez* e Francisco José Freire.

Essa associação prestou reaes e relevantes serviços ás letras portuguezes. Seus membros que celebravam suas reuniões ou conferencias no monte *Menalo*, consagrado pela Mythologia a *Pan*, figuravam-se pastores daquella pittoresca e risonha Arcadia grega, tão decantada pelos poetas pagãos.

Os annaes da literatura portugueza mencionam mais duas *Arcadias*: a *Nova Arcadia*, fundada em Portugal pelo conde de Pombeiro, em 1790 e a *Arcadia Ultramarina*, fundada no Rio de Janeiro, em data que não é bem determinada pela Historia. Figuraram como illustres membros daquella o celebre Bocage, conhecido pelo nome arcadio de *Elmano Sadino*, José Agostinho de Macedo, Pato Moniz e outros de fama e renome; como membros da *Arcadia Brasileira* contam-se entre os mais distinctos os conhecidos nomes de Basilio da Gama, autor do poema *Uruguay*, de Alvarenga Peixoto, Caldas Barbosa, Gonzaga, autor da *Marilia de Dirceu*, Santa Ritta Durão, autor do poema *Caramurú* e o de Claudio Manoel da Costa, autor de varias poesias sacras.

Os mais notaveis poetas da *Arcadia Ultramarina* constituem a celebrada *Escola Mineira*, em cujas producções tanto se vão accentuando os sentimentos de independencia e nacionalidade brasileira.

Entre as *Academias* de origem propriamente bahiana, distinguem-se a dos *Esquecidos*, fundada pelo conde de Sabugosa e a dos *Renascidos*. Estas duas são posteriores á Academia dos *Felizes*, instituida no Rio de Janeiro em 1736 e a dos *Selectos*, fundada na mesma cidade em 1752.

A *Academia Brasileira de Letras*, a mais moderna das asso-

ciações literarias do Brasil e cujo plano, em suas linhas geraes, a *Academia*, que hoje aqui solennemente inauguramos, procurou imitar, teve sua fundação no Rio de Janeiro em 1897.

Levados pelo ardente desejo de dar amplidão á esphera de nossos conhecimentos literarios, expandindo as luzes do saber para honra, lustre e gloria de nossa nacionalidade, alguns homens de letras, dos mais distinctos e da mais apontada reputação literaria, tomaram aos hombros o difficil e sobremodo arduo commettimento da creação dessa sociedade, que vai dando no presente, e mais tarde dará de futuro, os mais salutares fructos para a felicidade do paiz.

Essa associação conta entre os seus membros os mais alumiados engenhos do Brasil, e, justificativa do nosso asserto, basta mencionarmos que, entre os membros que lhe exalçam e sobredoiram a existencia, avulta o nome do eximio e festejado romancista Machado de Assis, seu presidente que foi, tão primoroso no estylo, quanto castigado e escorreito na forma, observador fino e afinado conhecedor dos segredos, maravilhas e primores do nosso bello e formoso idioma, com todo o colorido local de nossas bastas e gigantescas florestas, do mimo de nossas boninas, do majestoso de nossos rios do anilado de nosso céo: sobresai e releva, na plenitude genial de seu espirito, o nome grande, sempre grande, já immortal na vida caduca da mortalidade, do admirado Ruy Barbosa, desse cerebro privilegiado, que está sempre a rejuvenecer na velhice, como certos licores que são mais deliciosos e mais se aprimoram e refinam com os annos que passam; luzeiro da sciencia do direito, paladino das letras, insigne diplomata, orador mais fecundo que Cicero, rico, opulento e substancioso nos pensamentos, variado e abundante no vocabulario, delicado no geito e torneio da phrase, sempre tersa e castigada, perspicuo harmonioso e elegante no falar, *ore rotundo*, sempre elevado, sempre grande, sempre sublime, sempre igual a si mesmo, se, por vezes, se não excede.

Não nos lembra escriptor algum, exceptuados o Padre Antonio Vieira e o facundo Antonio Feliciano de Castilho, em alguns de seus passos, que escreva e falle com a propriedade com que se exprime este eximio escriptor; falle das artes liberaes ou

das mecanicas, das sciencias ou das industrias; se falla da pesca, nenhum pescador o excede na propriedade dos termos para designar os utensilios de que se serve em seu mister; se da pintura, esculptura ou musica, emprega os vocabulos com a mesma propriedade de que usaria o pintor, o esculptor ou musico, como se elle mesmo o fôra; se da lavoira ou jardinagem, não o excede o lavrador ou jardineiro na exactidão com que se exprime com respeito ás coisas do campo ou dos jardins.

Encontra, em summa, em si mesmo os modelos de sua linguagem, que admiravelmente se adapta ao seu pensamento, o debucha e traduz, passando a palavra pelo crisinho magico de seu espirito, onde se refina e aprimora e donde distilla em gottas de crystal e fios de oiro.

* * *

Breves palavras mais, senhores meus confrades, e porei o sello ao desalinho destas phrases, que me estaes a ouvir com a mais benevola e generosa attenção.

A nobreza e magnanimidade de vosso espirito, conferindo-me uma honra tão grande, tão além do que mereço, quanto imprevista e inesperada, collocou-me no elevado encargo de presidente da *Academia de Letras da Bahia*, cuja inauguração solenne todos vós commigo celebraes hoje aqui, na terra do Salvador, nessa amoravel *Bahia de Todos os Santos*, a cujos seios fecundos nunca faltou o leite da instrucção aos sedentos da luz do pensamento, tão altiva em brandir o gladio para vindicar as liberdades conculcadas, quanto em esgrimir e menear as armas para conquistar os louros da intelligencia, as palmas e bençãos da verdade, as glorias e doçuras do bem.

Agradeço-vos, senhores meus, aqui vol-o declaro solennemente, a estima e o testemunho inequivoco do grande apreço com que me distinguis honrando-me a obscuridade, elevando-me á altura que, certo, conviria e se ajustaria mais a outrem, mais bem dotado.

Mas julgo de meu dever obedecer-vos e obedeço-vos.

Nessa febre de sociedades e associações scientificas e litera-

rias, que desde os fins do seculo 16 e principalmente pelo correr do seculo 17 e 18, vem fermentando e agitando todo o mundo intellectual, levando suas vibrações a todos os cantos e recantos das serenas regiões do pensamento, é doce, é bem doce sentir que vêm té a nós, que nos banham e inundam essas ondas de luz e de progresso, que nos estimulam as energias, fazendo-nos caminhar, caminhar e caminhar sempre, num crescendo indefinito, realizando a destinação commum da humanidade, que está sempre a mirar um ponto além, aspirando continuamente a uma perfeição sem fim.

Congratulo-me comvosco, Srs. Academicos, congratulo-me com a Bahia, pelo acontecimento auspicioso que ora solennizamos, e se, a vosso parecer, alguma coisa merece de vós o que vos falla, peço-vos com instancia, rogo-vos, supplico-vos, não deixeis definhar á mingua de bôa seiva e adubos a tenra plantinha, com tanto amor e carinho confiada hoje ao solo, que nem é ingrato, nem safaro para a enfezar, mirrar e matar.

A Bahia, a nossa patria querida, a adorada terra de Ruy Barbosa e de Manoel Victorino, onde tão doces cantos desferiu a musa de Castro Alves, não vos regateará seus applausos de mãe estremecida, se, sofregos de saber, abrirdes os vossos espiritos ás grandezas da intelligencia e á gloria da patria, e os vossos corações aos anhelos e ás nobres e santas aspirações ao bem.

Seja todo o vosso afanoso empenho, nessa bemdita e incruenta campanha, instituindo a *Academia de Letras da Bahia*, não recolher ao celeiro do futuro fructos mirrados e pecos, senão sumarentos e bem sazonados, que sejam alimento salutar para todos os poderes do espirito, sem envenenar e damnar o coração, factor tão importante á felicidade dos povos, e cujo estreito consorcio com a intelligencia e com o pensamento inteira a educação do homem social, do homem que não póde ser só, sob pena de morrer par as sciencias e artes, morrer para as letras, morrer para as industrias, morrer para a politica, morrer para a sociedade, para a familia e para a patria, morrer para si mesmo, morrer para Deus, absorto e perdido num eu solitario e impossivel sem echo que lhe reflicta o ser e as modalidades.

Sempre robustecidos pelo credo dos sectarios do bem, não

ensarilheis as armas do combate antes de entoar o hymno da victoria; longe, bem longe de vós, o *vae victis* dos que tombam e succumbem, o qual tanto enfraquece e desalenta a cohorte dos lidadores, cobrindo com o negro manto da vergonha o oiro de escassa luz dos conquistados.

As conquistas que fizerdes, os louros que vos cingirem as frontes nessa vossa longa jornada pela grande estrada, caminho do futuro, em busca da Canaan, que vos promettem vossos esforços, não serão glorias só para vós senhores Academicos, não serão só para o espirito illustre, para o esforçado, diligente e preclaro instituidor desta esperançosa corporação, sel-o-ão principalmente para nossa querida patria, onde nos suavizaram a vida os primeiros anceios e beijos maternaes, nos aqueceu os peitos o primeiro palpitar dos corações amigos, que velaram por nós embalando-nos no berço; serão glorias para a nossa Bahia epara todos os que, embora nascidos noutro berço, se identificaram nas mesmas impressões, no mesmo amor ao grande e ao bello, no mesmo sentir, no mesmo pensar, no mesmo querer, nos mesmos altos ideaes nas mesmas aspirações ao bem e á felicidade commum.

Alentados pela fé, que desce do céo e pela consciencia, que nos falla em nós mesmos, tenhamos de continuo os olhos fitos no moto escripto no lábaro que tomamos a peito empunhar e defender: *Servir a patria honrando as letras.* E' o novo *In hoc signo vinces* dos legionarios do bem, a quem não intimidam nem os cardos das estradas, nem os baixios do mar, nem as borrascas do céo.

SAUDAÇÃO A JULIO DANTAS

Eu vim até aqui bem contra o meu querer...

Dahi não se conclua que eu deixe de vos ter na mais alta conta. Exmas. Senhoras, Exmo. Sr. Julio Dantas, Exmos. Representantes dos Poderes Constituidos da Bahia, Exmo. Sr. Consul de Portugal, Exmos. Senhores outros, que todos estaes formando esta assembléa de gente culta, que me vae ouvir.

E' precisamente porque muito me mereceis, no justo juizo, que faço, da vossa capacidade para julgar da minha incompetencia, que luctei em vir, e aqui estou contra vontade.

Ficaes, portanto, sabendo que eu soube medir a responsabilidade do encargo, em cujo fracasso o que poderá salvar-me um pouco é que, deante desta confissão, tereis que dizer, ao fim:

—Elle bem que não queria vir...

Quando, Sr. Julio Dantas, houvemos a certeza de que visitarieis esta cidade, logo a Academia de Letras da Bahia resolveu receber-vos em sessão solemne, especial, tanto pelos vossos assignalados titulos intellectuaes, tanto porque sois uma gloria de Portugal, muito amado nosso, tanto porque a essa mesma Academia pertenceis, no grau de Membro Correspondente. Assentada a homenagem, de mim se lembraram para num discurso traduzil-a. Recusei; insistiram. Arrazoei; sophismaram. Teimei;

teimaram. Não houve, emfim, fugir. Houve ceder. Aos que assim me mettiam no fogo, — como é linguagem popular, sempre expressiva, — homens todos admiradores da vossa obra literaria, era justo que eu perguntasse, e perguntei: — Por que serei eu quem tenha de saudar Julio Dantas? Pois, então, para o recebermos, a elle medico, a elle chronista, a elle politico, a elle poeta, o gremio, que se presume, officialmente, a nata dos intellectuaes bahianos, não possue poetas, e politicos, e chronistas, e medicos?

Sou eu de todos nós quem mais o comprehende?

Não! Todos os demais me egualam. E' que na minha escolha pesou a força do Destino.

Fui eu quem primeiro leu, na Bahia, a vossa obra immortal *A Ceia dos Cardeaes*. Quem primeiro leu, e applaudiu, e decorou, e por muitos deleitaveis dias viveu, encantado, recitando-a nos saraus da amizade.

Tenho aqui neste momento, junto a mim, o exemplar, que tanto manuseei, dadiva que fez a *Lulú Parola um* dos meus prezados amigos, o Sr. Francisco José Rodrigues Pedreira, Portuguez, de filhos Brasileiros, e cujo nome a praça commercial da Bahia inscreve entre as figuras mais respeitaveis de intelligencia e probidade. O livro mal apparecera nas montras de Lisbôa, onde então se encontrava o presenteador. Basta dizer que guarda, manuscripta, a data da offerta, 7 de abril de 1902, isto é, apenas quinze dias após a primeira representação da peça, o que fôra a 24 de março, no theatro *D. Amelia*. A nenhum dos meus collegas assistia esta preferencia da sorte, unica, de certo, que, a favor meu, lhes poderia ser opposta á primazia da capacidade.

Mal pensara eu naquella quadra, de que a saudade das alegrias me approxima, mal pensara que, 21 annos depois, teria que dizer frente a frente ao poeta, o encanto que nos vertera n'alma o seu poema... Vinte e um annos depois, numa inesperada, embora aspirada, situação, a que se ajusta o vosso verso:

Mysterioso monte é neste mundo a vida!

E não é só isto. Dedicastes a vossa peça "Ao illustre Poeta senhor Conde de Monsaraz".

Eis ahi uma outra imposição do Destino. Não sei si haverá na Academia de Letras da Bahia quem tanto houvesse querido, na sua mocidade, aos versos de Macedo Papança. Macedo Papança é aquelle conde. Porque é interessante que a Gloria não goste de chamar aos seus eleitos pelos nomes brazonados, que possam ter. Para ella o romancista do *Amor de Perdição* continúa a ser Camillo Castello Branco, e não o visconde de Corrêa Botelho.

Macedo Papança fala-me da juventude. Então, cada um de nós, grupo alácre e descuidoso de estudantes, servia-se do festejado poeta, para, sem receio de escandalizar conveniencias, lançar de publico, e para dentro dos ouvidos dos proprios paes e tias, confissões de amor, que não nos seria permittido fazer, em prosa nossa, perante aquella gente. E assim, dest'arte, cada qual de nós, quando julgava opportuno, vinha declarar, sob a responsabilidade do poeta, e aos sons dolentes da *Dalila*, que se estava a scismar

..... se porventura,
Lá onde habita Deus nos paramos infindos,
Se encontraria azul de côr mais casta e pura,
Que o azul ingenuo e bom desses teus olhos lindos!

Não era, porém, apenas para o extravasamento verbal da paixão que Macedo Papança nos acompanhava, com o seu clarim. Em regra a Mocidade é republicana. Parece-lhe que a prosperidade, a grandeza, a liberdade da Patria defluem da fórma de governo, quando o que os moços virão depois reconhecer, em chegando a velhos, é que a liberdade, a grandeza, a prosperidade dos povos resultam da fórma de governar. No que não ha duvida é que os reis não colhem entre os moços os seus melhores cortezãos. Nós, os de que eu estou tratando agora, como jovens de então, nos incluiamos entre os infalliveis salvadores do Paiz,

que já era, ao calor dos nossos commentarios, um paiz perdido. Bem me recordo da convicção esturrada com que um de nós, que acabou fidalgo, dizia pelo alexandrino de Papança:

"Eu que sou democrata, austéro como poucos..."

Perdoae-me a digressão. Era isso ainda — e assim ireis vendo como o poeta das *Duas Epocas* vive na minha recordação — era ainda isso nos tempos em que se recitava ao piano, hoje ridicula velharia... para os que não sabem recitar. Tempos em que a dansa predilecta era a valsa, que arrebata e enleva, que separa da terra o homem, e o faz voar pelas regiões da fantazia... principalmerte quando se ama, — valsa, que não é a desengraçada massagem sensual de agora, que desconjunta, e desarticula e desparafusa os pares, que, meia volta depois, de novo se enlaçam, e se engrazam, e se grudam, para novos desengonços.

Ai! como é differente a dansa de hoje em dia!

E ahi está, senhores, o que se me depara ter sido razão para a minha presença aqui.

Transposto este preambulo, entremos no *miôlo*.

Não foi sem proposito que me cahiu da penna este vocabulo. Vós bem sabeis que a rima a tanto obriga que faz até ser branca uma formiga. Dão-lhe os dicionarios, com a significação do que está contido no interior da casca, a ampliação de parte essencial, mais importante, de qualquer coisa. Exprime tambem juizo, dizem elles, embora Frei Domingos, para o receber como tal, o pluralize, e outros o não façam; estes como a prevenirem de que juizo é mesmo coisa *singular*, e aquelle talvez a insinuar que nunca será demais tel-o em porção. Não é este, porém, o meu caso; e até porque é prova de não ter nenhum entrar nas divergencias de grammaticos. O meu é o da coincidencia de surdir palavra tal, si eu estou tratando de poetas. Sim! que, ao parecer de muitos, poe-

dia e juizo se repellem. Não sei si em Portugal se diz assim. Mas, será quasi certo que assim o pensem, porque não seria ahi que fosse falhar para nós, Brasileiros, a herança paterna. Recordo-me de que uma vez, rimando, figurei que amigos me dissessem:

Vaes fazer versos? Chamam-te maluco!

E eu, entre outras sinceridades, fingi que lhes respondia:

Não! A vida é o Ideal!
Digam de mim horrores,
Eu hei de sempre preferir as flôres
A' taxa cambial!

Sem miôlo, porque se sonha... E, no emtanto, que é o viver senão sonhar? Que andamos todos nós fazendo, neste mundo, se não andar correndo, pelos descampados da Vida, em busca do Ideal? Que importa que o caminho seja todo urzes e sem agua, si o que estamos a esperar é ver surgir, a cada momento, a fonte e a flôr?

Eu vos saúdo, Grande Sonhador!

Fazer versos não quer dizer ser poeta. Póde o individuo rimar, e o seu merecimento ficar apenas na sua presumpção. Conheci um, cujo habito de conversa era versejar, quasi tocando á morbidez de mania. De uma feita, respondi-lhe egual, ao cumprimento que me fizéra. Tinhamos ambos rimado; mas nenhum de nós, está bem visto, poderia, com essa prova oral, passar além da baixada do Parnaso.

Chateaubriand não rimou no *Genio do Christianismo*. E essas paginas de prosa valem pela mais inspirada poesia.

Não se fez no verso a gloria immensa do genio de Ruy Barbosa. Ouvi, como prova, o começo daquelle discurso de saudação á Bahia, em 1893:

"Aos primeiros sorrisos longinquos de minha terra na curva

azul de sua enseada, emquanto o vapor me approximava rapidamente destas doces plagas, onde minha mãe me embalou o primeiro e mues filhos me velarão, talvez, o ultimo somno, vendo pendurar-se do céo e estremecer para mim o ninho, onde cantou Castro Alves, verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros, parecia-me que a saudade, amado phantasma evocado pelo coração, me estendia os braços de toda a parte, no longo ampleexo do horisonte".

Não é verso, nem rima. Não sei, porém, que poesia mais doce possa haver que esse periodo de infinita harmonia!

A verdadeira poesia póde existir sem rima. Já Voltaire conceituava que "os versos não são bellos senão quando se lhes póde tirar as rimas, e pôl-os em prosa, sem que elles percam coisa alguma do seu sentido e da sua energia".

Não ha para mim escólas em poesia, si ellas não têm aquella musica de que nos fala Shakespeare.

Penso comvosco, quando, discorrendo do "kahnismo", do "claudelismo", do "simultaneismo" e dos demais "gagaismos contemporaneos" consideraes legitimas todas as innovações em arte poetica, comtanto que da sua applicação resulte poesia; ao contrario, continuareis a ter muita consideração pelos seus cultores, mas vos reservaes o direito de affirmar que elles escrevem em prosa.

Sempre pensei assim. Para mim a primeira qualidade do artista é o Sentimento.

Dêem-me versos trabalhados a compasso e á lima, medidos por syllabas grammaticaes, e eu os tróco a todos, saidos da tortura, por um só espontaneo e musical, ainda que imperfeito. Não quer dizer, absolutamente, que eu dispense a Fórma; mas, confesso que ha poetas de ourivesaria primorosa, que não me impressionam.

Não me aproveita esmiuçar si a obra poetica de Castro Alves, morto aos 24 annos, é impeccavel, ou si tem falhas, por onde, aliás, teria penetrado á luz do Genio, como por entre frinchas a luz do sol. Pela sua inspiração, já o defini para o meu culto um Poeta, um grande poeta, o maior poeta da minha Patria entre os notaveis da minha raça.

Ha versos que são prosa, como ha prosas que são poesia.

Toda pedra, todo panno, todo instrumento póde ser lavrada, póde ser pintado, póde ser vibrado. Si o esculptor, porém, não tiver o Sentimento, e não o tiver o pintor, e não o tiver o musico, jámais poderá sahir daquelle marmore uma *Venus* de Praxiteles, nem daquelle pincel um *Juizo Final* de Miguel Angelo, nem daquelle violino as notas de um Paganini.

O Artista é a Alma. Orpheu, animando as pedras aos accórdes da sua lyra, é um symbolo.

Essa alma, esse sentimento, alliados á imaginação e á technica, em moldes perfeitos, estão, Sr. Julio Dantas, em toda a vossa obra de poeta e prosador. Por isso, é que já pudestes, vós mesmo, presencear consagrado o vosso nome, tendo colhido "o ramo mystico nessa desconhecida Atlantida".

Assim prophetisou Henrique Lopes de Mendonça, prefaciando o vosso primeiro livro, que denominastes *Nada*, e sahido a lume em 1896, livro de tristeza e de desesperança, embora de um moço de vinte e dois annos. *Nada*, de onde, como já vos foi lembrado, veio a ser tirado esse mundo de bellezas, que constitue a vossa obra literaria. Já esse livro de estréa é influido pela Mulher e pelo Amor, que terão, depois, que inspirar o poeta em sua obra toda. Seguem-se-lhe os livros: *Doentes, O que morreu de amor, Viriato tragico,* e no mesmo anno de 1900, em que este se publicou, a vossa these de doutoramento em medicina, tratando dos *"Poetas e Pintores de Rilhafolles"*.

Porque, talvez deste auditorio muitos o ignorem; o Sr. Julio Dantas é doutor em medicina. E', além disto, medico clinico, o que, aliás, se não deduziria do diploma scientifico, porquanto direi que

Ser doutor, e saber tratar doentes,
São coisas differentes.

Não conheço a these doutoral. Tambem somente agora, ao citál-a, acudiu-me que J lio Dantas é formado em medicina. E

para logo me admirar de que na mesma pessôa estejam vivendo assim, em santa paz, sadia e harmonicamente, poeta e medico, duas personagens, que, a julgar pelo caustico dos epigrammas, se me afiguravam incompativeis para as relações sociaes, quanto mais morando juntas..

Perdoae-me, Dr., a franqueza. Será rude, porem não deve ser castigada, por isso mesmo que franqueza.

Sei consagrado o vosso valor de medico. Do diagnostico, que é muitas vezes inspiração do Céo, á therapeutica, que, por ser humana, nem sempre acerta, estará bem em vossas mãos o enfermo. Mas, eu prefiro á minha cabeceira... os livros do Poeta. Até porque, pelo meu desejar, não estarei nunca doente.

Fostes deputado. Fostes senador. Fostes ministro... Bem se vê que a vossa Republica não é a de Platão, que da sua baniu os poetas, chegando até a ser suspeitado de que, si assim o fizera, teria sido talvez por ciumes da "divina sabedoria" de Homero.

Si Victor Hugo, politico, tivesse subido ao septennato do Elyseu, eu não sei si a França acabaria lucrando muito com o Presidente; mas estamos a sentir que as letras universaes haveriam perder pelo novo encargo do poeta. Assim, quando ninguem mais falar no Lamartine de 1848, que foi então uma das mais ruidosas e extensas popularidades de que póde gosar um politico, estarão ainda sendo lidas, e relidas, as *Meditações*.

Não nos recordamos de nenhuma passagem dos tres unicos discursos que, na sua camara, proferiu George-Noel Gordon. Si attentarmos, porém, em que este foi Lord Byron, a lembrança nos acudirá, prompta e nitida, lembrança não da sua apagavel obra parlamentar, mas da sua grandiosa obra poetica.

Abilio Guerra Junqueiro, o vosso maior poeta depois de Camões, e eterno como elle, esse mesmo que denominastes em um dos vossos livros, "o mais assombroso genio verbal da raça", "égipan divino, coroado de rosas, que modula o seu canto pelos crótalos de bronze dos aedos e pela flauta tirrena de Anacreonte", esse foi, bem o sei, deputado. Mas, palavra, disto não me lembro nunca, todas as vezes que lhe leio os versos.

Do inspirado Thomaz Ribeiro, cuja mão tive a honra de apertar, entre contente e commovido, quando, ministro plenipotenciario de Portugal, por aqui passou para o Rio de Janeiro, em maio de 1895, as credenciaes que ficaram foram as de poeta. E ouso perguntar-vos, Sr. Julio Dantas, ao vosso sentimento de artista e ao vosso coração de Portuguez, si quando ouvis pronunciar o nome de Thomaz Ribeiro vos lembraes logo do diplomata e do politico, ou si o que logo vos occorre não são os versos de *D. Jayme*...

Uma das mais impressionantes surprezas que me têm abalado foi a noticia de Paderewski na presidencia da Republica da Polonia. Em nenhuma das tres vezes em que o ouvi, em nenhuma, estou bem seguro disto, me passou pela mente que dentro em breve aquelle genial interprete de Chopin estaria na culminancia politica do seu paiz de que ambos eternizam o nome na duração da gloria propria. Ao que parece, o impeccavel pianista desafinou renunciando o instrumento da administração, tão rebeldes á harmonia são as ambições dos homens. O Presidente passou. O Musico permaneceu, e ficará.

A Politica, que é de todas as damas a mais caprichosa e egoista, baldará os encantos e os zelos, no attrahir e prender os eleitos da Arte, que acabarão desacorrentados. E é por isso que do deputado, do senador, do ministro, que vós fostes, e do presidente, que ainda podeis ser, ha de na Posteridade surgir, liberto e radiante,

o poeta que em versos immortaes
nos contou como ceiam Cardeaes...

Por assim me expressar, não julgueis que estou a desmerecer da vossa personalidade politica. Longe de mim; que tanto fôra injustiça para com os vossos talentos, a vossa actividade, o vosso patriotismo.

Já tivestes o nome falado para a presidencia da Republica Portugueza. Ahi ainda podereis chegar, que assim o prognostica o vosso merito.

Ah! mas não vos esqueçaes nunca dos vossos alexandrinos!

Porque, por muito alta que seja a vossa ascensão politica, Sr. Julio Dantas, é pela escada luminosa do Ideal e do Sonho que vós, verdadeiro Poeta, haveis de ir subindo, mais e mais, á Gloria...

E não ireis sosinho!

Falando de Camões, disse o nosso preclaro Joaquim Nabuco:

"Os grandes poetas não parecem completos, sem uma mulher que os acompanhe perante a Historia. Só se comprehende que elles tenham inspiração, tendo amor".

Ides, portanto, na melhor companhia.

Vossa obra literaria, em que, de onde em onde, se affirma o patriotismo, fala toda ella, aqui e alli, e sempre, do Amor e da Mulher...

Da Mulher, dizia Latino Coelho que era tão indispensavel ao Poeta, como o estro e o laurel.

Entre outros celebrados typos de belleza e graça representam sua influencia: Beatriz, para Dante; Laura, para Petrarca; Natercia, para Camões; Victoria Colonna, para Miguel Angelo; Margarida Parker, para Byron.

A vossa... não tem nome. A vossa, na vossa obra, não é uma. São... *Mulheres*. E dellas tão amigo que até chegaes a dizer que "não ha animal mais curioso do que um homem", conceito que eu me dispenso de commentar — e, olhando a assistencia, bem estaes vendo porque — mas contra o qual justo é que fique o meu protesto, de que dou conhecimento a uma parte apenas do auditorio.

Mas... por que é que junto de todo grande Artista ha sempre uma Mulher? Será porque a verdadeira Arte faz soffrer, da agrura da fome aos espinhos da gloria, e "onde ha mulheres, gemem menos os enfermos"? O facto é que a Mulher o obceca; porque, mesmo não lhe estando junto, o Artista a vê a todo momento, e em toda parte qual em um dos seus sonetos Petrarca se queixava:

"Ninguem acreditará, mas é verdade o que vou dizer. Muitas vezes nos sitios mais afastados e agrestes, quando julgava estar inteiramente só, via-a sahir do ramo de uma arvore, do tanque de uma fonte, do vão de uma rocha, duma nuvem, nem eu sei de onde..."

E Eurico, o presbytero, depois de, por culpa do Amor, haver passado dez annos amarrado ao proprio cadaver, assim se confessava a Hermengarda, sem temor do castigo pela blasphemia:

"E sempre tu ante mim: nas solidões das brenhas, na immensidade das aguas, no silencio do presbyterio, nos raios esplendidos do sol, no reflexo pallido da lua, e até na hostia do sacrificio... sempre tu!... e sempre para mim o impossivel!"

Ah! minhas Senhoras, muito mal se tem dito das Mulheres, e não sómente dito por homens! Não viria aqui vos constranger a me ouvirdes repetir tão tristes injustiças. Mas, consenti que eu lembre aquella galante Mademoiselle Scudery, quando escrevia que o demonio, depois de tirar a Job os filhos, os bens e a saúde, quiz melhor experimentar-lhe a paciencia, e perturbar-lhe a alma, e para isso lhe deixou a mulher. Consenti que eu lembre; e sómente por estar de vez para lhe oppôr aquelle, e este sim, verdadeiro conceito do frade Brasileiro Mont'Alverne, quando, elo quente, pregou que Deus, querendo consubstanciar em si a sua obra, buscou a Mulher, e a si a equiparou, tanto que "das tres pessôas da Divindade tornou-se a mulher filha de uma, mãe de outra, esposa da terceira".

Muito mal se tem dito das Mulheres...

Mas, a vossa vingança, minhas Senhoras, é que não ha na Arte obra formosa, obra perfeita, obra perenne, sem a presença da Mulher.

E quem diz Mulher diz Amor, "que é de todos os deuses o que melhor conhece o caminho do Parnaso".

Amor, incomprehensivel tyranno, que até mesmo ha duvidas de que seja cego, tão certeira é sempre a pontaria, e já aquelle Philippe Desportes, contemporaneo do celebre Ronsard, achava que nenhum outro deus via tão claro, e do que elle soffria era de surdez, pelo que se tornava mistér suspirar e lamentar-se.

Amor, quem te define?

Francisco Moniz Barretto, nascido nesta Bahia, repentista estupendo, o mais prompto que entre nós já improviso, e que em toda a poetica da lingua portugueza terá egual apenas em Bocage, tentou um dia assim determinal-o, na immediata glosa de um motte que recebera:

Ver, e do que se ve logo abrazado
Sentir o coração de um fogo ardente;
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai maguado;

Aquillo, que não foi inda logrado,
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a côr mudar continuamente,
Ser feliz, e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais, quão mais se prive;
Calmar o ardor, que pelas veias córre;
Já querer, já buscar que elle se active;

O que isto é — a todos nós occorre:
Isto é Amor — e deste amor se vive;
Isto é Amor — e deste amor se morre.

Amor, indomavel e resistente, de quem Juliano do Egypto, poeta grego, se queixava, pelo haver um dia encontrado entre as rosas, quando entrançava uma corôa, e, tomando-o pelas azas, o mergulhara em vinho, e depois o engulira, e elle agora dentro do seu seio, raivoso e irado, o fazia soffrer, batendo as azas...

Amor, que teria levado Jacob a servir a Labão, para lhe merecer Rachel, serrana bella, o duplo do tempo que pensara; e ainda mais servira si não fôra

"Para tão longo amor tão curta a vida!"...

A luva foi, em certo tempo, um symbolo de autoridade. E daqui a pouco vereis que um poeta a considerou, tambem, representação de amor que já se teve. Deu-lhe expressão de vida.

Pois, foi sobre a luva, em companhia do perfume — o que tudo afinal, seria o mesmo, porquanto eu já li q e, para designar aquella, era muitas vezes citado o odôr particular que se lhe ti vesse dado — luvas de jasmin, luvas de flôr de laranjeiras — que um poeta, e fostes vós, Sr. Julio Dantas, burilou este soneto:

A LUVA

Quatro mezes depois dessa hora dolorida,
Voltei, já resignado e quasi sem rancor,
Ao quarto onde viveu aquelle immenso amor,
Que foi o grande amor de toda a minha vida...

Comprehendi então — quanta imagem querida!
Que póde haver encanto e doçura na dôr:
Um perfume — era o teu — palpitava em redor;
Dormia, num sofá, uma luva esquecida...

Uma luva e um perfume — é o que resta de ti,
Dos beijos que te dei, do inferno que soffri,
Do teu mentido amor de juras desleaes...

Que fui eu, afinal, na tua vida intensa?
O perfume que vôa, — e em que ninguem mais pensa,
A luva que se deixa, — e não se calça mais...

Eis, portanto, como sonetista o que sois: ourives de uma joia, que ficará scintillando entre as mais faiscantes gemmas das letras portuguezas; artista de um soneto, que vae como uma luva no vosso estylo, e ao qual, sem o quererdes, vos referis no vosso ultimo livro *Arte de Amar*, porquanto neste pequeno poema de quatorze versos está fechado um pensamento, quál se fôra "o infinito dentro de uma folha de rosa".

Aliás, não tivestes razão para a amargurada queixa, que elle encerra, de um amor que se viveu, e que passou.

Vós mesmo havieis dito, uma vez:

"Querer que uma mulher ame toda a vida é tão absurdo, como querer que a primavera dure todo o anno".

Depois de diplomado o estudante de medicina, vieram vindo a publico, a partir de 1901, os seguintes livros vossos:

A Severa; Crucificados; A Ceia dos Cardeaes, tao primoroso, quão profundo e verdadeiro, estudo psycho-logico, photographia de tres povos em versos modelares, alta comedia, já traduzida para muitas linguas, em innumeros theatros representada, em diversas parodias recordada, em dezenas de edições vulgarisada, livro inspirado pelo Genio, consagrado do Povo, livro immortal. Depois *D. Beltrão de Figueirôa, Paço de Veiros,* drama forte, sobre tragedias intimas de um solar todo cheio de sombras, onde toda a gente que viveu foi desgraçada, e onde Dom Diogo pergunta ao Arcebispo de Evora em que livro santo leu que o Amor — sempre o Amor em vossos livros! — conduz á felicidade, e o prelado cumplice lhe responde que si não conduz á felicidade é porque não é amor...

E depois: *Um serão nas Larangeiras, Rei Lear, Rosas de todo anno, Mater Dolorosa, Estatica e dinamica da fisionomia, Outros tempos, Auto d'El-Rei Seleuco, Santa Inquisição, O primeiro beijo. D. Ramon de Capichuela, O Reposteiro Verde,* 1023, *Figuras de ontem e de hoje, Patria Portugueza,* approvado para premios escolares, e ainda: *Ao ouvido de Mme. X... Sóror Mariana, O amor em Portugal no seculo XVIII, Mulheres,* onde, podendo parecer que ides tratar de assumpto positivo, começaes declarando que uma mulher é sempre uma interrogação. E mais ainda: *Sonetos, Eles e Elas, Espadas e Rosas, Carlota Joaquina, Como elas amam, Abêlhas douradas, D. João Tenorio, A Castro, os Galos de Apollo, Arte de Amar* — que é, por emquanto, o *cassúla* — e *As Grandes Batalhas,* em promessa.

Nesses trinta e sete annos de fecundo labôr, houve o descanso de publicidade em cinco: 1898, 1906, 1909, 1913, 1917.

Das preoccupações do homem de sciencia, falam tambem, vivertes nesses livros, muitas paginas, em cujo ról basta citar as que apresentam, no volume *Outros Tempos, os "Inqueritos médicos ás genealogias reais portuguêsas"*.

Não me propuz analysar a vossa obra, fazer-lhe uma critica, produzir o estudo que, a varias luzes, merece. Mesmo que o momento o permittisse, a incompetencia deter-me ia.

Estou apenas a saudar-vos. E isto eu não poderia dignamente fazer, sem mostrar que vos conhecia.

Estou a saudar-vos em nome da Academia de Letras da Bahia, a saudar-vos de Brasileiro a Portuguez, como a dizer-vos que havemos, os dois povos, de realizar aquillo que uma vez perguntastes si era um sonho, realidade de que "o mesmo sentimento e a mesma alma palpitem na vida mental dos dois paizes".

As tradições da Arte Portugueza, que é o Passado, hão de, como um dia dissestes, rejuvenescer pelos esplendores da Arte Brasileira, que é o Futuro.

Passado Portuguez, cujos farrapos luminosos, para bem me servir de eloquentissimas phrases vossas, "tremem em cada arco de ogiva, em cada padrão de armas, em cada baluarte de fortaleza, em cada botaréo de cathedral"; passado, (ainda sois vós quem fala) "que refloresce, que revive, que renasce, na torrente de energias novas"; passado glorioso de Portugal eterno, muito amado nosso, berço de nossos paes, e mostrado aos nossos filhos como padrão de honra, dentro em todas as vicissitudes; padrão

de trabalho, embora todas as intemperies; padrão de bravura, contra todos os elementos, na terra, nos mares, e nos ares; padrão de sacrificio, para todos os appellos; padrão de bondade, de lealdade, de dignidade: Portugal, Portugal, dos simples e dos fortes...

Vou terminar, senhores, para não me aprofundar mais naquelle delicto, de que tratava Seneca, escrevendo a Lucilio, o de vos roubar o tempo, unico bem que, uma vez tomado, nem o mais agradecido poderia restituir.

Falo-vos, Sr. Julio Dantas, no Brasil, que bem chamastes uma como sala de espelho, em que o Portuguez se revê. E, no Brasil, falo-vos na Bahia, pedra angular da Nacionalidade, "mãe da Intelligencia, da Generosidade e do Enthusiasmo", qual a appellidou Ruy Barbosa, filho seu; Bahia, que foi a primeira avistada, do longiquo horisonte, pelas caravellas lusitanas descobridoras. A primeira aldeia, a primeira cidade, a primeira capital que a Civilização Occidental invasora levantou nas terras de Santa Cruz — foi em seu seio que se abriram, e estuáram, e floresceram. Daqui foi que apontou para os Céos a primeira torre de egreja, como já se houvera erguido a primeira prece da Fé Christã, no altar improvisado de frei Henrique. Os lavores mais finos desta formosa Lingua Portugueza, que nos deram, sahiram de um pulpito seu, pela bocca de oiro de Vieira. Nem nunca, jamais, em terras nenhumas, o patriotismo já levou mais alto os impetos do seu arrojo, do que quando, desse mesmo pulpito, esse mesmo padre incriminava Deus, suspeitando-o de favoravel aos hollandezes inimigos. Foi ella quem primeiro recebeu e gazalhou, com a sua côrte, aquelle rei fugitivo, que, cinco dias depois, aquí inspirado, daqui declarava abertos ao commercio do mundo os portos do Brasil.

E' a Academia de Letras de uma terra assim, tão presa á historia de Portugal, quem vos saúda, Sr. Julio Dantas.

A acreditar no nosso titulo de Academicos somos todos *Immortaes*.

Quando, porem, insigne companheiro, encaramos a vossa obra, e vemos que, sobre os direitos á consagração contemporanea, tendes para a Gloria este formosissimo poema *A Ceia dos Cardeaes*, que é obra eterna, então é de justiça vos dizermos: Nós passamos. Vós ficaes.

Vós sois, de todos nós, o unico Immortal!

Bahia, 28 de julho de 1923.

ALOYSIO DE CARVALHO.

João Gualberto de Passos

Conferencia lida pelo academico Gonçalo Moniz na sessão publica celebrada a 27 de Abril de 1929, no salão nobre do Conselho Municipal.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Muito se tem apregoado e encarecido a rectidão da justiça historica. Mas, como todos os outros, o tribunal da opinião publica, nos seus julgamentos assim dos vivos como dos mortos, tambem se resente das suas falhas e imperfeições, quando mais não seja, pela tardança no proferir as sentenças definitivas.

Nem sempre está a fama na devida proporção com o merito real do individuo Verdadeiras mediocridades são por vezes elevadas, por insufflação, á altura de notabilidades, como balões que sobem na atmosphera pelo leve peso, ao passo que intellectualidades de magno valor passam não raro desconhecidas ou mal e injustamente apreciadas.

Por varias circumstancias especiaes póde, em muitos casos, explicar-se esse curioso phenomeno; mas, em outros, custa descobrir-lhe a causa. Poderão objectar-me que, aferindo cada qual o merecimento alheio pela craveira do seu criterio pessoal, será ás vezes difficil saber com quem está a razão, pois o julgamento que a alguns de nós pareça iniquo, póde ser, ao contrario, o verdadeiro e o justo.

Mas si isso innegavelmente é possivel, estou, entretanto, certo de que, ainda descontada essa natural relatividade, hão de concordar em que ha, de facto, individualidades que gosam de renome muito superior ao que na realidade valem ou valeram, emquanto outros não logram o subido conceito a que indubitavelmente fizeram jús pelo valioso merecimento e relevantes obras.

Trouxe-me á mente essas reflexões o occorrido relativamente ao poeta bahiano, ha algum tempo fallecido, de quem vou occupar-me nesta ligeira e despretenciosa palestra.

Pertencia elle á escola romantica, e talvez um pouco ainda á classica, o que é natural, visto serem estas as escolas que dominavam no tempo em que viveu e cantou.

Esta circumstancia leva-me a intercalar aqui opportuna digressão á guisa de explicação ou justificativa do meu ousio em vir occupar a vossa attenção com um assumpto *passadista* no momento em que o *futurismo* e outras recentes manifestações literarias diligenceiam supplantar todas as anteriores escolas, anathematizando e procurando banir inexoravelmente as respectivas producções.

Si estivesse convencido da victoria destes pretensos regeneradores da literatura, e de que já houvessem elles incutido no animo de todos o menosprezo e a aversão pelas obras dos antigos literatos, as quaes, como salutar medida prophylactica, convinha serem, na opinião delles, totalmente destruidas, incineradas, afim de que, extincto assim especialmente o virus do morbo romantico, fossem preservadas da perniciosa contaminação pelo mesmo as novas gerações, — si estivesse convencido, digo, da realidade de tal successo, não teria certamente a refinada insania de abalançar-me a tratar de publico de um poeta romantico e das suas composições.

Felizmente, porém, estão muito enganados os paladinos das novas campanhas travadas no dominio das letras e das musas. Não alcançaram elles ainda o ambicionado triumpho, e creio que jamais o alcançarão, e emquanto labutam e se afadigam por excommungar e condemnar os representantes das velhas escolas literarias e lançar ao limbo as suas producções, continuam estas

a ser successivamente reeditadas com grande exito, e lidas por muita gente com vivo deleite e admiração.

Tenho para mim que nenhuma escola, anterior ou posterior á romantica, se sobreleva a esta quanto ao valor das obras com que os seus sectarios enriqueceram a literatura de todos os povos cultos, muitas das quaes, verdadeiras obras primas, hão de resistir, sem duvida, á acção do tempo e a todos os ataques e ser para sempre grandemente apreciadas.

As producções da escola romantica, assim em prosa como em verso, primam tanto na substancia quanto na fórma. Que é, com effeito, o que servia de thema ás dissertaçoes literarias dos escriptores ou o que cantavam os vates do romantismo? O que justamente ha de mais bello, de mais nobre, mais elevado, sublime até, de mais puro, mais delicado, extraordinario, heroico, peregrino,... na alma humana e nas maravilhas da natureza.

Dedignavam-se de descer a recrear-se, — como o têm feito os fundadores e proselytos de varias correntes literarias modernas — com o que de abjecto, de vil, de torpe, pornographico, escandaloso, sordido, putrido, esquallido, repugnante, ou de ignobil, hediondo, monstruoso, nefando, ou então de trivial, sediço, frivolo, futil, irrisorio ou ainda de pathologico, degenerado, aberrante... existe nas cousas, nos homens e nos seus actos.

Dest'arte, as producções da escola de que me occupo, ainda as escriptas em prosas, são sempre poeticas, ao passo que das pertencentes a varias outras escolas que lhe hão succedido, até os versos são ordinariamente prosaicos.

E' bem verdade que por toda parte podemos deparar com as alludidas miserias, vergonhas, chagas e defeitos do nosso mundo. Mas, si nao sao esses certamente os aspectos que agradam á esthesia da mór parte, porque então fazer delles os motivos predilectos ou exclusivos das obras de ficção, que incontestavelmente devem ter por fim nos dar prazer e nao enfado, repulsa ou indignação?

Tambem se distingue a literatura romantica pelo primor da forma em que é vasada, pela linguagem elevada e polida, pela belleza das imagens, pelo realce das comparações engenhosas e

expressivas, pelas louçanias do estylo, elegancia e eloquencia das phrases.

E por todas essas excellencias é que as bôas composições da escola romantica aprazem á generalidade das pessoas, empolgam não raro, extasiam, seduzem, fazendo-nos vibrar de admiração e enthusiasmo! E por tudo isso é que, — digam o que disserem, façam o que fizerem, — o espirito romantico, no que tem de fundamental e essencial, persiste ainda e persistirá indefinidamente, com mais ou menos vigor, no intimo de grande parte da humanidade.

Os versos romanticos são elaborados de conformidade com as regras da respectiva arte, observando-se as leis da medida e do rythmo, de que dependem a cadencia, a sonoridade, a musica, a melodia ou harmonia, de taes fórmas de expressão do pensamento e nisso precisamente é que ellas differem da prosa.

Essa qualidade das poesias romanticas tem sido, no emtanto, censuradas, sendo ellas, por esse mesmo motivo, increpadas de monotonas e fastidiosas. Ora, não ha para mim maior sem razão ou falta de senso esthetico do que essa.

Supprimam-se, com effeito, do verso o metro e o rythmo, isto é, o numero determinado de syllabas, a devida collocação dos accentos e das cesuras, desapparecendo assim o compasso e a cadencia, — que não sei a que ficará elle reduzido.

Si alguem me fallasse, por exemplo, numa especie de rosa sem calice, sem corolla, sem estames, nem pistillo, — confesso que não sei como poderia fazer idéa de semelhante rosa.

Para chamar verso a uma composição de tal feitio, preciso fóra alterar a accepção do vocabulo até então admittida. *Verso*, com effeito, definem todos os lexicos, é um conjuncto de palavras medidas e cadenciadas conforme certas regras fixas.

Assim, qualquer agrupamento de palavras que não obedeça a esses preceitos, não será verso, no sentido genuino do termo. Escrever, pois, a torto e a direito, series de vocabulos em linhas mais ou menos curtas, com maior ou menor desperdicio do papel, não é, de certo, fazer verso. A isso, entretanto, é que tem

conduzido o novo systema de versejar inventado pelos poetas decadentes e adoptado pelos seus imitadores.

Não ha, a meu juizo, termo de comparação entre uma bôa poesia cinzelada de acôrdo com os canones da antiga metrificação e qualquer dessas composições do typo do verso livre decadente, sem medida, nem rythmo.

Não nego que haja algumas producções desse genero bem feitas e que agradam, mas são raras. E a julgar pela leitura de taes producções, é, sem duvida, contrariamente ao que parece á primeira vista, mais difficil fazer uma bôa poesia pelo processo da livre versificação decadente do que pelo methodo classico ou romantico. Quanto ás más composições, dá-se justamente o contrario, e por isso, creio, é que o novo systema se tem generalizado tanto ultimamente.

A opinião que acabo de expôr acha apoio em pareceres de autoridades na materia, dentre as quaes citarei aqui o notavel literato Medeiros e Albuquerque: "A maioria das poesias em metrificação variada, diz elle, nas quaes os versos de todos os tamanhos se entremesclam, são abominaveis. Parecem proza — e proza má. Mas é assim na mão dos poetas mediocres. Na dos grandes, a dos Guerra Junqueiro, dos d'Annunzio, dos Verhaeren, dos Santos Chocano essa metrificação tem uma belleza extraordinaria. A difficuldade para os mediocres é que não podem achar modelos. O que um faz não serve de norma a outro. Não ha nessa poetica nova lugar para imitadores vulgares... Essa forma não está ao alcance dos mediocres. E' preciso ter merito proprio — e superior — para lidar com esse processo de metrificar, cuja aparente facilidade é um laço em que os mediocres revelam logo a sua mediocridade".

Falando de alguns poetas da actualidade, escreveu o Sr. Cesario Prado os seguintes commentarios, depois de citar especimens da lavra daquelles: "A mesma desarticulação primitiva, a falta de rimas, o conceito occulto pela synthese. Mas ha mais a observarse nesses versos: a falta de imagens, a ausencia de metaphora que, ao contrario, abunda na quadra sertaneja. E' que a linguagem directa será talvez a caracteristica unica da poesia

de hoje, relegada a metaphorica para a idade fetichista, para o periodo de vida, animação e vozes para todas as cousas visiveis.

"Mas é justamente neste passo que se prevê a agonia da arte do verso.

"Desapparecida a rima, despida das roupagens metaphoricas, comprimida pela synthese, o que restará da poesia, quando, além de tudo, escasseiam cada vez mais os moveis elevados para thema, a antiga inspiração?"

Os adversarios do romantismo, entre tantas outras invectivas que lhe irrogam, não se cançam de estygmatizar-lhe "o sentimentalismo lamuriento, lacrimoso", o "lyrismo piegas", intoleraveis á dureza erea da sua rija tempera viril e estoica.

Não ha duvida de que uma sensibilidade moral e affectiva, ora ardente, vibratil, arrebatadora, ora terna, languida, triste, era nota dominante no temperamento dos romanticos. As manifestações dessa constituição nervosa assaz impressionavel eram realmente por vezes excessivas em alguns representantes da escola especialmente os que foram por isso mesmo appellidados — *ultra-romanticos*, e aqui, como em tudo, não ha desconvir, o exagero é um defeito.

Mas, dados esses descontos, julgo que não ha razão para condemnar-se de modo absoluto a viva emotividade e affectividade do romantismo, pois ellas têm o seu lado bom.

Que é, de facto, o que distingue o homem do bruto, sinão a intensidade, o apuro, o requinte mesmo, dos sentimentos moraes e affectivos, das paixões nobres: o amor, nas suas varias modalidades, e muitos dos sentimentos satellites que gyram em torno delle; a sympathia pelos nossos semelhantes, a benevolencia, o altruismo, a compaixão, a piedade, etc.? Pois então serão virtudes a anesthesia moral e affectiva, a impassibilidade, a apathia, a impiedade, a fereza...?

Contrariamente á opinião dos seus detractores, nessa caracteristica sentimental do romantismo é que está justamente, no meu sentir, uma das suas primazias.

"A lyra romantica, escreve Tasso da Silveira, vibrava ao compasso do coração popular. Seus themas eram bebidos na fonte

do sentimento ingenuo e simples, e se ella os transfigurava, era pelo arroubo, pela eloquencia, pelo fremito de paixão com que soluçantemente os exprimia. Esse desbordamento não annulava, comtudo, o fundo vivo de sentimento verdadeiro de que era apenas a exaltação. O homem do povo, por mais inculto e rude, podia ver reflectir-se na obra dos seus poetas toda a sua candura de alma, toda a simpleza de suas aspirações, e toda a ingenuidade e amargor de suas queixas. E' necessario reflectir sobre a significação extraordinaria que tomou, pelo menos entre nós, o romantismo. Só com elle attingimos á profunda e verdadeira poesia".

São de Jean Carrére os seguintes conceitos: "Todo grande poeta é heroico, e por esse mesmo caracter é que se reconhece a sua grandeza. Entre o heróe e o poeta ha mais do que uma affinidade secreta ha absoluta connexidade. Um suscita o outro e reciprocamente. Elles são as duas florações da mesma seiva; nascem ambos do mesmo esforço da humanidade para uma nobreza ideal. E isso a tal ponto que ha quasi sempre um poeta no heróe e um heróe no verdadeiro poeta. Para um e para outro, a vida e a obra se cifram em perpetua dedicação a uma humanidade melhor. A abnegação, o amor do proximo, a piedade profunda, o desdem dos gosos materiaes, o soffrimento acceito pela gloria futura, taes são os traços communs aos poetas e aos heróes".

E a que poetas melhor se applicam esses juizos do que aos da escola romantica?

Exactamente ao benefico impulso dessa malsinada sentimentalidade foi que muitos apostolos do romantismo, juntando, por assim dizer, a acção á palavra, descendo do mundo subjectivo da phantasia para a vida real, numa verdadeira dynamica objectiva, — empenharam o seu verbo fulminivomo e a propria actividade physica em lides de caracter politico e em benemeritas cruzadas de caracter humanitario, philanthropico, e de alto interesse social, do que entre muitos outros exemplos que poderia citar, lembrarei apenas o occorrido entre nós por occasião da campanha abolicionista da escravidão, em que tomaram parte

activa varios escriptores e poetas da epoca, sobrealçando-se a todos a figura augusta do immortal Castro Alves, vulto genial do romantismo.

A despeito de tantas, tão bellas e primorosas obras produzidas pela escola romantica, e attestadoras do excelso merito desta, muitos se hão entregues, como vimos, á tarefa de vituperal-as e amesquinhal-as implacavelmente, e suppõem que aquella, como todas as outras escolas literarias do passado, já está de todo morta, soterrada e para sempre esquecida.

Em nosso paiz, nomeadamente, varios grupos de novos literatos, em nucleos mais ou menos circumscriptos, mas vacillantes, instaveis, contradictorios em muitos pontos, têm-se associado, entretanto, no obstinado proposito de anniquilarem a mentalidade e as obras, especialmente as literarias, das volvidas epocas.

Nessa audaciosa porfia empenhou-se, por exemplo, o recente grupo "verdamarello" de S. Paulo.

Assim se pronuncia, a respeito, um dos membros delle: "Travou-se a batalha... De um lado o Carão, com mais de duzentos annos, cinzento, encorujado, de pannas hispidas e sujas. Carrança e misoneista, miolo mole e intransigente. De outro lado o Curupira: agil, matinal, ironico, omnimodo. O Espirito Velho contra o Espirito Novo. Luta de morte. Revolução".

E o Sr. Cassiano Ricardo, da mesma phalange, tambem faz a expssição da peleja nos seguintes termos: "Carão — passadismo retranca. Curupira — inquietude dos moços. Carão — philosophia doutoral de quatro olhos ou de óculos pretos, ruminando convicções que nem óssos da discussão, na sua incapacidade de dar saltos e ser livre, embizorrada nos preceitos esthoticos, embodocada nas ordenações do reino, empedernida nas fórmas defunctas. Curupira — vida que passa, pararaca que nem serelepe, pereréca que nem demonio — genio vivo e inventivo, que salta do matto, assombração de cabello vermelho e cachimbo de barro, caapóra que espanta os literatelhos de pó de arroz, num pégapéga! desabusado aos larapios de Miroméris".

E o desfecho da renhida pugna é assim descripto: "E quando o Carão imaginou ter assassinado publicamente Curupira, este, azougado, immortal, reappareceu victorioso.

"Carão gemeu como urutáu... Fincou o bico sob a aza frouxa. Estrebuchou. E morreu..."

E dest'arte elles se jactam de haver extinguido o espirito do passado, com toda a sua bolorenta e imprestavel bagagem de idéas e sentimentos.

Mas como se illudem!

A influencia do passado sobre o presente é fatal, profunda, eterna! Está na essencia mesma das cousas e a ninguem é dado supprimil-a.

Embora de modo algo paradoxal, poderiamos dizer que o passado não morre, pois o presente é a propria continuação directa, ininterrupta, do preterito, assim como o futuro não é mais do que o simples prolongamento do presente.

As varias linhagens dos seres vivos, por exemplo, são essencialmente constituidas pela mesma materia, o plasma germinativo, que passa indefinidamente de pais a filhos, sem solução de continuidade. Podemos, assim, dizer que os descendentes são formados pela mesma substancia dos ascendentes, pois a parte somatica do seu corpo é mero accessorio, o germen, que lhe dá existencia, é tudo. Nelle é que principalmente residem as forças productoras dos caracteres e attributos, assim physicos, como moraes e intellectuaes, do individuo.

Com relação aos homens, já o genial fundador do positivismo havia proclamado a reconhecida verdade, concernente ao mundo psychico: os mortos governam os vivos.

Aliás, o que somos, o que possuimos, devemos, no todo ou em parte, aos que nos precederam: sem elles, evidentemente não existiriamos, sem os seus feitos, não poderiam as gerações subsequentes effectuar muitas das suas realizações, quer no dominio material, quer no intellectual ou moral.

Renegar, por conseguinte, o preterito, desconhecer a nossa immensa e multimoda divida para com os antepassados, além de rematada ingratidão, fôra verdadeira insania ou cegueira. O progresso, intuitivamente, não está em cada geração rejeitar ou destruir toda a herança que lhe transmittiram as anteriores e tudo refazer do começo, sinão que em accrescentar ao bom legado que

receber as novas acquisições e conquistas, que por sua vez ella fizer.

Perdem, assim, o tempo e o trabalho aquelles que tomam a peito a insensata empresa de insurgir-se contra as leis da natureza, neste como em qualquer outro caso.

Não se conclua, porém, das minhas palavras que eu faça côro com os fanaticos *laudatores temporis acti*, que julgam o passado sempre melhor em tudo ao presente, e, dominados por impenitente pessimismo, só vêem no mundo corrupção, degenerescencia e decadencia, em tudo e em todos. Não. Muito ao contrario.

Creio firmemente no progresso, e especialmente no que diz respeito ao assombroso adeantamento material e scientifico, nem ha termo de comparação entre o presente e o passado. Verdadeiro abysmo os separa neste particular. Quando ao dominio das bellas artes, porém, já se não póde dizer o mesmo, pois algumas dellas, especificadamente a pintura, a esculptura, a poesia, já desde tempos mais ou menos remotos, — da antiguidade grega e romana á Renascença, haviam attingido grau de perfeição não excedido em qualquer das epocas ulteriores. Mesmo neste ponto, entretanto, si não ha superioridade nos modernos em relação aos antigos, tambem não se póde affirmar que, de modo absoluto, sejam aquelles inferiores a estes, porquanto aos vultos geniaes do passado é possivel contrapôr-se, no mesmo terreno, outros iguaes das eras moderna e contemporanea.

Restringindo-me, porém, ao assumpto de que trato, posso desassombradamente asseverar que o espirito romantico não foi ainda anniquilado nem talvez o será tão cedo ou jamais, apezar dos esforços malgastos nesse sentido por parte de grupos das novas gerações de literatos.

Estou até convencido de que, passado esse torvelinho confuso, anarchico, caotico, de correntes e tendencias, ora analogas, aparentadas, ora divergentes, antagonicas, que, de certo tempo a esta parte, se entrechocam no campo da literatura contemporanea, ha de surgir nova escola em que serão readoptadas as qualidades primaciaes do romantismo, aquellas que representam manifestações naturaes e irreprimiveis de faculdades normaes da alma humana.

Todavia, nada ha perfeito no mundo, e de certo revelaria obcecação quem não reconhecesse que o romantismo tambem tinha os seus defeitos em producções de alguns dos que o professavam, como, entre outros, ao meu ver, o abuso do phantastico, do sobrenatural, dos lances ou episodios excessivamente tragicos, etc., defeitos esses que naturalmente deveriam ser corrigidos em qualquer escola de feição neo-romantica que viesse a fundar-se.

Quanto ás innumeras escolas ou pseudo-escolas que succederam ao romantismo, desde as dos nephelibatas, symbolistas, decadentes, diabolicos, etc., até a dos futuristas, e várias outras congeneres: simultanistas, cerebristas, unanimistas, ultraistas, dadaistas, synchronistas, etc., e em nosso paiz: penumbristas, pau-brasilistas, verdamarellistas, anthropophagos, etc. de todas essas que é o que passará ás gerações vindouras? Deixo ahi a pergunta para que outros respondam.

As reflexões que acabo de expôr acham abono em opiniões de autoridades na materia, que ultimamente se hão pronunciado sobre o assumpto, das quaes citarei algumas.

Falando da pomposa commemoração do romantismo, realizada em 1927, escreve o Sr. Fernando Baldensperger: "Doravante reapparecerão fatalmente, todo anno, discussões, apologias, documentos ineditos, reedições, em que figurarão os nomes de Balzac, de Hugo, de Musset, de Sainte-Beuve, de vinte outros, francezes ou extrangeiros, prosadores ou poetas. Dos seus adversarios do mesmo tempo, quem se occupará?... De bom ou de mau grado, é forçoso admittir que a literatura franceza, como todas as grandes literaturas européas, comporta normalmente outros elementos que não o classicismo ou o realismo, e que a civilização occidental decididamente "absorveu" e "assimilou" o romantismo. Tunica de Nessus ou fonte Juventa, ha ahi muita cousa de essencial e de definitivo". E diz ainda o mesmo autor: "Como não admittir que tem sempre havido, mais ou menos apparentes, disposições ao romantismo: fazem ellas parte do fundo celtico da raça, da dissonancia creada por alguns grandes acontecimentos da sua historia, ou pertencem mais simplesmente, como

espirituosamente sustentava o Padre Bremond, á propria natureza humana?"

A proposito, assim se pronunciam (1927) H. Girard e H. Moncel: "Os romanticos foram homens do XIX seculo, e esse seculo foi um dos mais patheticos da historia. Sobreviventes de uma sociedade que acabava de sossobrar no abysmo, "foram homens, dizia Mauricio Barrés, que luctaram contra causas geraes de diminuição e foram os melhores... Amo e admiro sempre os grandes livros romanticos, julgo-os uteis como a descripção dos soffrimentos que padeceram essas criaturas de escol, procurando debaixo das tempestades, no meio das ondas encapelladas, alcançar a praia. Em vez de criticar com uma especie de obstinação raivosa os defeitos dos romanticos, é infinitamente mais proveitoso gozar das suas admiraveis qualidades. Nada melhor temos a fazer que "decantar" o romantismo para ver o que elle tinha de bom... O romantismo teve elementos caducos, mas teve partes excellentes, intuições fecundas, vistas largas, que ainda nos podem servir... Data da idade romantica uma prodigiosa investigação no tempo e no espaço. Todas as disciplinas do espirito foram refundidas, recreadas no cadinho desse ardor unico. O romantismo, por seu amor ao passado e seu resvelo apaixonado pelo caracter local, particular, individual, da vida, inspirou gostos que se tornaram sciencias... A vida exemplar do sabio benedictino que foi Renan, continuam os mesmos autores, é a melhor resposta que se póde dar aos que querem que o estado de alma romantico seja forçosamente um dissolvente na vida do individuo".

São de René Canat (1921) os seguintes conceitos: "Os romanticos reagiram contra a seccura do XVIII seculo, contra a frivolidade e o sensualismo; raramente as paixões humanas — as mais altas e mais generosas — haviam revolvido as almas com igual intensidade. Religião, amor, sentimento da natureza, piedade, sympathia pelos desgraçados e pelos humildes, angustia da morte, eis ahi os themas eternos em que se alimenta a vida moral da geração de 1920.

"Dahi resulta que essas emoções romanticas são mais excepcionaes por sua intensidade do que por sua natureza. Despido de certas convenções ou complicações que envelheceram depressa, o individualismo romantico nos agrada hoje por tudo que encerra de universal e de eterno. Elle se alargou até tornar-se uma philosophia da vida.

"E tambem uma esthetica. Todas essas emoções, já carregadas de idéas, tendem a exprimir-se em belleza... O romantico considerava a vida como uma obra de arte, e porque amava as paixões por sua belleza tanto quanto por sua melancolia, creou uma literatura que é uma obra prima da vida".

Eis como se exprime Pierre Paraf (1927) sobre o ponto em questão: "Acima dos caprichos da moda, acima das prevenções dos filhos timidos e das renegações dos filhos ingratos, acima dos ataques dos egoistas que não perdoam á sua generosidade o ter inflammado o mundo, e dos mediocres que não perdoam á sua claridade o haver o illuminado, o romantismo, "liberdade na arte", irradia e irradiará emquanto arte e liberdade não forem palavras vãs.

"1827... 1927... Um seculo após o prefacio de Cromwell, nunca foi elle mais admirado e mais vivo. Aliás, a troca apaixonada de idéas que suscita a celebração do seu centenario não constitue o mais brilhante testemunho da sua vitalidade?... Quem portanto hoje — salvo algumas raras excepções — entre os escriptores mais representativos das letras francezas e das letras dos dois continentes seria capaz de negar a influencia do romantismo e contestar os seus beneficios?"

Commentando umas passagens do celebre prefacio do drama *Cromwell* de Victor Hugo, diz o eminente Conde Affonso Celso: "Tudo isto e muito mais, escripto ha um seculo tem plena applicação á actualidade; é opportuno, é moderno, ou modernista, — o que prova a persistencia, a perennidade, a indestructibilidade de consideravel porção do passado, a despeito das reformas e das revoluções. *Non omni moriar!* — *Já* exclamava o velho Horacio".

Em um artigo, publicado em 1923, sobre o distincto poeta brasileiro Pereira da Silva, depois de referir-se elogiosamente a figuras conspicuas do parnasianismo e do symbolismo em nosso paiz, o illustre literato nacional Tasso da Silveira emitte o se-

guinte conceito: "Parece-me ,com tudo isso, exigir nosso espirito nacional um retorno mais decisivo ás formulas romanticas. A's formulas romanticas, mas enriquecidas das surprehendentes acquisições posteriores. Quero lizer: não poderemos nunca mais desfazer-nos do thesouro de sonoridades e estados de alma novos que nos legaram nossos ultimos poetas; mas temos absoluta necessidade de voltar á expressão larga, eloquente e commovida e ao accento ingenuo, franco e simples da poesia romantica. Supponho que na tradição do romantismo encontraremos nossa musica propria, pelo menos em seus elementos fundamentaes". E accrescenta, linhas adeante: "A reviviscencia, ou antes, o resurgimento da grande voz romantica em Pereira da Silva vem affirmar, pela realização que os poemas deste artista representam, como pela aceitação que tiveram, o quanto significa o romantismo em relação á poesia que nos é propria. E vem affirmar tambem o espontaneo reatamento de nossa tradição poetica, facto a que deve a critica a mais acurada attenção.

"Pereira da Silva respirou a atmosphera de parnasianos e symbolistas. Seu verso trabalhado carinhosamente, os recursos variados de que lança mão e o seu extremado subjectivismo demonstram-no de sobra. Mas através de tudo isto, persiste nos seus poemas a inconfundivel musica e o particular accento da pesia romantica".

O Sr. Marques da Cruz, na sua *Historia da Literatura*, affirma: "A Escola romatica está ainda hoje em pleno vigor, em todos os povos, apresentando, é claro, traços diversos, conforme as correntes literarias que vão surgindo".

Na peroração de uma bella conferencia, pronunciada em 1923, sobre o thema — "O periodo romantico e a genese da nossa poesia" assim se expresa Pereira da Silva: "O numen poetico de Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu, Fagundes Varella, Junqueira Freire e quasi todos os poetas contemporaneos, é muito vibratil e ductil, transluc'do e sonoro, communicativo e espiritual, erotico ou sensivel, para que a critica hesite em reconhecer no seu rythmo a vibração do nosso sangue.

"Por isso mesmo é que aqui estamos a evocar essas almas

creadoras de virtudes lyricas. E' que nas suas veias circulam a mesma sensibilidade, a mesma dor, o mesmo enthusiasmo, a mesma imaginação ardente que distingue a poesia de nosso idioma da velha expressão metrica na linguagem portugueza. Os poetas romanticos foram a Fé, a Esperança, e a Victoria do Brasil e da Independencia. Por isso mesmo o Brasil de hoje, sciente e consciente da sua unidade tradicional e do seu destino ulterior, os rememora neste momento como genios tutelares que foram e serão da nossa Terra e da alma de nossa raça".

As considerações e citações que acabo de fazer tiveram por fim, como disse, mostrar que não é descabido e inopportuno tratar-se presentemente de literatura romantica, não obstante as diversas correntes contrarias a essa literatura, que hão surgido de certo tempo para cá.

Podemos até dizer que, após uma phase em que cahiu num como que estado de torpor e adynamia, o romantismo se reanima e recobra novo alento. Depois sobretudo da festiva celebração do seu centenario, o romantismo voltou com pujança á ordem do dia no mundo das letras.

Bem sei que elle continuará a ser alvo de acerbas objurgatorias e ataques por parte dos que o abominam. E' natural. Estão no seu direito, tanto quanto no de defendel-o resolutamente e elogial-o no muito que merece, estamos os que o amamos e apreciamos

* * *

Na mesma epoca em que fulguraram aqui na Bahia os bem conhecidos poetas Francisco Moniz Barretto, Agrario de Menezes, Junqueira Freire, Laurindo Rabello e outros, tambem viveu João Gualberto de Passos, que pelo talento poetico e estro incendido, mui apreciado foi dos coevos, no meio em que passou a existencia, porém mal conhecido dos posteros ou quasi ignorado ficou.

Assim é que nos livros de literatura nacional figuram, mais ou menos encomiados, muitos poetas, a varios dos quaes Gualberto de Passos incontestavelmente igualava, e a outros excedia, e entretanto nenhuma referencia a elle faz a quasi totalidade dos historiadores das letras patrias.

Contribuiu para isso, acredito, o facto de nunca terem sido reunidas em volume impresso as suas poesias, algumas das quaes foram, em sua vida, publicadas em jornaes ou revistas de pequena circulação, permanecendo ineditas a mór parte dellas.

Conforme me referiram pessoas do seu tempo que de perto o conheceram, era voz corrente que João Gualberto fôra certa vez acommettido de um accesso de alienação mental, durante o qual lançou ás chammas os manuscriptos que continham as suas composições poeticas, muitas das quaes não ainda conhecidas. Não tenho certeza da realidade do facto, mas a ser verdadeiro, explicaria a escassez das poesias da sua lavra chegadas ate nós.

O illuminado poeta bahiano improvisava com facilidade, não anto, porém, quanto o seu contemporaneo F. Moniz Barretto, que especialmente como repentista mais se assignalou entre nós. A julgar, entretanto, pelos versos que daquelle conheço, era bardo de mais alto engenho e de mais vibrante estro, mais empolgante altiloquencia do que o ultimo. Varios dos seus carmes, de facto, distinguem-se, ao meu ver, pela elevação e fulgor das ideas, ardor dos sentimentos, belleza das imagens e emphase da expressão.

Dentre as obras de literatura brasileira de que tenho conhecimento, só na de Silvio Romero encontra-se a simples menção do nome do vate de que me occupo. Falando de Francisco Moniz Barretto, escreve o notavel publicista: "Nos dois ultimos decennios de sua vida foi ali (a Bahia) o centro de um movimento literario assaz consideravel. Em torno do velho repentista figuraram Agrario de Menezes, Augusto de Mendonça, Junqueira Freire, Pessoa da Silva, Rodrigues da Costa, Gualberto de Passos, Laurindo Rabello e muitos outros poetas de talento".

O *Dicionario Bibliographico Brasileiro* de Sacramento Blake dá sobre o poeta bahiano, que rememóro, a noticia em seguida transcripta:

"*João Gualberto de Passos* — Nascido na Bahia pelo anno de 1818, ahi falleceu, tendo sido official-maior da thesouraria da provincia e cultivando sempre as letras, mormente a poesia. Pertenceu a varias associações literarias, como o Instituto Historico da Bahia, a sociedade Bibliotheca Classica Portugueza e a Instructiva e collaborou para varias revistas, como o *Crepusculo* e o

Atheneu. Por occasião de festas nacionaes sua musa sempre se patenteava altiva. Escreveu, além de innumeras composições por occasiões taes:

— *Poesia*, dedicada a S. M. o Imperador, Bahia, 1851.

—*Poesia* recitada e offerecida a S. M. I. em sua visita á Bahia, no livro " Memorias da viagem de S. M. M. I. t. 1.º, p. 187.

Dentre as composições em revistas citarei:

—*A rosa e as flores murchas*, no *Crepusculo*, t. 1.º, p. 181.

— *Poesia* recitada no theatro publico em a noite do sempre glorioso dia 7 de Setembro, *idem*, t. 3, p.

— *O passeio entre as flores, idem, id.*, p. 44.

—*O cravo do noivado*, no *Atheneu*, t. 1,p. 14.

— *Cançoneta, idem, id.*, p. 155.

— *Poesia, idem, id., p.* 190.

E tambem publicou trabalhos em prosa, como:

— *Um voto pela literatura patria*, no *Crepusculo*, t. 2, p. 8 a 10".

No breve apontamento biographico citado não se diz quando João Gualberto de Passos falleceu. Tão pouco consegui averigual-o, mas sei que ainda vivia em 1861, crendo que não sobreviveu muitos annos áquella data.

As excellentes *Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um Cathecismo Moral, Politico e Religioso*, que escreveu José Lino Coutinho, mas deixou ineditas, foram publicadas por João Gualberto de Passos, a quem a propria filha daquelle egregio brasileiro, para a qual foram compostas as ditas *Cartas*, confiou o manuscripto autographico para o menciado fim, João Gualberto, além de uma dedicatoria á mesma Senhora, escreveu para a obra importante prefacio, e ajuntou a varias das suas passagens annotações interessantes e judiciosas, pelas quaes se vê que tambem era bom prosador e que, além da literaria possuia alguma cultura scientifica e philosophica, sendo bem versado nas doutrinas da religião catholica, e conhecia as linguas latina, italiana, franceza e allemã, pois em todas essas faz citações no proprio original.

Dei-me ao trabalho de colleccionar as poesias do inspirado cantor que consegui respigar, ineditas umas, outras dadas a lume, na sua vida, em periodicos pouco conhecidos e de exemplares hoje rarissimos, a fim de divulgal-as, o que tenho o prazer de fazer nesta palestra, visando tirar assim do injusto olvido o seu autor e trazer ao mesmo tempo interessante subsidio, no meu parecer, á historia da literatura patria.

Começarei a exposição do que logrei colligir pelo soneto inedito por elle escripto no album de D. Maria Adelaide Sodré Moniz, esposa do Commendador Antonio Ferrão Moniz, o patrono da cadeira que tenho a honra de occupar nesta Academia, bahiano de vasta e profunda erudição, tambem muito menos conhecido do que merecia' (avô paterno de quem vos dirige a palavra). Apresento-vos o alludido album, com soneto, em autographo, que passo a ler:

SONETO

Manejara os pinceis com tal dextreza,
Tanto esmero e primor, tanto desvelo,
Que, depois de crear teu rosto bello,
Sorrio-se, de vaidosa, a Natureza:

Sim, Marilia! porque tua lindeza
Lembra nas fórmas divinal modelo,
Teu porte, e garbo é tal, — que descrevel-o
Fôra a meus versos atrevida empreza.

De mais sublimes dons ornou teu peito
Comtigo em tudo liberal Natura,
Para que tudo fosse em ti perfeito:

Encanta... porém passa a formosura;
Encanta, merecendo eterno preito,
Teu nobre coração, tua alma pura.

2 de Março de 1848.

Em outra pagina do mesmo album, na qual o habil pintor Bittencourt Sá havia desenhado um lindo beija-flor, de pennas verdes douradas, por baixo escreveu Gualberto de Passos as seguintes quadras, de mavioso e delicado lyrismo, e primorosas assim no expressivo pensamento, como no colorido da phrase e fino lavor da metrica:

Em te ornar de lindas cores
Esmerou-se a Natureza
Nem mesmo o iris te offusca
De seus raios co'a viveza.

Tens fórmas tão delicadas
Sob as pennas de setim,
Que, se aves tivessem Anjos,
Tu fôras um serafim.

Tudo tens quanto concorre
A' mais rara perfeição;
Mas tantos dons desmerece
Teu voluvel coração.

D'uma, d'outra flor libando
Virginio calix mimoso,
Logo esta, aquella abandonas
Para ter de outras o goso.

De todas em torno adejas
Buscando affagos colher.
E depois — é teu costume
Sempre a todas esquecer...

Mas porque te culpo?... acaso
Não conheço entes piores,
Que, tendo humana figura,
São no peito beija-flores.

Setembro de 1852.

Ainda no referido album ha outra poesia da sua autoria, tambem em autographo, composta de oito oitavas, tendo por assumpto franco panegyrico á proprietaria delle, a qual gosava, em verdade, da fama de ser uma das mulheres mais bellas da sociedade bahiana do seu tempo (v. annexo n. 1).

Por occasião da guerra européa de 1853 - 1856, entre a Russia e a Turquia apoiada pelas nações do Occidente, foi glosado por varios poetas bahianos, — Moniz Barretto, Agrario de Menezes, etc., o motte, então muito em voga, sobre o qual tambem compoz João Gualberto a glosa abaixo trasladada. Conheço as outras glosas mas nenhuma se iguala, a meu ver, a do poeta de que trato.

MOTTE

As potencias do Occidente,
Com as Aguias e os Leões,
Ou tomam Sebastopol,
Ou deixam de ser Nações.

GLOSA

Flagello da humanidade,
Novo Xerxes furibundo,
Nicolau de todo mundo
Ameaça a liberdade.
Mas quando se persuade
Que é na terra omnipotente,
Deus, que sonhos não consente
De universal monarchia,
Levanta em prol da Turquia
As potencias do Occidente.

Aberta a vasta campanha,
Escassa força de bravos
De espessa nuvem de escravos
Arrosta o valor, a sanha.
Em cada victoria ganha,

Contra os russos batalhões,
Revivem feitos, acções
Dos Leonidas terriveis,
Sendo os de hoje irresistiveis
Com as Aguias e os Leões.

Está de um lado a barbaria,
Que do mundo a luz desterra;
Do outro, a França, a Inglaterra,
Que o mundo avança ,allumia;
Com ellas na immensa porfia,
Porfia de tanto prol.
Ou de avita gloria o sol,
Que artes, sciencias affaga,
Num mar de sangue se apaga,
Ou tomam Sebastopol.

Depois desse heroico feito
Decidir do fim da lucta,
Acima da força bruta
Ha de reinar o direito;
Do Evangelho o preceito.
Mantendo Gallos, Bretões,
Do justo oppondo as noções
Do ferro ás novas conquistas,
Ou são nações progressistas
Ou deixam de ser nações.

E como os successos evocados por essas estrophes e os conceitos nellas contidos nos fazem reflectir na veracidade da conhecida maxima de que a historia se repete!

Com a simples troca de nomes, essa poesia se applicaria, com a maior justeza, á ultima conflagração européa e aos seus protagonistas. Guilherme II foi innegavelmente uma reproducção de Nicolau I, como este já o fôra dos conquistadores megalomaniacos, sonhadores desmarcadamente ambiciosos de dominio universal, que o precederam em outros seculos. E por ahi tambem se vê que os colossos não podem jamais ter grande duração, pois

contra as exorbitantes pretenções a que naturalmente são levados, contra o abuso que são tentados a fazer da enormidade das suas forças, colligam-se grandes e pequenos, movidos pelo próprio instincto de conservação, e a consequencia fatal ha de ser sempre a subjugação, a derrota e o aniquilamento desses monstros!

Adduzo aqui mais duas glosas, cada qual em uma decima, tambem não publicadas. (V. annexo n. 2).

Aos versos do ardoroso bardo, até agora ineditos, que exhibidos deixo, ajunto os seguintes, que foram dados á estampa, porém em publicações esparsas e mui difficeis actualmente de encontrar-se. (V. annexos ns. 3 e 4).

Um delles, intitulado — *Canto*, foi composto por occasião da visita de D. Pedro II á Bahia, em 1859, a quem foi offerecido, e no qual tece o poeta justos louvores ao vulto venerando do magnanimo monarcha e aos actos da sua sabia administração. A outra poesia é uma "Saudação aos Veteranos" da Independencia, recitada nos festejos do nosso glorioso dia 2 de Julho em 1854.

Finalmente, como coroamento das composições apresentadas, vou ler um soneto, igualmente nunca impresso, do que me consta, o qual, no meu sentir, é um dos mais bellos escriptos em lingua vernacula, podendo, pelo arroubo das idéas, das comparações expressivas e vivamente emocionantes, assim como pela arrebatadora eloquencia e pelo esmero da fórma, hombrear com as melhores producções dos mais afamados sonetistas:

SONETO

MOTTE

"Obstaculos não ha que amor não vença".

Que prodigios não faz numa alma forte
De amor a viva e turbulenta chamma!
Quebraram lanças mil por sua dama
Paladinos que amor tinham por norte.

Orpheu com a lyra, que lhe dera a sorte,
Vae aos infernos resgatar quem ama;
Inda fulgura nos annaes da fama
Ignez feita rainha além da morte.

Leandro, heróe de amor pela afouteza,
Sem das vagas temer a furia immensa,
Vê-lhe Hero acenar da torre accesa!

Muito póde em quem ama ardente crença!
Quando quer, quando sabe ter firmeza,
Obstaculos não ha que amor não vença.

* * *

Com as informações que precedem e os fragmentos apresentados, embora escassos, da obra poetica de João Gualberto de Passos, creio que se poderá formar juizo da sua personalidade e da sua musa.

E por não pertencer, insisto na declaração, á classe dos iconoclastas do preterito e menosprezadores dos antepassados que, neste ou naquelle ramo da actividade humana, concorreram com subsidio mais ou menos valioso para o patrimonio material, moral, scientifico ou artistico da humanidade—antes pelo contrario, me colloco effusivamente ao lado dos que rendem aos seus manes fervoroso preito de reverencia e gratidão — foi que deliberei prestar esta homenagem á memoria do inspirado trovador bahiano, que não merecia ficar no esquecimento em que tem jazido, sinão que é tão digno, como muitos outros da mesma geração e da mesma plana, de subido apreço e admiração da posteridade.

Abril de 1929.

GONÇALO MONIZ

ANNEXO N. 1

POESIA

(No album de D. Maria Adelaide Sodré Moniz).

Criou a Natureza Damas bellas,
Que foram de altos plectros celebradas:
Dellas tomou as partes mais presadas,
E a vós, Senhora, fez do melhor dellas.

(*Camões.* — Soneto).

Tome o vate a lyra ardido,
E mais um festão mimoso
Venha cingir, respeitoso,
A' grinalda vicejante,
Que em tua fronte elegante
Quiz, enlevada, Natura
Pôr, como premio subido
Da mais rara formosura.

Mas onde, Marilia bella,
Achar preciosas flores,
Que no viço, que nas cores,
Na figura e na fragancia,
Possam bem ter a jactancia
De exprimir lindo conceito;
De ser o emblema daquella
A quem todos rendem preito?!

Embora... si não diviso
No inteiro mundo creado
Um condigno traslado
De teus dons e perfeições,
Vou beber inspirações
Sublimes e creadoras
No teu divino sorriso,
E nas fallas seductoras.

Fecunde-me o estro mesquinho
Um teu gesto gracioso;
Do bem talhado e garboso
Corpo gentil um meneio;
E o arfar do niveo seio,
Onde captivo, onde preso,
Amor tem seu doce ninho,
Vive Amor de amor acceso.

Nessas eras gloriosas
Pelo pincel, pela lyra,
Si por ventura te vira
Praxitéles divinal,
Em ti achando o ideal
Da lindeza sem sinões,
Das sete Gregas famosas
Rejeitaria as porções.

Si um Camoens, um Praxitéles
Para esculpir-te ou cantar,
Não pódes hoje encontrar
Neste seculo acanhado,
Possam teu genio elevado,
Teus dotes, graça e viveza
O estro elevar d'aquelles
Que admiram-te a belleza!

E lá das trevas eternas
Si Camoens fosse arrancado,
Extremoso, apaixonado
Por tuas graças e encantos,
Subindo a nota a seus cantos,
Marilia, só te endeusára;
Cançoens te dera mais ternas,
E Natercia abandonára.

Possa, Marilia, eu, que tenho
De te cantar alta gloria,
Fazer durar na memoria
De teus meritos a fama;
Possas, emfim, nobre Dama,
Do novo anno em cada dia,
Ver teu mais querido empenho
Trocado em pura alegria.

1.º de Janeiro de 1851.

ANNEXO N. 2

MOTTE

A fé jurada uma vez
Só falta faltando a vida.

GLOSA

Coração que timbre fez
De amar como Tasso ou Dante,
Morre, mas guarda constante
A fé jurada uma vez.
Coração de tal jaez,
Si encontra alma fementida
Quando já de amor duvida,
Quando não quer mais soffrer,
Gela, mas o seu querer
Só falta faltando a vida.

MOTTE

O coração quando cae
Sobe mais alto que tudo.

GLOSA

Morre a alma quando não sae
Da esphera material;
Tem vida toda ideal
O coração quando cae.
Si para cahir o attrae
Amor puro, amor sisudo,
Não lhe val saber, estudo;
Mas dando-se a quem merece,
Assim cahindo não desce,
Sobe mais alto que tudo.

ANNEXO N. 3

CANTO

"Não tem meus versos da lisonja o bafo,
Nelles nunca cheirou comprado incenso;
Intima convicção meu estro incita;
Vate digo a verdade em tom de Nume;
D'est'arte, honrando a Poesia se honra".

(Trecho de um canto que o Sr. Dr. Domingos Borges de Barros, depois Visconde da Pedra Branca, compoz e recitou neste salão no memoravel dia 7 de Setembro de 1817).

Volvem os annos, mudam-se os destinos
Dos povos, das nações, reinos, imperios...
Que scenas!... que miserias!... que grandezas!...
Cedendo a lei fatal, mysteriosa
Que os tempos contrapoem, alli se accurva
Nação independente a ferreo jugo...
Aqui, de nobre orgulho esporeado,
Accordando de um longo, inerte somno,
Povo escravo já sobe a povo livre...
Parabens, ó Brasil, ó patria minha!
Nove lustros não são perfeitos inda...
Depois que os portos teus... francos ao mundo
Ao trato mercantil de estranhas gentes...
Leis mais brandas, riquezas mais perennes,
Mais polidos costumes e artes cultas,
Mais luzes importárão no teu seio,...

E já — de grande Imperio — os fóros logras!
Imperio que fundou Principe excelso,
Liberal, progressista, heróe ardido,
Não tendo Egeria, nem Mentor que o guie,
Mas tendo por ministro egregio — Andrada —
Em novo mundo Cincinato novo.
Alviçaras, Bahia, flor do oceano,
Linda estrella das plagas do Cruzeiro.
Primogenita do Acaso venturoso
Que a Cabral por abrigo um mundo déra;
Do Imperio atalaia, e séde outrora
Do fatidico reino ultra-marino!
Do negro, denso véu que te envolvia
A fronte soberana, — mergulhada
Em fundo abysmo de tristezas, doreş,
Eia... ergue essa fronte!... e esperançosa,
Dos raios da alegria só compondo-a,
Fita além no horisonte se corando
A purpurea, louçan, risonha aurora
D'um ditoso porvir, de idade nova.

II

Um berço augusto, açoitado
Por vendavaes procellosos, —
De um orphão predestinado
Contendo os fados preciosos,
A que o céo quiz dar sancção:
Viu-se atravez das procellas, —
Santelmo d'alma esperança, —
Promettendo eras mais bellas —
Como um penhor de bonança
Sorrir a afflicta nação.

E esse Real Infante,
Pharol que o Brasil olhava,
Quando mais agonisante

Seu existir graduava, —
Era-lhe anjo tutelar:
Salvou-nos... a si salvou-se
Mais tarde (quando do Estado
A nau quasi soçobrou-se)
Antes do praso fixado
Querendo o sceptro empunhar.

Eil-o que o empunha... eis que o saúda
Do paiz inteiro a grei;
Já de tudo a face muda;
Renasce o imperio da lei;
Do *incerto* a phase passou:
Ao Monarcha unido o povo
P'ra dar força á realeza —,
Repete no mundo novo
O phenomeno, a alta empreza
Que lá no velho vingou—

Quando, infrene, a olygarchia
De tyranetes feudaes
Arcava co'a monarchia
P'ra firmar cada vez mais
Cruento mando brutal...
Quando as — Communas — briosas,
Livres pendões arvorando,
Ião fortes, bellicosas,
Sobre os castellos plantando
Triumphante o seu foral.

Attentam reis e nações
No Imperio da Santa Cruz...
De altos dons e inclinações
Cá no Principe reluz,
Aponta germen gentil...
Medra em annos, em talentos,
Em virtudes, em costumes;

Rumina grandes intentos;
Da sciencia o ornam lumes,
E juizo são, subtil.

Outra vez o Imperio arranca
Das bordas do precipicio,
Quando ao merito desbanca
Das paixões más — o flagicio —
Nas cruas luctas civis:
Do alto do throno acena
C'uma palma de oliveira,
Emblema de paz serena;
E abre á nação inteira
Um *armisticio* feliz.

Mas que nuvem carregada
Lá n'um ponto se desenha
Da estellifera morada,
Qual sombra de negra penha
Sobre o chão a reflectir?...
Lá toma altas proporções...
Na terra tudo apavora...
Tremem firmes corações...
Terna mãe o filho chora...
Vão mil vidas succumbir!

Do Ganges é o monstro horrendo
Que estes bons climas visita...
Ante o flagello tremendo
De amor do povo palpita
De Pedro a alma paternal:
Expondo a vida preciosa
Eil-o, acceso em caridade, —
Sua virtude mimosa, —
Ao pobre — na anciedade —
Minora, allivia o mal.

Generoso impulso dando
A's lettras, artes, sciencia;
Talento e saber honrando,
Com a subilme experiencia
Da cultivada razão, —
Já sondar os reinos faz
Da fecunda natureza;
Já de sentil-a capaz,
Na sua immensa grandeza
Concentra a contemplação...

III

Salve, typo de reis, Pedro Segundo,
De nobre peito esclarecida mente,
Popular, magnanimo, piedoso, —
Cousas que juntas se acham raramente.

Olha este povo, no seguro instincto
Da alegria presága, enthusiasmado
Seguir a toda parte, encher de bençãos
Seu irmão, Soberano idolatrado.

Olha este povo, que seus fóros présa,
Em ti depositando a confiança,
E só — na Carta — por teu Pae doada —
Palladio do Brasil — pondo a esperança.

Vê como elle, esquecendo os soffrimentos
De uma crise á Provincia tão fatal,
Em jubilo converte vivas magoas,
Por não magoar-te os olhos com seu mal.

O seu mal!... que provém, quasi no todo,
Do systema que tudo centraliza...
Que ao corpo social não disrtibue
O sangue, — quanto p'ra viver precisa.

D'hora em vante ninguem póde ante o Solio
Livre ingresso impedir mais á Verdade;
Ao povo o rei conhece; — ao rei o povo;
Se abraçam — Monarchia e Liberdade.

Salve inda uma vez, Monarcha illustre,
De tino perspicaz, summo criterio;
Que buscas — na visita bemfazeja —
Tambem o Norte prosperar do Imperio:

Que ao grande, que ao pequeno, ao rico, ao pobre
Igualmente accessivel, dás — o exemplo
Que só no rei philosopho se encontra,
Que na fatua grandeza não contemplo.

Da criança popular o sobrio almoço
Quinhoando entre nós, tanto te elevas
Acima do que és — que só te igualas
Quando flores — de um bravo á campa levas.

IV

Muito has visto e ouvido: acode ás preces,
Ao reclamo, Senhor, de um povo digno,
Que não pretende titulos, nem graças
Da Justa, Imperial Munificencia;
Só aspira, só quer todos mantidos
Seus direitos legaes, e aligeirada
A dura condição que o tem prostrado!
Deixe a tua passagem neste solo
Um traço luminoso, inextinguivel,
Que ao teu diadema o brilho apure;
Que as nuvens da saudade dissipando
Nos corações leaes que te idolatram —
E a Augusta Imperatriz, gloria d'Italia,

(De Parthenope estrella desviada
Para o céu do Brasil, tambem formoso) —
Teu Nome, d'Ella o Nome n'elles grave
Em vividos, eternos caracteres. —

V

Da purpura o fulgor não me deslumbra;
Canto virtudes que proclamam todos,
Que te louva o tenaz republicano.
Cultivai-as, Senhor, zeloso, attento,
Assiduo, sem cessar... — e lá conquista
Na futura epopéa americana —
Um canto immorredouro, que te acclame
O Rei da Patria Pae, que, a Patria alçando,
Lustre deu-lhe e poder, grandeza e gloria.

Poesia dedicada ao Imperador D. Pedro II, por occasião da sua visita á Bahia, e recitada pelo autor no baile que a Associação Commercial offereceu a S. S. M. M. I. I., na noite de 17 de Novembro de 1859.

ANNEXO N. 4

SAUDAÇÃO AOS VETERANOS (1)

Soberbas reliquias salvas
Do cataclysma da guerra,
Soldados que em mar e terra
De palmas vos coroastes;
Que calcando aos pés a morte
Com ledo, seguro rosto,
Do vosso arriscado posto
Nunca, nunca recuastes!

Soldados, que a tez crestada
Tendes do sol das batalhas.
E que ao raio das metralhas
Accendestes o fuzil;
Benemeritos da Patria,
Venerando Batalhão,
Que altos fóros de Nação
Destes ao escravo Brazil!

Poeta, filho do Povo
Que vos deve a liberdade,
Que hoje á vossa heroicidade
Dá cultos de gratidão;
Poeta não empestado
Dos ares do captiveiro,
Poeta, emfim, brasileiro,
Vos trago uma saudação.

(1) Esta poesia foi publicada na revista — "Bibliotheca Bahiana", vol. I, Dez. de 1862, p. 37.

Salve, salve, flor dos bravos,
Invenciveis Veteranos,
Gloria, brasão dos Bahianos,
Timbre do brasilo Marte!
Assim de café laureados,
Com essa historica farda,
Offuscas a — velha — Guarda —
Do assombroso Bonaparte!

Para! um pouco, parai
Vossa marcha triumphal!
Que porte e garbo marcial!
Que altaneira continencia!
Povo! — fronte descoberta!
Grandes! profundo respeito!
Monarcha! honras e preito
Aos Heroes da Independencia!

Em nobre orgulho incendidos,
Que vivo enthusiasmo atêa,
Livre o pulso da cadêa
Do aviltante colonismo:
Eil-os — jovens pela gloria
Abrilhantando este Dia,
E servindo, na Bahia,
D'escarmento ao despotismo!

Como nos peitos, ornados
De cicatriz gloriosa,
Desta phalange briosa
Fulge a insignia singela!
Medalha a preço de sangue
Na campanha adquirida,
Que a commenda hoje vendida,
Mil vezes melhor, mais bella.

Mil vezes melhor, mais bella
Mesmo - que a cruz trasladada
Lá do Céo, e destinada
Ao premio dos Patriotas;
Mas que por fatalidade,
extincto o fulgor já tem,
Suspensa em peitos... de quem? —
De *corcundas*, (2) de *agiotas*.

Como Aqui resuscitado
Pompêa o pendão primeiro
Que o soldado Brasileiro
Nos combates floreára!
Mais bello inda hoje que outr'ora,
No ingresso da cidade,
Quando — iris de liberdade —
N'estes ares tremolara!

Oh! como é tão veneravel
Das refregas chamuscado,
Velho assim, assim varado
Pelas balas do inimigo!
Como diz tão bem nas mãos
D'esta impavida cohorte,
Que sempre teve por norte
Não voltar face ao perigo!!

Ante este emblema eloquente
Da nossa Emancipação,
De gloria — immenso pregão,
Que ao porvir soando vai:
Um voto ao céo por aquelle
Que o archivou fervoroso,
Como Enéas piedoso
Das chammas salvando o Pae!

(2) Nome com que o povo chrismou aqui a brasileiros adversos á Independencia e á Liberdade.

Tambem ao céo vivas preces
Pelos outros irmãos d'armas,
Que, ao fero som dos alarmas,
Comvosco ao prelio voavam,
E que, martyres da Patria,
Fieis a esse pendão,
Inda sobre o coração,
Já morrendo, — o apertavam.

A' sombra d'esse estandarte
Que entre esperanças fluctua,
P'ra ter livre a terra sua
Quem a vida não dará?!
Quem ha de rojar grilhões,
Taes victorias recordando,
N'estas cores contemplando —
Sobre Ourique — Pirajá?

A' sombra d'esse estandarte,
Que sangue illustre ensopou,
E d'entre nós enxotou
Lusas Quinas dominantes;
Pela estrada do progresso
Estes jovens e meninos, (3)
Da patria alçando os destinos,
Irão sempre triumphantes.

Eia, ó bravos! exhortai-os
A seguir da honra os trilhos,
E a serem dignos filhos

(3) Refere-se aos Academicos e aos Menores, cujos Batalhões com o dos Veteranos formaram a 2.ª Brigada.

De tão generosos Paes;
A não perder vossa obra,
A não tolerar quebrados
Os seus direitos sagrados,
Os brios que lhes legaes!

A jurar n'esta bandeira,
Monumento de heroismo,
De puro patritoismo
No divino fogo arder;
Não soffrer jugo estrangeiro,
Jamais curvar-se a tyrannos,
E, como livres Bahianos,
Ou triumphar, ou morrer.

Julho, 1 de 1854

NOTA

Depois de pronunciada a palestra acima publicada, tive a satisfacção de obter mais as quatro poesias de João Gualberto, que, em additamento, vão transcriptas a seguir. Devo-as á obsequiosidade do erudito conterraneo Dr. Homero Pires, que teve a gentileza de enviar-me as respectivas copias, pelo que me confesso aqui assaz agradecido. Da existencia de tres dellas eu tinha conhecimento, por estarem mencionadas na noticia bio-bibliographica do poeta feita por Sacramento Blake, mas não havia conseguido encontrar os numeros do periodico em que foram publicadas, hoje muito raros.

G. M.

O Cravo do Noivado

I

Lindo cravo que poisaste
No collo de noiva bella.
E passaste
De suas mãos delicadas
A's mãos puras e nevadas
De donzella;

II

De amor, de ventura emblema,
E's d'Hymenêo flor querida!
Lei suprema,
Que o fado rege das flores,
E te poz de viço e côres
Já despida,

III

Porqu'inda fresca e viçosa,
Recendendo inda perfume,
Esp'rançosa,
Não te deixou hoje vir
De minhas magoas sorrir
Ao negrume?!

IV

Porque já murcha e sem cheiro
Triste como a flor de morte
Lisongeiro
Porvir — nem sequer me deixas
Vislumbrar por entre as queixas
Da má sorte?!

V

De tanta esp'rança em botão
Porque uma só não trouxeste
Ao coração
Do vate que já delira;
E sons alegres á lyra
Lhe não déste?!

VI

Oh! como dentro em meu seio
Esse botão precioso
Terno enleio,
D'esperança a flor seria,
Que me espancára a agonia,
Milagroso!

VII

Mal haja meu negro fado,
Pois té sinistra é-me flor
Do noivado!...
Emquanto a alguem mais feliz
Desejadas — só prediz
Ditas de amor...

VIII

Negro fado de poeta
Que traz no peito embebida
Mortal setta!!...
Se a outros cabem venturas,
Partilha o vate amarguras
Nesta vida.

(O *Atheneo*, revista. Bahia, 1850, t. I, p. 14).

CANÇONETA

Os formosos limões alli cheirando
Estão virgineas tetas imitando.

(Camões, Luziadas)

Por mãos de Jove
No céo moldado
Teu lindo seio —
Pomo vedado, —

De massa etherea
Todo é composto.
Seu throno as graças
Alí teem posto.

Cupido a sesta
Nelle adormece...
No brando ninho
Venus esquece.

Em cada globo
Niveo, tremente,
Terno Amorinho
Pula contente.

Oh! quão garboso,
Gentil torneio
Deu, bella Nise,
Jove a teu seio!

Mais se esmerando
Na perfeição,
Poz-lhe em remate
Roseo botão.

Eis fascinado
Corro a beija-lo...
Sinto em meu peito
Estranho abalo!

Olho, contemplo
Rasgos de um Nume...
Do pae dos Deuses
Temo o ciume.

Tirar-lhe a copia
Tenta natura...
Pára, enlevada
N'obra tão pura!

Já della tanto
Se enamorou
Venus — que o cinto
Lá encerrou.

Teus attractivos
Desde esse dia
Exercem nova
Fatal magia.

Quem vê teu rosto
Arde em paixão;
Teu seio vendo
Perde a razão.

Em mim, seu lume
Deploro extincto...
Oh! porque Venus
Quiz dar-te o cinto!!

(Idem, idem, p. 155).

POESIA

Tudo perece,
Murcha a belleza,
Foge a riqueza,
Esfria amor:

Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Desfaz o horror.

Borges de Barros.—Novas Poesias).

Da lyra, que deu-me o Deus da harmonia,
Poeta, — só vibro na corda mais santa:
Coração sem fervor, alma sem poesia —
Minha lyra é do Céo, é altiva — não canta.

Não canta beldades soberbas, vaidosas,
De peito mesquinho, de fronte altaneira;
Que, d'ephemeros dons sómente orgulhosas,
Sómente perfidias teem n'alma grosseira: —

Embora, em contraste dos peitos mesquinhos,
Tenham corpo gentil, semblante formoso: —
Embora dardejem dos olhos damninhos
As settas que atira o Deus amoroso.

Que vale, que as sedas ruidosas rojando
Por terra, — se ufanem de galas radiantes?
Que vale, que as frontes, o collo arraiando,
As vistas deslumbrem, — de perla e brilhantes?

Se taes lentejoulas — por mais qu'ellas valham,
Virtudes não dão, e nem dão sentimentos?
Se ornatos externos, que o corpo amimalham,
Nem são qualidades, nem d'alma ornamentos?

Minha lyra é do Céo; — já nella não canto
Esses vasos de barro — tão cheios de si!
Não; — arroubo não foi da mente o quebranto,
Se algum dia illudido, na lyra os ergui.

Assumptos mais nobres na voz me resoam;
Meus hymnos consagro á sincera Amisade:
A par de mel Deus, os meus versos pregoam
Essa filha de um Deus — immortal Liberdade!

Eu dou cultos tambem, nos sons do alaúde,
A's bellas que n'alma possuem singeleza;
Que, em vez dos adornos, teem pura virtude;
Que, pobres de bens, de dons teem riqueza.

São essas as Ninfas que o vate aprecia;
São ellas as Deusas que adora na terra;
Não tem formosura — nenhuma valia —
A Ninfa que n'alma só vicios encerra.

(Idem, idem, p. 190).

MOTE DE UMA SENHORA

A mulher com riso e flores
Disfarça agudo punhal.

GLOSA

A mil e mais amadores,
Que astuta illude e fascina,
A sangue fric assassina
A mulher com riso e flores:
A mulher!... typo de horrores,
Mãe da culpa original;
Em tudo á serpente igual,
Que do inferno ao mundo veio,
Entre os affagos — no seio,
Disfarça agudo punhal.

Demonio... que só furores
Encerra no peito dobre,
Perfidias, subtil, encobre
A mulher com riso e flores:
Eterna origem de dores,
E' causa de todo mal...
Se mais bella, mais fatal,
Porque vil, sem consciencia,
Sob uma branda apparencia
Disfarça agudo punhal.

Por um bem, mil dissabores
Nos propina em ferrea taça;
E faz a nossa desgraça
A mulher com riso e flores:
Seus carinhos, seus favores
Veneno escondem mortal;

Com seu rosto angelical
Mascarando o coração,
Da maldade e da traição
Disfarça agudo punhal.

Com falsos exteriores —
Primeiro — encanta, arrebata,
Mas depois!... impia nos mata
A mulher com riso e flores:
Nos laços, que arma, traidores,
Só é de Satan rival;
De enganos mestra normal,
A mulher no ar mais terno
Simula as furias do inferno,
Disfarça agudo punhal.

(*Recreio do Bello Sexo.* — Jornal Literario e Poetico. — Anno I, n. 10, 11 de Dezembro de 1852. Bahia).

ALFREDO BRITTO

DISCURSO

Pronunciado na sessão commemorativa do 20° anniversario da sua morte, celebrada pela Sociedade Academica Alfredo Britto

Exmas. Senhoras. Meus Senhores
Meus bons amigos da Sociedade Academica Alfredo Britto.

Bem andastes, amigos meus, em adoptando para vosso patrono o nome excelso e a muito augusta memoria de Alfredo Britto, o grande, o maior, o mais alto dos benemeritos desta casa. Nem nm melhor vos poderia caber nem outro vos ficaria mais proveitoso ou de mais requintada honra como padroeiro.

Quando vos reunistes em gremio e pensastes na escolha de quem vos deveria trazer ininterruptamente sob as azas da sua inspiração suprema, para guiar-vos, pelo exemplo da vida e pela vida do exemplo,— erguestes as vistas, á grimpa mais alcandorada dos alcantis, fostes mais além, fitando os mais rutilantes astros que a coroavam de luminosa aureola de lampadarios eternos, para de lá arrancardes, num gesto de adoravel audacia, o mais brilhante o mais limpido, o mais esplendente, o mais fulgido, e o collocastes á mira dos vossos olhos, qual pegureiro fiel e qual portentoso pastor. Summa estrella do vosso oriente, para exacto apascento de vossos espiritos e rematado escopo a todas as vossas mais largas aspirações; tal como aquella outra mysteriosa estrella de que nos fala o livro mystico, num embalo de sonho, a lucilar no horizonte immediato dos Reis estupefactos,

para o mister de conduzil-os até a mangedoira rustica, em que a lenda evangelica poz, num edificante exemplo e em maravilhosa lição de summa grandeza humilde e de extrema humildade grande, o berço do seu Deus.

Se ensinou o Comte, num rasgo de genial visão, que — *Os mortos governam os vivos* —, pelas profundas razões philosophicas por elle explanadas e defendidas, jamais essa verdade haverá sido tão cabalmente verdadeira quanto no que se refere a certos mortos que, por inexplicavel milagre, se diria continuam vivos, ainda mesmo depois de mortos, como se contra elles não valessem as forças destruidôras e diluidôras da propria morte.

Mortos, que morreram para a vida material, é bem verdade, mas que subsistem vivos na vida espiritual das gerações que se succedem, já sem me occupar do prolongamento vital nos escrinios do coração. Mortos, que continuam a falar pelos ensinamentos da sua vida, que se condensam e transformam nos exemplos da sua memoria. Mortos que pastoreiam almas, ainda melhor que os vivos. Mortos que apascentam espiritos e que modelam gerações. Mortos que continuam a crear, na sombra mysteriosa em que se caldeiam os melhores productos de laboratorio da humanidade, com maior segurança e mais refinado exito que a maioria dos vivos. Mortos que, por todas essas mesmas qualidades, se appellidam de *immortaes!*

Verdadeira sobrevivencia daquelles que, ainda morrendo, não conseguem apagar os vestigios do que agiram ou disseram de actos ou palavras, durante o tempo em que viveram. Por isso mesmo não morrem!

Lembrai-vos do Hamleto: — o corpo é simplesmente a casca, o manto, o cendal, se quizerdes, que recobre a lampada do espirito. Ao morrer, o homem, cuja lampada viveu em deslumbramentos constantes, a casca desfaz-se, o manto esfarripa-se e cahe aos pedaços, o cendal rasga-se e apodrece, mas o lume do espirito não se esvaece nem apaga, ficando ahi, numa teimosia de viver, a alumiar sem descanso, a esclarecer sem repoiso, a inspirar sem vacillações. Se era luz, luz continúa a ser. E a humanidade se não fatiga de ler o livro da vida aos reflexos de tal luz!

Muito bem o disse o esclarecido espirito de François Mauriac, um dos mais refulgentes nome da França litteraria contemporanea, dessa França eterna e inabalavel, *terra molle e lieta e dilettosa*, como a chamou o Tasso, onde o entrechoque medonho das mil paixões desenfreiadas, das terriveis ambições que nenhum açaimo contem e que todas as possibilidades desvairam, que as ultimas tormentas sociaes despejaram sobre as cabeças e innocularam dentro dos corações dos homens desprecatados, não logrou, ainda assim, extinguir a chamma azulinea do sentimento e da poesia, deixando-a, assim como sempre fôra, a patria predilecta do espirito, da grandeza de animo, do enthusiasmo, da fé que não ha obstaculo que abale, da visão heroica das coisas, ao mesmo tempo que patria da finura gaulêsa, dos refinamentos do sentir e do dizer, da graça que empolga, do encanto que seduz e da magia que subjuga e domina! Terra bemdicta, terra sagrada, terra de privilegios extremos, contra a qual não prevalecem as assacadilhas ferozes de tantos inimigos. Terra que reune em si, por dadiva especial da natureza, o senso pratico mais perfeito, as subtileza do sentimento e da poesia, o *donquixotismo* e o *pannache*!

Bem o disse, repito, um dos mais legitimos representantes da actual intelligencia francesa, François Mauriac: — "Acreditamos que um ser desappareceu de nossa vida? sellamos sobre sua memoria pedra sem epitaphio; entregamol-o ao esquecimento; volvemos, coração livre, á existencia anterior á sua vinda: — tudo como se não houvesse existido. Entretanto, de nós não depende apagar-lhes a minima pegada. As influencia do homem sobre o homem são eternas; e nenhum destino atravessou jámais impunemente o nosso destino".

Profunda verdade essa que aqui mais uma vez se verifica. Por mais que se afaste dos nossos tempos aquelle dia nefasto em que se apagou a chamma apparente da vida de Alfredo Britto; por mais que esteja longe de nós, postos entre os dois marcos nada menos de vinte annos; nem por isso deixa de permanecer entre nós, vivo na lembraça que nos legou, vivo na rememoração inapagavel do que foi, ainda vivo no sulco luminosissimo que deixou e que ahi está, profuso e irrefragavel, no que ficou do seu infa-

tigavel labor, para testemunho perenne do que valeu, perante as gerações que vêm perpassando por esta casa e por esta terra.

E' que Alfredo Britto, durante a sua existencia logrou todas as glorias e a gloria toda que póde alcançar um homem em nosso meio.

Gloria tão excelsa, que os seus reflexos ainda nos offuscam até hoje, mau grado o esquecimento habitual que o tempo determina e a possivel má vontade maleante com que, porventura, a pretendessem aguarentar ou demolir. Porque, não o esqueçamos, a gloria é como a cruz: — pode santificar, mas pésa gravosamente aos hombros que a carregam, verdadeira não fosse a phrase de Anatole: — "LA GLOIRE NE SE PAYE JAMAIS TROP CHER".

Não trago para esta tribuna, meus senhores, o intento de traçar a biographia de Alfredo Britto. Não a tracejarei. Nem a bosquejarei, sequer.

Já foi feita e refeita. Não a repetirei.

Que nos importa, já agora, a nós outros que o apreciamos na verdade substantiva do que foi e do que continúa a ser, que houvesse nascido a 21 de Agosto de 1866 e morrido a 13 de Maio de 1909, se para nós a sua vida está consubstanciada na sua obra e na sua memoria, que, estas, nem morreram nem poderão morrer?

Quizera, entretanto, dizer-vos uma só palavra de sua morte, para que della possaes aferir o que foi a crystallinidade transparente de sua vida.

Só a nitidez diamantina de uma consciencia limpa enseja mortes como a sua.

Permitti, pois, que inverta a ordem natural em tal discurso, onde se devera cuidar primeiramente das coisas da vida, evocando perante vós a maravilhosa condição da sua morte, o que me vale desmedidamente aos propositos e aos impetos do coração. Porque me não bastará o sahirdes daqui na ampla convicção das qualidades do sabio, senão ainda, e mais, muito certos da bondade absoluta do homem. Ser sabio é fortuna, mas que qualquer consegue, tanto queira a golpes de inflexivel vontade; ser bom é joia que nem a todos cabe e que não muitos logram. Valem as

riquezas da intelligencia; ainda mais devem pesar as pompas do coração

Alfredo Britto morreu como um justo que sempre fôra e na quietude de animo que confere essa mesma justeza.

Na longa e cruciante agonia em que se findou a sua vida e em que lhe transcorreram os ultimos dias, bem vira ante si o inflexivel aresto da morte. Sabia, e de sciencia propria e segura, que não escaparia á sentença irrevogavel: — condemnado tão precocemente, aos quarenta e poucos annos de idade, claro que lamentava não conseguir ainda alentos para a vida, no afan exclusivo de concluir a sagrada tarefa junto aos filhos e, coisa extranha e formidavelmente significativa, no empenho de ainda trabalhar pela terra do seu berço. Dissera-me um dia, quando já abeirado ao tumulo:—*"Que pena, meu amigo:—ainda poderiamos fazer tanto por esta pobre terra!"* Dahi, porém, não passavam as suas lamentações. Olhava para os seus quatro enlevos, ansiosos ao lado do seu martyrio, e as lagrimas lhe saltavam incoerciveis dos olhos. Mas fitava a morte e de logo as palpebras se lhe enxugavam, para encaral-a sobranceiro e destemeroso.

Dir-se-ia, naquella tremenda lucta entre a morte que o queria colher, como se arranca uma gemma á ganga informe em que jaz, e a serenidade altiva com que elle a reconhecia e aguardava, que mais temia a morte apagar com o enregelado sôpro o lume daquelle espirito, do que este se atemorizava deante do espectro horrendo, que a quase todos esterrece e fulmina.

Nunca vociferou contra o destino injusto, que o condemnava tão cedo. Soffreu em silencio o travo daquella amargura. Não blasphemou nem lançou uma só vez aos ceus aquellas ferozes lamentações, que tornaram singularmente notavel o santo varão da Biblia, que teve por nome Job! Dos seus labios não sahiram imprecações. Antes brotaram a flux palavras de perdão e de bondade. Perdoou a todos e por todos orou. Ainda face a face com a morte, occultou o espinho que o pungia e não clamou contra ella!

Volvei olhos, piedosos ou não, para a collina do Golgotha, onde a formosa lenda evangelica localizou a tortura maxima, o supplicio e a morte daquelle que veiu a ser mais tarde o proprio symbolo humano da potestade divina. Jesus, pés e mãos transfi-

xados na cruz, com o suor da agonia a lhe porejar da face, de mistura com as gottas de sangue que perolavam, uma a uma, das feridas que lhe deixara sobre a fronte pallida a ironia perversa da sua coróa de rei, Jesus, desfeita a physionomia, enlanguecidos os olhos, extenuadas as forças, deante da morte que o envolvia, manso e manso, nas dobras do seu sudario, antes de clamar a palavra definitiva e derradeira do *Consummatum est*, bradou para os ceus o queixume supremo contra seu Pae: — *"Eloi, Eloi, lamma sabachtani!"* — *"Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste!* Brado de infinita angustia, em que se resumia todo o martyrio daquelle desanimo! Pois Alfredo Britto, ante a perspectiva segura da morte, na cruz do soffrimento atroz em que se debatera, nem sequer teve o lamento do *lamma sabachtani*, contentando-se com a serenidade augusta, estaria a dizer divina, do *Consummatum est!*

Annunciara-o desde a manhã de 13 de Maio, avisando a quantos o rodeavam, na solicitude magoada do amôr familiar ou nos transes escruciantes da amizade soffredôra, que seria *naquelle dia, ás approximações das* 13 *horas, o momento da sua libertação, porquanto* 13 *de Maio era como é, o dia da liberdade!*

Aproveitou, tranquillo, animo seguro e intelligencia lucidissima, os derradeiros instantes para as determinações maiores. Distribuiu conselhos. Confiou tarefas. Murmurou caricias, cobrindo com as suas bençams as curvadas cabeças dos quatro filhos. Sem uma revolta sem uma queixa, sem um protesto, sem uma palavra azeda, sem uma accusação, sem um lamento.

Perdoou a todos e pediu a todos que perdoassem por elle. Em seguida, perto das 13 horas, espalhou em torno de si a tranquillidade apenas entristecida dos seus olhos, juntou as mãos e poz-se a murmurar docemente: — *"Pae nosso que estaes no ceu, santificado seja o vosso nome, seja feita a vossa vontade..."*

E morreu...

Dizei-me vós que me ouvis, nesse fiel relato do occorrido, se alguma consciencia impura, tisnada de qualquer macula, eivada de qualquer remorso, vencida por qualquer culpa, permittirá jámais morrer por este modo, na serenidade de um justo, na tranquillidade de um bom!

Julgae e decretae. Bastar-me-á vosso julgamento. E juro-vos, em plena pureza d'alma, que poderia dar por findo o meu discurso, dictas as palavras que acabaes de ouvir, porque o meu verdadeiro empenho nesta tribuna seria, como vos disse, mais deixar-vos, aos que o não conheceram de perto, a certeza da sua adamantina bondade, que a mesma convicção, fortalecida e formal, da sua sabedoria.

Mas é que foi igualmente sabio. Um será sabedor de altos segredos da sciencia. Outro esmiuçará melhor os arcanos da sensibilidade.

Elle não se contentou nem com a condição dos primeiros nem com a dos segundos. Foi radicalmente bom. E foi, ao mesmo tempo, visceralmente sabio.

Depois de Ruy Barbosa, o talento de Alfredo Britto foi o mais completo, o mais perfeito, que me foi permittido conhecer de perto.

Clinico, á cabeceira de doentes, representava o maximo do atilamento para descobrir os segredos do diagnostico e para estabelecer as regras da Therapeutica. Cercado de immenso cabedal scientifico, haurido durante, por assim dizer, a continuidade da sua existencia consciente, nunca se perdia no labyrintho de taes e tantos conhecimentos, vendo sempre claro entre elles, separando com pulso firme e seguro o que era joio do que era trigo, jamais confundindo as verdades eternas com as especulações do momento, e tendo no indefesso amôr á simplicidade do julgamento sua melhor defesa contra a tentação das novidades ôcas!

Onde, porém excellia sobre todos, pairando numa soledade alta que a tantos mettia inveja e a muitos descoroçoava, era na cadeira de professor, onde era mestre dos mestres, maior entre os mais insignes.

As suas qualidades de professor, onde se não chegava a saber nunca o que mais se devera admirar,— se a proficiencia magnifica dos conceitos, se a belleza da forma em que eram emittidos, se o castiço da phrase, se a propriedade dos termos, se a

altisonante eloquencia com que jorravam, na limpeza de inexgotavel fonte de agua crystalina, dos privilegiados labios, — essas qualidades magistraes tornaram-no verdadeiramente singular na historia dos ultimos tempos dos mestres desta casa.

Se quizerdes julgar de quanto é justo e verdadeiro o meu dizer, attentae no facto que me permittirei narrar-vos.

Uma feita, antes da aula theorica a ser dada naquelle dia, Alfredo Britto, estirando languidamente os braços, num gesto que estou a ver reproduzido na minha retentiva, disse preguiçosamente aos auxiliares de então, que eram, se me não trahe a memoria, Fróes, Vieira Lima, Adaucto C. Chastinet e eu — *"Que horror, meus caros! Ter que dar aula sobre vermes intestinaes! Que maior esterilidade poderá haver no mundo! Que seccura de assumpto e que martyrio para o professor!* E lá se foi o grande mestre a explanar perante o numeroso auditorio, que sempre lhe acompanhava as lições, o esterilissimo assumpto. Dentro de alguns momentos não obstante a seccura real do thema discreteado, a eloquencia natural de Alfredo Britto, vencia todos os obices que os vermes se aforcuravam por oppor-lhe, e dos labios lhe diffluia magnifica e admiravel a aula sobre os parasitos!

Haveis de concordar que é preciso possuirem-se dotes sobre-excellentes de professor, para conseguir dar attractivos a prelecção sobre tão secca materia.

O talento de Alfredo Britto não conhecia difficuldades nem admittia impossiveis.

Outra vez, após prolongada serie de exames meticulosos, quaes costumava fazer em todos os pacientes da sua enfermaria, chegara á convicção de que fôra errado o primeiro conceito por elle proprio estabelecido para o doente em debate. Outro, menos sabio e menos mestre, verificado o engano, ou teimaria no erro, a golpes de dialectica, para confirmar o inexistente, ou, quando menos, evitaria insistir no caso, preferindo deixal-o immerso nas sombras de voluntario olvido. Alfredo Britto, mal reconhecido o erro, acercou-se immediatamente do doente, e, ante a multidão dos discipulos embevecidos, começou por confessar altamente o deslise commettido, cuidando logo a seguir de lhe justificar a possibilidade, dizendo porque errara, de onde lhe viera a illusão, como se podia explicar cabalmente o erro.

Basta que vos assegure ter elle feito nesse dia uma das mais bellas lições de que ha memoria nos fastos desta casa.

Era, realmente, o professor ideal, sem jaça, incomparavel.

Tambem, com dotes de tão subido quilate, não poderia escapar ás mordeduras da inveja, companheira inseparavel do merito, parallela á gloria.

Não terá sido de espirito leve que vos assegurei ser a gloria semelhante á cruz, que ennaltece, por sem duvida, mas contundindo sempre.

Virá aqui muito á justa o conceito do meu velho amigo Vieira, quando em um dos seus famosos sermões clamou: — "No juizo de Deus até um ladrão se salva; no juizo dos homens até S. João Baptista se condemna". E ainda: "Não ha maior delicto no mundo que o ser melhor!"

"Ao menos eu, a quem amára das telhas abaixo, antes lhe desejara hum grande delicto, que hum grande merecimento. Hum grande delicto muitas vezes achou piedade; hum grande merecimento nunca lhe faltou a inveja".

Nunca lhe faltou a inveja, disse o Vieira e disse com sobeja *razão.* Basta o ser bom, meus senhores, para que ella ahi esteja a babujar e a rabear aos silvos. Que não deverá acontecer quando se é *melhor!* E, pois, como haveria de por força erguer o negro collo, em arrepios ferozes, contra Alfredo Britto, quando era elle *melhor entre os melhores!*

A inveja é igual á calumnia. Nasce do nada; e, mal se presente, já anda com a cabeça nas nuvens. Possue lentes de augmento e maneja vidros que apoucam: — aquellas para melhor visão dos defeitos; estes para o minguar das virtudes. Os erros tornam-se telescopicos.

Os acertos, microscopicos. Só enxerga o que lhe acerta nos propositos, para os fins da diffamação e do desconceito. O mais desapparece do campo visual, que lhe não convem lobrigar o que possa accrescer merecimentos. Como a calumnia, vive de rastros, a espeitar o momento propicio ao bote traiçoeiro. Chegado esse almejado instante, jámais lhe sahe errado o pulo, pois o me-

ditou e preparou muito longamente na sombra e no silencio da sua maldade precavida. Ainda como a calumnia, vive de murmurios, de palavras distilladas aos ouvidos, as quaes escorriam pela concha das orelhas tal como a sanie que se despeja dos labios entreabertos da ferida cancerosa. A sua riqueza vocabular consiste principalmente nos — *dizem, consta, affirmam por ahi,* raro tendo a coragem de assumir a responsabilidade do quanto assaca. Chega a balbuciar lastimas, toda transida de pena, para melhor conseguir assegurar aleives. Lacrimeja aqui; chora largos prantos mais longe; chega ás convulsões do soluço adeante: — emquanto no fundo dalma resôam, silenciosamente para o exterior, os mais destemperados rinchavellos. Os labios, todos doçura, apregôam as blandicias dos — *coitado, pobresinho, infeliz,* — ao passo que o coração palpita de contentamento se, porventura, algo de mal aconteceu ao alvo da mesma inveja.

Nada lhe escapa. Tudo lhe serve aos fins. Denigre. Assassina. Amortalha. Enterra. Sempre ou quase sempre a sussurrar condolencias. E quanto maior o vulto, tanto melhor a preza. Avaliae se Alfredo Britto deverá ter sido em vida um predilecto para os manejos da inveja. Elle tanto a sentiu e tanto della soffreu, em quase todos os actos e momentos da sua agitada existencia. Rara a sua benemerencia, das melhores, das mais puras, das mais bellas, que não tivesse sobre si o bafo da inveja. Era sabio: — contador de caraminholas. Era philosopho; — mystificador de almas. Tinha eloquencia e sabia dizer as coisas; — professor de simples discursos, a entupir a attenção dos alumnos com chinezerias litterarias e blandicias de poeta.

Porque a inveja, senhores, é assim e chega a ter semelhante topete — é das mais desenganadas virtudes da sua presa que esvurma o melhor producto para os seus enredos!

Britto conheceu todas as armadilhas dessa furia.

Deixemol-a, porem, em paz. Já nem vale rememorada. O tempo incumbiu-se de mostrar-lhe a inanidade. Bem dizia o Comte que: — *"Os homens agitam-se e a humanidade os conduz"*.

Deixemos, pois, isso de parte. Já deixou de existir.

A verdade é que de Britto bem poderiam dizer os melhores em nosso meio o que de Victor Hugo escreveu Theophilo Gautier: — *"Talvez facamos versos melhor do que elle; mas não fazemos os seus versos"*.

Na sua cadeira de professor, onde, melhor que em qualquer outra tribuna, conquistou o titulo que tantos lhe concederam de *nosso canario da Allemanha,* tanto cantava bem, bello e claro, as notas das suas aulas, Alfredo Britto bem poderia repetir o verso que o Rostand pôz na bocca do symbolico Chantecler: —

"C'est que je chante clair afin qu'il fasse clair!"

E era isso mesmo, Britto explicava, ensinava, preleccionava, discutia; — ao seu verbo, nas intelligencias attentas dos seus ouvintes, abriam-se verdadeiros sulcos de luz. Tinha o segredo, que raro se encontra, da maxima eloquencia alliada á maxima clareza.

E quanto vos digo do professor que foi, podereis applicar, sem subtrahir uma virgula, ao que se revelou como esplendido orador e como escriptor magnifico. Ouvir-lhe a palavra altisonante era sempre um encanto.

Ler-lhe os conceituosos escriptos, um prazer.

Entretanto, senhores, o traço dominante da vida de Alfredo Britto foi a sua natureza privilegiada de creador.

Diz Nordau ser a creação a caracteristica do genio. Em tal sentido, haverá elle sido genial.

Infatigavel trabalhador, bem poderia reproduzir aquella phrase de Colbert, que, consultado um dia pelo proprio filho sobre as vantagens dessa ou daquella hora para o trabalho, respondeu lapidarmente: — "Perguntas se melhor vale trabalhar pela manhã ou á tarde; respondo que melhor será trabalhar pela manhã e á tarde".

Assim pensava e assim agia Britto. De modo que, nessa escola de trabalho sem repoiso e de labuta sem medida, se muito cedo esgottou as forças e combaliu a saúde, de outro lado poude

legar, qual documento da sua prestancia, toda a grandeza portentosa da sua obra de gigante.

Melhor do que ninguem em nossa terra, applicou victoriosamente o preceito de Voltaire, quando ensinou que — *"O fim do homem é a acção"*.

Desprezando desapiedadamente todas as tentações dos castellos no ar, das phatasias mirabolantes, das imaginações kaleidoscopicas, concentrou suas energias integraes na efficiencia immediata do esforço e da acção, conseguindo presentear-nos com esse immenso acervo de realizações positivas, que lhe constituem os melhores raios da refulgente aureola de benemerito.

Nem vos poderei desfiar o rosario inteiro das suas creações. Por mais que attentasse na fidelidade do archivo da memoria e na exactidão do exposto, sempre me haveria de escapar aos cuidados alguma das creações, certamente das melhores, pois que as suas melhores todas foram.

Creou a neurologia entre nós. Não terá sido o primeiro a cuidar de problemas neurologicos. Certo, porém, não se lhe poderá disputar a primasia na systematização, regular e bem concatenada, dos factos de neurologia. De mim vos direi, na crença de que me não havereis de recusar alguma familiaridade com esses problemas attingentes aos soffredores do systema nerveso, que com elle aprendi o a b c de tal sciencia e que delle foi que herdei o amor aos seus encantos.

Creou a radiologia entre nós. Já no seu gabinete hospitalar, já no seu consultorio de polyclinico, foi quem primeiro desvendou ao assombro da Bahia os mysterios dos raios X.

Creou a electrotherapia em nosso meio. Antes delle, ou se a não applicava, ou em geral se o fazia mal. A electricidade medica tornou-se uma sciencia entre as suas mãos e ao calor do seu ensinamento.

Creou toda a physicotherapia, sem esquecer a therapeutica pela agua, que antes delle mal tivera os caprichos de profissional bahiano, para logo depois desapparecer das nossas vistas. Elle a fez reviver victoriosamente e sob bases mais solidas.

Creou na Bahia o primeiro consorcio entre o laboratorio e a clinica ao seu ensino pertencendo o primeiro gabinete bem

montado de largas pesquizas documentarias quanto aos problemas do clinico.

Por isso mesmo, mais tarde, quando director desta Escola, foi um dos seus maiores cuidados a creação do Instituto das Clinicas, que veio a ter após a sua morte a justa denominação de Instituto Alfredo Britto.

Lá perdura annexo ao Hospital da Misericordia, a prestar ainda hoje os maiores serviços aos trabalhadores daquella casa.

Ao lado de Nina Rodrigues, creou o Instituto Medico-Legal, hoje *Instituto Nina Rodrigues*. Com Climerio de Oliveira creou a Maternidade.

Concorreu com Ramiro de Azevedo e Matheus dos Santos para a creação da prophylaxia contra a tuberculose.

E ainda collaborou muito efficazmente no problema da assistencia a alienados na Bahia.

Creou... Creou... Creou...

Mas, acima de tudo, senhores meus, creou o monumento da sua directoria nesta Escola e este outro monumento tambem, monumento de pedra e cal, monumento tangivel, monumento immortal na sua natureza intrinseca, e que é este palacio em que estamos, onde vós, mestres, ensinaes, vós, alumnos, aprendeis, vós, extranhos, admiraes, e onde a fortuna me concede neste momento ainda uma vez a gloria de vos falar.

Pouco direi da sua directoria. Trazido para ella num momento muito difficil da vida desta Faculdade, sem o empenho do seu pedido, sem o esforço do seu desejo, antes pelo empenho e pelo desejo, pela exigencia e pela intimação, de quantos se interessavam pela existencia deste estabelecimento de tradições tão bellas, aqui iniciou a nova éra, sem temores de erro o affirmo, da administração e do ensino.

Em todos os departamentos desta Faculdade imprimiu o sello da sua vigorosa influencia. De todos os lados espargiu a clareza de sua vista e por todas as partes derramou os beneficios de suas luzes.

Ao magico influxo da sua actividade productiva, tudo aqui refloriu e fructificou.

Ao lume da sua clarividencia, tudo desencantou e floresceu.

Aos golpes do seu talento, tudo se tornou claro, tudo se illuminou.

Até que uma noite ardeu o velho edificio.

Porque ardeu, não m'o perguntei, que vos não saberei contar. Basta lembrar que ardeu. E, com arder, dir-se-ia irrevogavel a sentença de morte da nossa Escola, de muito tempo assediada por incontinentes más vontades, por invejas desmedidas, por calumnias despejadas e, ainda, pela risonha displicencia daquelles para quem tudo é indifferente, derroquem-se vivazes tradições, extingam-se templos do saber humano, desmoronem-se repositorios do mais subido valor, tudo seja solinhado, destruido, descomposto, ou submergido, contanto hajam elles conforto para o seu ninanso e combustivel para a sua fome.

Foi quando se poude ver, na integral plenitude, a enfibratura herculea de Alfredo Britto.

Tal como novo heroe de Homero, derramou lagrimas ardentes sobre as cinzas fumegantes da Faculdade. Mas, exactamente como elle, não concedeu liberalidades ás justificadas explosões do sentimentalismo, para substituil-as de prompto pela energia tenaz da reacção contra o desanimo e contra o desalento.

Multiplicou-se em providencias salvadoras.

Poz em bom resguardo os derelictos das chammas. Disputou-lhes palmo a palmo a presa a que haviam applicado a furia devoradora. Limitou-lhes o terreno. Dos destroços arrancou avidamente quanto se podia salvaguardar. Venceu o desastre, subjugou-o, reduziu-lhe ao minimo as assustadoras proporções. E, dentro em pouco, sem pensar um segundo no proprio descanço nem nos necessarios confortos, cuidou immediatamente na reconstrucção do edificio mais de a meio destruido, convocando esforços, disciplinando energias, arregimentando forças, movimentando influencias, de modo a se tornar, com brevidade, facto o sonhado rejuvenescimento da nossa periclitante instituição.

Foi quando, tendo encontrado braço forte no patriotismo de José Joaquim Seabra e fortaleza de espirito em Rodrigues Alves, conseguiu reerguer das cinzas o edificio derruido, transmudando-o, do velho casarão que era, neste esplendido palacio em que hoje nos congregamos, onde a formosura das linhas se allia á solidez da estructura e á sobremaravilha das disposições interiores.

Foi como no mysterioso tempo dos contos de fadas, em que Cendrillon era magicamente transformada em rutilante princesa, e que da ponta miraculosa da varinha enfeitiçada surdiam prodigiosamente castellos de ideal formosura, encantos sobrehumanos, palacios phantasticos, todos em rendilhados lindissimos de cantaria e marmore!

E muita razão lhe sobrava quando, ao visitar, tempos mais longe, o edificio resuscitado, por entre frenéticos applausos da mocidade enthusiastica e justiçeira, chamou-a, num impeto de natural orgulho — *A minha Faculdade.*

Aqui, dentro destas acolhedoras paredes, cujos echos ainda conseguem reproduzir as vibrações daquelle tempo, onde tanto trabalhou e tanto venceu, tanto luctou e tanto conseguiu, neste recinto augusto, que disse muito seu e que muito delle continúa a ser, porque nasceu do esforço e da tenacidade invencivel do seu querer: — aqui, meus senhores, está compendiada a obra maxima de sua vida. Aqui se encontra todo elle, porque, a despeito da capacidade diluidora do tempo, mau grado os esforços e as contingencias do esquecimento, se os homens, porventura, deixassem de lhe repetir o nome, cada pedra sahiria da immobilidade granitica a que a condemnou a propria natureza, perderia a rude indifferença da sua mesma substancia, para, alevantando a voz, bradar hosannas e conclamar benemerencias áquelle que as congregou, ao seu legitimo creador!

Bem disse, meus senhores, o velho apophtegma, veridico e lapidar — *"Transit homo, manet domus". "Passa o homem, a casa fica".*

O homem passa, por ser de sua essencia passar. Passa, porque é mortal, porque tem limitados os dias do seu viver. Passa, porque é pó e em pó se tem de tornar. Passa, por ser contado o seu tempo e fragil a materia de que é composto; porque é machina cuja entrozagem se gasta e cujas molas enferrujam; porque o corpo é nada e o espirito é que vale; porque desde que

nasceu trouxe o destino de passar, para que novos homens e novas gerações germinem, despertem, floresçam, fructifiquem e acabem igualmente passando. Passa, porque a natureza lhe recusou a eternidade, contando-lhe minguadamente as forças da resistencia; porque é de lama e a lama não subsiste; porque mal excede os limites de simples apparencia e as miragens nunca podem ser senão rapidas e passageiras.

A casa, porém, fica. Porque a casa traduz o conjuncto de todas a energias da vida, e, assim, é de granito e nunca pode morrer.

A CASA, na accepção larga que se deve dar ao conceito referido, quer dizer o que se fez de melhor, o que se alcançou, as victorias obtidas, os louros conquistados, a gloria adquirida, o resumo de todo o producto da capacidade e da diligencia.

Para Alfredo Britto representa, alem do mais, alem do muito que deixou para admiração e enlevo de coetaneos e posteros, as muralhas desta verdadeira, CASA, onde empregou o melhor da sua alma, o melhor requinte do seu espirito e as mais desenganadas forças da sua vontade.

Aqui, melhor do que alhures, se poderá applicar integralmente o principio que apontei: — *"Passa o homem, a casa fica"*. Melhor do que nunca, repito, porque aqui o homem passou, pois que morreu, e a *casa ahi está*, viva e bem viva, e é verdadeiramente esta casa onde queda a mais pura essencia da sua memoria e do seu nome.

Nós mesmos, reunidos neste momento para lhe rememorarmos os feitos, estamos a provar, senhores meus, que, se Alfredo Britto morreu, se morreu na substancia da sua entidade physica, não desappareceu nem poderá jámais esvaicer-se da memoria dos homens e do testemunho dos factos.

Passou o homem; a CASA ficou. Ella ahi está, sempre grandiosa e adoravel, recinto de sabedoria, tabernaculo de sciencia, fonte perenne de ensinamentos e de educação, centro primacial entre nós da cultura e do saber, primaz do Brasil, cheia de tradições e glorias dos que passaram, de glorias redivivas dos que nella trabalham e aprendem.

Santa Faculdade de Medicina, onde soletrei as primeiras letras do meu aprendizado medico e onde alcancei transmittir a tantas gerações os minguados vintens que contituiam toda a fortuna esfarripada dos meus conhecimentos; santa Faculdade de Medicina, em que pontificaram tantos mestres insignes e onde luziu o espirito de Alfredo Britto: — pelas glorias immarcessiveis que foram as do vosso passado, que têm de ser as do vosso presente e que hão de continuar como as do vosso futuro, supplico-vos que, com o exemplo desses mesmos que vos illustraram o nome aurifulgente, com as lições que delles promanaram, com o brilho singular dos seus ensinamentos, guieis e deis inspirações beneficas a esses moços que se acolhem á sombra prodigiosa, plena de promessas e feraz, dos vossos tectos, e que entre os esplendores offuscantes da sua mocidade em flôr não esquecem as devidas homenagens aos que foram luzimento maior da vossa historia!

E vós, moços, ouvi-lhes, attentos, os conselhos da ponderação e da experiencia; tomae de bôa mente os exemplos de taes mestres por paradigmas dos vossos actos e lição para a vossa vida.

Sob tão subido patrocinio e sob inspirações de tão elevado quilate, prometto-vos, tudo haveis de conseguir nos anhelos mais ardentes das vossas ambições e nos sonhos mais alcandorados do vosso espirito!

Salve!

Bahia, 15 de Maio de 1929.

PINTO DE CARVALHO.

ESTATUTOS

— DA —

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

CAPITULO I

Da Organização da Academia

Art. 1.º A Academia de Letras da Bahia, com séde na Cidade do Salvador, capital do Estado, tem por fim, sob esta divisa — *Servir a Patria Honrando as Letras,* a cultura da lingua e da literatura nacional, ainda nas suas relações com a Sciencia e as Artes.

Art. 2.º A Academia compõe-se de 40 membros effectivos e perpetuos e admittirá, quando convenha, membros correspondentes, até o numero de 24, sendo 18 brazileiros e 6 extrangeiros. Dos effectivos 37 serão bahianos, 33 residentes no Estado e 4 com residencia em qualquer parte do paiz. Os 3 restantes, tambem residentes no Estado, serão brazileiros, que, tendo nascido fóra da Bahia, possam e devam ser considerados, pela sua formação e serviços prestados, como legitimos bahianos.

Paragrapho Unico — Será mantida até a primeira vaga de membro effectivo, como um caso unico, de excepção, a cadeira, a mais, que a assembléa de 7 de Março creou, depois de constituida a Academia, para ser occupada pelo seu fundador.

Art. 3.º Constituida com os presentes á reunião de 7 de Março de 1917, data do seu inicio e installação, e os que entre os convidados para a assembléa desse dia, manifestaram, até 16 do referido mez, o seu accôrdo, a Academia completará mediante

eleição, por escrutinio secreto, o numero de seus membros. Do mesmo modo serão preenchidas as vagas que, de futuro, fôrem occorrendo no quadro dos que a compõem.

Art. 4.º São os do Annexo n. 1 os patronos das diversas cadeiras e os convidados a occupal-as como seus titulares.

Art. 5.º Só pódem ser membros effectivos da Academia os bahianos que tenham, em qualquer dos generos de literatura, publicado trabalho ou obras de reconhecido merito e, fóra desses generos, escriptos ou livros de valor literario.

Paragrapho Unico. As mesmas condições, menos a de procedencia, serão exigidas para a escolha dos membros correspondentes.

CAPITULO II

Da Directoria

Art. 6.º A administração da Academia incumbe a uma Directoria, composta de um Presidente, um 1.º Vice-Presidente, um 2.º Vice-Presidente, um 1.º Secretario, um 2.º Secretario e um Thesoureiro.

§ 1.º A Directoria será eleita, como as commissões permanentes, de dois em dois annos, na ultima sessão ordinaria de Novembro, e seus membros poderão ser reeleitos.

§ 2.º A posse será realizada, no anno seguinte, em 7 de Março, data da fundação da Academia.

§ 3.º Nos casos de vaga, ausencia ou impedimento de alguns dos membros da Directoria, o Presidente proverá, na fórma destes Estatutos, á substituição, e, quando necessario, chamará para esse fim qualquer membro da associação.

Art. 7.º A' Directoria compete:

a) dirigir os trabalhos da Academia e administrar o seu patrimonio;

b) organizar o regimento da Secretaria, da Bibliotheca e do Archivo e nomear os empregados permanentes da Academia;

c) tomar conhecimento dos discursos que deverão ser pronunciados nas sessões solennes da Academia;

d) apresentar as propostas que julgar necessarias para melhor realização dos fins da instituição, indicar a reforma dos estatutos e propor a creação de empregos e respectivos vencimentos, bem como a concessão de premios ou auxilios em beneficio das letras;

e) organizar e propôr, nas ultimas sessões de cada anno, o programma dos trabalhos do anno seguinte, devendo a proposta ser precedida de uma exposição justificativa do presidente.

Paragrapho unico. As deliberações da Mesa serão tomadas por maioria absoluta de votos, prevalecendo no caso de empate o voto do Presidente.

Art. 8.º Ao presidente, que é o orgão official da Academia e a representa em juizo e, em geral, nas suas relações para com terceiros, compete:

a) presidir ás sessões e dirigil-as, fazendo nellas observar as normas destes estatutos;

b) rubricar as actas, despachar o expediente e designar as materias da ordem do dia;

c) rubricar os livros da Academia e assignar, com os demais membros da Mesa, os titulos dos academicos eleitos;

d) nomear as commissões especiaes, prover ás substituições interinas, bem como indicar quem deva representar a Academia nas solennidades em que ella tenha de comparecer;

f) designar e convocar sessões extraordinarias;

g) fazer a exposição justificativa do programma dos trabalhos da Academia;

Paragrapho unico. O presidente, além do voto de qualidade nos casos de empate, terá ainda voto nos escrutinios secretos.

Art. 9.º Aos 1.º e 2.º vice-Presidentes incumbe substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos, observada a respectiva hierarchia.

Art. 10. Os trabalhos da Secretaria ficam a cargo do 1.º e do 2.º Secretarios, cujas funcções são repartidas pela seguinte fórma:

§ 1º Ao 1.º Secretario incumbe:

a) preparar e assignar toda a correspondencia da Academia

b) relatar os pareceres ou quaesquer trabalhos que tenham de ser feitos pela Mesa ou de que ella seja encarregada;

c) apresentar na sessão annual de abertura o retrospecto literario do anno anterior e desenvolver o programma do novo anno academico, approvado nos termos da letra *e* do art. 7.º;

d) receber os relatorios e pareceres das commissões, fazel-os imprimir quando a Academia assim o delibere, facilitar ás commissões os meios ao alcance da Academia para o bom desempenho de sua tarefa; colligir os subsidios para a ordem do dia;

e) ter sob sua guarda a Bibliotheca;

§ 2.º Ao 2.º Secretario compete:

a) substituir o 1º Secretario em suas faltas ou impedimentos;

b) organizar e ler em sessão as actas, ler o expediente e dar-lhe destino depois de convenientemente despachado;

c) ter, em bôa ordem a escripturação dos livros da Academia;

d) apresentar na sessão annual de abertura a Memoria Historica relativa ao anno anterior, acompanhada dos respectivos documentos;

e) ter sob a sua guarda o Archivo;

f) organizar a inscripção dos Academicos com a indicação de suas respectivas residencias;

g) juntamente com o 1º Secretario, apurar as eleições;

Art. 11. Ao thesoureiro compete:

a) substituir o 2.º Secretario em suas faltas ou impedimentos;

b) ter sob sua guarda e administração, de accordo com os demais membros da Directoria, o patrimonio academico;

c) arrecadar a receita ordinaria e eventual e fazer as despesas ordinarias, conforme o orçamento approvado pela Academia, e as extraordinarias de accordo com a Directoria;

d) apresentar na primeira sessão ordinaria do mez de Março as contas e balanço da receita e despesa do anno anterior e a proposta do orçamento para o anno corrente.

§ 1.º Até dez dias depois as contas e o orçamento deverão estar discutidos e votados, realizando-se para isso as sessões extraordinarias que forem necessarias.

§ 2.º Nas faltas ou impedimentos occasionaes, o Thesoureiro, será substituido pelo 2.º secretario.

CAPITULO III

Das Commissões

Art. 12. Funccionarão as seguintes Commissões Permanentes:

1.º Commissão de bibliographia;

2.º Commissão de publicações;

3.º Commissão de redacção.

§ 1.º Cada commissão terá tres membros eleitos com a Directoria na sessão de 30 de Novembro, e podendo ser reeleito.

§ 2.º As commissões elegerão o seu presidente.

Art. 13. A Commissão de Bibliographia organizará, em Maio e Novembro, a lista das obras brasileiras, especialmente as bahianas, publicadas, durante o semestre anterior, no paiz ou no exterior com a especificação de todos os caracteristicos bibliographicos.

Estes trabalhos, depois de examinados pela Academia, serão publicados na sua Revista, e, emquanto esta não fôr creada, em opusculos.

Art. 14. A Commissão de Bibliographia promoverá por todos os meios ao seu alcance a remessa de obras e publicações para a Academia e as enviará ao 1.º secretario, logo que tenha tomado as necessarias annotações.

Art. 15. A' Commissão de Publicações incumbe coordenar, prefaciar e publicar os escriptos de autores bahianos já fallecidos, os quaes estejam esparsos ou ineditos, ou cujas edições tenham sido exgottadas.

Art, 16. A' Commissão de Redacção incumbe dirigir e publicar a *Revista* da Academia de Letras da Bahia.

Art. 17. Além destas commissões, o Presidente nomeará as que forem necessarias para os trabalhos ou serviços que a Academia emprehender ou de que fôr incumbida.

CAPITULO IV

Das eleições

Art. 18. Na sessão de encerramento, dos annos pares, proceder-se-á á eleição dos membros da Directoria e Commissões Permanentes, votando-se englobadamente em uma só lista para cada commissão e em outra para os diversos membros da Directoria.

§ 1.º As eleições serão feitas por escrutinio secreto e maioria absoluta de votos, devendo nellas tomar parte a maioria absoluta dos membros da Academia residentes na Bahia.

§ 2.º Se nenhum dos votados obtiver a maioria exigida, far-se-á segundo escrutinio entre os dois mais votados para cada cargo e se considerarão eleitos os que, então, obtiverem a maioria.

§ 3.º No caso de empate, em segundo escrutinio, prevalecerá a idade.

§ 4.º Não comparecendo, na primeira assembléa, numero sufficiente para a eleição, o Presidente convocará segunda, na qual se votará com qualquer numero.

Art. 19. Os membros effectivos serão eleitos, um a um, nas sessões para isso designadas pelo Presidente, por escrutinio secreto e maioria absoluta dos membros da Academia.

§ 1.º Os membros da Academia residentes fóra da Cidade do Salvador, ou temporariamente ausentes, enviarão os seus votos, sem assignatura, em envolucro fechado, dentro de sobrecarta dirigida ao Presidente.

§ 2.º Não havendo maioria absoluta de votos, far-se-ão mais tres escrutinios; se em nenhum delles houver maioria, a eleição será adiada para uma sessão ulterior, e successivamente para outra, até que algum candidato obtenha maioria absoluta de votos.

§ 3.º No caso do paragrapho anterior serão validos para os successivos escrutinios os votos enviados pelos membros ausentes.

Art. 20. Os membros correspondentes serão eleitos, um a um, mediante proposta assignada por dois membros effectivos, e observado o que dispõe o § 1.º do art. 18.

Art. 21. As eleições de membro correspondente podem ser feitas logo que chegue á Academia conhecimento da vaga, e as de membro effectivo pelo menos 30 dias depois.

Art. 22. Logo que seja eleito um novo membro effectivo, o Presidente designará dia para ser recebido o novo academico, nomeando o academico que terá de responder ao seu discurso de recepção.

Paragrapho unico. Toda sessão de recepção será solenne, ainda quando se realize em sessão ordinaria, devendo o novo academico occupar-se, no seu discurso, da obra do seu antecessor.

Art. 23. Ao novo membro correspondente será communicada a sua eleição por meio de officio, com a declaração dos nomes dos proponentes.

Art. 24. Só será considerado membro da Academia o candidato eleito depois que tomar posse em sessão, sendo permittido aos residentes fóra da séde tomar posse por declaração escripta, dirigida á Mesa. O praso para posse em qualquer dos casos não excederá de seis mezes, a contar da data em que fôr expedida a communicação. Passado esse prazo, será declarada vaga a cadeira.

Art. 25. Os membros da Academia usarão das insignias declaradas no Annexo n. 2.

CAPITULO V

Das sessões

Art. 26. A Academia funccionará desde 1.º de Março até 30 de Novembro de cada anno, realizando em um dos primeiros dias uteis de cada mez a sua sessão ordinaria, e se reunirá, extraordinariamente, sempre que fôr necessario.

§ 1.º O Presidente, logo que se verifique a presença de 7 academicos, abrirá a sessão, tomando assento na Mesa e tendo á direita e á esquerda o 1.º e 2.º secretarios.

§ 2.º Aberta a sessão, o 2.º secretario procederá á leitura da acta, que será tida por approvada, independente de votação, se nenhuma reclamação fôr feita sobre ella, e dará conta do expediente.

§ 3.º Findo o expediente, e não havendo communicação ou indicação por parte de nenhum dos Academicos, passar-se-á á ordem do dia.

§ 4.º Terminada a sessão, o Presidente a encerrará e dará a ordem do dia para a sessão seguinte.

Art. 27. Nas sessões ordinarias os membros da Academia falarão sentados e dirigir-se-ão ao Presidente, devendo apresentar escriptos todos os requerimentos, indicações ou propostas, salvo os de ordem ou expediente.

Paragrapho unico. As discussões serão encerradas por falta de oradores ou a requerimento approvado pela maioria dos Academicos presentes, não sendo admittida discussão sobre o vencido.

Art. 28. Para as votações da Academia será necessaria a presença, pelo menos, de quatorze academicos.

§ 1.º As eleições da Directoria e das Commissões Permanentes salvo o caso do § 4.º do art. 18, só se farão com a maioria dos membros effectivos residentes na Bahia. As dos membros correspondentes de accordo com o art. 20 destes Estatutos.

§ 2.º Para as eleições de membros effectivos, assim como para decisão sobre as materias de que trata o art. 40 destes Estatutos, é necessario o voto da maioria absoluta dos membros effectivos da Academia.

§ 3.º A presença na Cidade do Salvador de qualquer membro effectivo tira-lhe o direito de votar, desde que não compareça, pessoalmente, á sessão.

§ 4.º Sem fazer parte da ordem do dia, nenhuma materia será votada, salvo as questões de ordem ou expediente.

§ 5.º As votações serão, em geral, symbolicas, devendo ser nominaes, a requerimento de qualquer membro effectivo, se nisto convier á Academia.

§ 6.º No caso de empate serão decididas pelo Presidente as questões de ordem e expediente, procedendo-se, em relação ás demais, a nova votação, na sessão seguinte, e considerando-se regeitada a proposta no caso de novo empate.

Art. 29. No dia 30 de Novembro de cada anno haverá uma sessão de encerramento dos trabalhos, procedendo-se nesse dia,

nos annos pares, á eleição da Mesa e das Commissões Permanentes.

§ 1.º Haverá sessões extraordinarias, alem das que o Presidente convocar, sempre que a Academia resolver realizal-as para discussão ou votação de assumpto urgente, sendo solennes as que se destinarem á commemoração de algum acontecimento notavel.

§ 2.º Nas sessões solennes e de commemoração os Academicos trarão a insignia academica.

Art. 30. Serão secretas as sessões em que se tratar de assumpto de beneficio e protecção a homens de letras.

CAPITULO VI

Disposições geraes

Art 31. A cada uma das quarenta cadeiras da Academia será dado, em homenagem aos principaes escriptores bahianos, conforme o Annexo n. 1, o nome de um delles, e o primeiro titular de cada cadeira escreverá a respeito do mesmo uma memoria ou estudo sobre a sua vida e obras.

Esta memoria, sem responsabilidade da Academia nas opiniões emittidas e depois de levada ao seu conhecimento, será publicada em livro

Art. 32. Além de outros meios que a Academia possa adoptar, quando lhe seja possivel, para preenchimento de seus fins, propõe-se desde já:

a) a organizar uma bibliotheca de autores brasileiros, especialmente bahianos;

b) a organizar e publicar, sob o titulo — NOMES ILLUSTRES DA BAHIA, um diccionario bio-bibliographico de Estado;

c) a organisar um annuario bibliographico das publicações brasileiras que apparecerem no paiz ou no exterior;

d) a colligir dados biographicos e literarios, como subsidio para um diccionario bibliographico nacional;

e) a colligir e imprimir as producções de escriptores bahianos que estejam ineditas e auxiliar a impressão de obras de valor literario que não encontrem editor;

f) a conceder premios ás composições literarias que os merecerem.

Art. 33. O titulo de membro da Academia é perpetuo, e por isso não serão substituidos os membros que, depois de empossados, venham a resignar os seus logares.

Art. 34. Os membros da Academia deverão participar á Secretaria suas residencias, e, até dois mezes depois de empossados, entregar, em documento de sua letra e assignatura, uma declaração do dia, anno e logar do seu nascimento, dos cargos que tenha occupado, dos jornaes e revistas, em que haja collaborado e dos trabalhos e escriptos, ainda ineditos, e das obras que tenham publicado.

Art. 35. A Academia terá os funccionarios que forem precisos ao seu serviço, a que serão nomeados pela Directoria, percebendo os vencimentos que a Academia estabelecer.

Art. 36. As sessões serão annunciadas pela imprensa, havendo convite por escripto para todos os membros que residirem na Bahia, qualquer que seja o objecto da reunião.

Nos casos de eleição o aviso será obrigatorio para todos os membros effectivos, qualquer que seja a sua residencia.

Art. 37. Os membros da Academia não respondem, individualmente, pelas obrigações contrahidas em nome della, expressa ou implicitamente, pelos seus representantes.

Art. 38. A Academia promoverá a execução dos recursos necessarios ás suas despesas, acceitando tambem auxilios officiaes e particulares, bem como encargos que vizem o progresso das letras e da cultura nacional.

Art. 39. No caso de extincção da Academia, será transferido o que lhe pertencer á posse e propriedade de qualquer estabelecimento publico ou instituição congenere do Estado, que seus membros effectivos tenham designado, devendo ser preferido o Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Art. 40. Para reforma destes estatutos ou extincção da Academia será indispensavel o voto da maioria absoluta de seus membros effectivos, expresso, no mesmo anno, em duas sessões differentes, sendo de 60 dias, no minimo, o intervallo de uma para outra.

Bahia, 16 de Março de 1917.

A Directoria

Ernesto Carneiro Ribeiro
Gonçalo Moniz Sodré de Aragão
Antonio Pacifico Pereira
Arlindo Fragoso
Xavier Marques
Torquato Bahia.

ACTAS DE SESSÕES

RESUMOS

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Sessão ordinaria realizada a 7 de Março de 1927

Presidente · O academico Braz do Amaral.

1.º Secretario: O academico Carlos Ribeiro.

2.º Secretario · O academico Carlos Chiacchio.

Na Bibliotheca Publica do Estado, séde provisoria da Academia, ás 20 horas, presentes os academicos Braz do Amaral, Carlos Ribeiro, Carlos Chiacchio, Theodoro Sampaio, Octaviano Muniz, Borges de Barros, Edgard Sanches e Roberto Correia (8) abre-se a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

Lêram-se no expediente varios officios de sociedades congeneres, inclusive o em que a Academia de Letras do Paraná communicava a eleição dos seus dirigentes.

Votaram-se moções de pesar pelo fallecimento dos academicos bahianos José de Oliveira Campos e Conego José Cupertino de Lacerda.

O Sr. Presidente declarou vagas as cadeiras de numero um (1) e vinte seis (26) por estes dois saudosos confrades occupa-

das, além da de numero vinte e dois (22), que tivera por occupante a Ruy Barbosa, ainda não succedido.

Com a palavra, o Prof. Roberto Correia fez entrega de uma carta ao Sr. Presidente, em que o applaudido escriptor bahiano Dr. Alberto Moreira Rabello se candidatava á successão do academico José Cupertino de Lacerda.

Passando-se á ordem do dia, procedeu-se á eleição do substituto de Arlindo Fragoso, occupante que foi da cadeira de numero dezenove (19).

Verificada a legalidade, na fórma dos Estatutos, dé dez (10) votos enviados por academicos ausentes e recolhidas as oito cedulas dos academicos presentes á reunião, apurou-se a unanimidade de dezoito (18) suffragios em favor do Dr. Deraldo Dias de Moraes, que foi, de seguida, proclamado eleito.

Foram estes os votantes ausentes á sessão: Afranio Peixoto, Arthur de Salles, Antonio Moniz, Miguel Calmon, Bernardino de Souza, Eduardo Espinola, Manços Chastinet, Xavier Marques, Prado Valladares e Clementino Fraga.

O Sr Presidente antes de encerrar a reunião determinou que a mesa fizesse a necessaria communicação ao recem-eleito, o que se cumpriu por intermedio do seguinte officio:

"Exmo. Sr. Dr. Deraldo Dias de Moraes.

Temos a honra de communicar a V. S. que, por votação da maioria dos membros da Academia de Letras da Bahia, foi o seu nome proclamado, como o eleito, para a vaga verificada por morte do saudoso academico Arlindo Fragoso.

A Academia se desvanece da victoria de V. S., confiada em que virá prestar o concurso do seu brilhante espirito ao progresso da instituição, assim como deseja saber, quanto antes, o dia possivel para a sua investidura solenne.

Saudações.

Bahia, 7 de Março de 1927.

(Ass.) *Braz do Amaral, Carlos Ribeiro, Carlos Chiacchio*".

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Sessão publica e solenne realizada a 17 de Abril de 1928, para a posse do academico Deraldo Dias de Moraes.

Presidente: O academico Braz do Amaral.
1.º Secretario: O academico Carlos Ribeiro.
2.º Secretario interino: O academico João Garcez Fróes.

No Salão Nóbre da Faculdade de Medicina, presente numero regulamentar de associados, ás 20 e meia horas, o academico Braz do Amaral ladeado pelo academico Carlos Ribeiro, 1.º Secretario, abre a sessão convidando o academico João Garcez Fróes para occupar o logar do 2.º Secretario, academico Carlos Chiacchio, impedido.

O Sr. Presidente convidou o Prof. Dr. Francisco Prisco Paraiso, Secretario do Interior, a assumir a Presidencia da sessão como representante especial do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, e designou uma commissão composta dos academicos Carlos Ribeiro, João Garcez Fróes e Francisco Borges de Barros para conduzirem ao recinto o Dr. Deraldo Dias de Moraes, academico recipiendario.

Introduzido este no vasto salão, que se achava repleto de selecta assistencia, foi-lhe feita enthusiastica saudação por prolongada salva de palmas. Fez-se então, silencio, subindo á tribuna o Dr. Deraldo Dias, cujo discurso erudito e vigoroso versou, primeiramente, sobre a personalidade do seu predecessor na cadeira de numero 19, Arlindo Fragoso, cujo perfil de homem de Estado e de intellectual desenhou com fortes e precisas tintas, apontando os multiplos e inconfundiveis valimentos de tão illustre bahiano; depois, estudou sob um criterio individual e novo o phenomeno psychologico literario do humorismo.

Seguiu-se-lhe com a palavra o academico Carlos Chiacchio que, em discurso brilhante e eloquente, fez a critica da obra literaria do novo confrade e lhe deu as bôas-vindas da Academia.

Encerrando a sessão ás 23 horas o Sr. Presidente agradeceu ao selecto auditorio a sua honrosa comparéncia, e individualmente aos representantes das autoridades publicas.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Sessão ordinaria celebrada a 31 de Outubro de 1928

Presidente: o academico Gonçalo Moniz.

1.º Secretario: o academico Carlos Ribeiro.

2.º Secretario interino: o academico Deraldo Dias.

Em uma das salas da Bibliotheca Publica, séde provisoria da Academia, ás 8 horas da noite, presentes os academicos: Gonçalo Moniz, 1.º Vice-Presidente; Carlos Ribeiro, 1.º Secretario; Filinto Bastos, 2.º Vice-Presidente; Roberto Correia, João Fróes, Arthur de Salles, Deraldo Dias, Manços Chastinet, Pirajá da Silva e Edgard Sanches (10), o academico Gonçalo Moniz abre a sessão e, verificando a ausencia justificada do 2.º Secretario, convida o academico Deraldo Dias a substituil-o.

O presidente communica o fallecimento dos academicos Frederico de Castro Rebello e Alberto Rabello. Faz em ligeiras palavras o elogio de ambos e propõe um voto de pezar por se ver a Academia desfalcada de dois membros tão illustres. Esta proposta é unanimemente approvada.

O academico Deraldo Dias fala para dizer que o academico Alberto Rabello o fizera portador de suas ultimas declarações á Academia e, depois de communical-as aos confrades, entrega ao presidente os originaes do discurso de posse, que o fallecido já havia escripto, para que fossem publicados na Revista Academica.

Passando-se a tratar da publicação da Revista cujo primeiro numero, já organizdo, vai entrar para o prelo, na Imprensa Official do Estado, o academico Pirajá da Silva pede ao confrade Filinto Bastos que entregue os originaes da sua traducção do *Giaour*, de Byron, para nella serem publicados. O academico João Fróes declara possuir em um album um soneto autographo de Euclydes da Cunha, escripto nesta cidade, de volta de Canudos, e pede que a Academia o publique em *fac-smile* na sua Revista.

Approvada esta proposta, o academico Arthur de Salles diz que tem em seu poder uma grammatica portugueza que pertenceu a Frei Francisco da Natividade Carneiro, monge benedictino, em cujas primeiras paginas se lê um seu precioso autographo, muito valioso como obra literaria, o qual pede seja publicado na Revista. E' approvado. Em seguida o academico Deraldo Dias pede ao confrade Filinto Bastos que acceite a incumbencia de ser portador de um officio da Academia pedindo á Exma. Viuva do Desembargador Candido Leão a entrega dos originaes das traducções latinas de varios autores, feitas em portuguez pelo eminente latinista bahiano Dr. Cesar Zama, originaes estes que estão em seu poder e que serão dados á publicidade na Revista Academica.

O academico Deraldo Dias é indicado para substituir o academico Theodoro Sampaio, ausente, na commissão da Revista, que fica assim constituida: Carlos Chiacchio, Roberto Correia e Deraldo Dias.

Annunciada a eleição para o preenchimento da vaga do academico Frederico de Castro Rebello, são recolhidas as cedulas dos presentes e mais os votos dos seguintes academicos ausentes: J. J. Seabra, Moniz Sodré, Braz do Amaral, Clementino Fraga, Almachio Diniz, Octavio Mangabeira, Borges de Barros, Bernardino de Souza, Octaviano Moniz, Theodoro Sampaio, Xavier Marques e Afranio Peixoto.

Destes não foram apurados dois votos por não estarem nas condições exigidas pelos estatutos. A apuração final da votação deu em resultado a eleição do Sr. Antonio Vianna, poeta e jornalista, por 20 votos.

O Sr. Presidente proclama-o eleito para substituir o academico Frederico de Castro Rebello e designa o academico Deraldo Dias para responder ao discurso do novo academico no acto solemne da posse.

De seguida, a Academia, passou a deliberar sobre assumptos de sua economia interna.

Foi encerrada a sessão ás 22 horas e meia.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Sessão ordinaria realizada em 12 de Abril de 1929.

Presidente: O academico Braz do Amaral.

1.º Secretario: O academico Carlos Ribeiro.

2.º Secretario interino: O academico Deraldo Dias.

A's vinte horas e trinta minutos, em uma das salas da Bibliotheca Publica, sede provisoria da Academia, presentes os academicos Braz do Amaral, Presidente; Carlos Ribeiro, 1.º Secretario; Gonçalo Moniz, 1.º Vice-Presidente; Pirajá da Silva, Borges de Barros, João Fróes, Manços Chastinet, Roberto Correia e Deraldo Dias (9) abre a sessão o presidente, academico Braz do Amaral, secretariado pelo academico Carlos Ribero, 1.º Secretario, e, verificando a ausencia justificada do 2.º Secretario Carlos Chiacchio, convida o academico Deraldo Dias a substituil-o.

O presidente declara ser esta a 1.ª sessão do anno, visto como não houve numero regulamentar para a sessão convocada para o dia 7 de Março.

Lido e despachado o expediente, passou-se á ordem do dia, cujo assumpto era a eleição da directoria e das commissões, na fórma dos estatutos.

Tendo-se procedido a esta, apurou-se o resultado seguinte:

Directoria

Presidente: Braz do Amaral.

1.º Vice-Presidente: Gonçalo Moniz.

2.º Vice-Presidente: Filinto Bastos.

1.º Secretario: Carlos Ribeiro.

2.º Secretario: Carlos Chiacchio.

Thesoureiro: Theodoro Sampaio.

Commissões

Revista: Carlos Chiacchio, Roberto Correia e Deraldo Dias.

Bibliographia: Pirajá da Silva, Octaviano Moniz e Manços Chastinet.

Publicações: Borges de Barros, Homero Pires e Edgard Sanches.

O presidente considerou empossados os recem-eleitos.

O academico Gonçalo Moniz annuncia estar prompta a sua conferencia sobre o poeta bahiano João Gualberto de Passos. De accordo com a Academia, marcou-se a sessão publica em que será lida esta conferencia para o dia 27 do corrente mez de Abril de 1929, no salão nobre do Conselho Municipal.

O academico Carlos Ribeiro declara que attendendo á solicitação que lhe fôra feita pelo presidente, fará uma conferencia publica sobre a individualidade de Severino Vieira em dia que será opportunamente marcado.

Em seguida, a Academia passou a deliberar sobre assumptos de sua economia interna.

Encerrou-se a sessão ás vinte e duas horas e um quarto.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Sessão publica realizada a 27 de Abril de 1929

Presidente: O academico Braz do Amaral.

1.º Secretario: O academico Carlos Ribeiro.

2.º Secretario interino: O academico Deraldo Dias.

A's vinte e meia horas, no salão nobre do Conselho Municipal, presentes os academicos Braz do Amaral, Presidente; Carlos Ribeiro, 1.º Secretario; Gonçalo Moniz, 1.º Vice-Presidente; Roberto Correia, Borges de Barros, Manços Chastinet, Pirajá da Silva e Deraldo Dias (8), representantes das autoridades publicas, dos orgams da imprensa diaria e de numeroso auditorio, o Senhor Presidente, academico Braz do Amaral, abriu a sessão, sendo ladeado pelos academicos Carlos Ribeiro e Deraldo Dias, este convidado a substituir o 2.º Secretario ausente.

Deu-se a palavra ao academico Gonçalo Moniz, que discorreu com erudição e enthusiasmo a respeito da vida e da obra do poeta bahiano João Gualberto de Passos.

Terminada a conferencia do illustre academico, o presidente, antes de encerrar a sessão, agradeceu ao conferencista o brilho do seu concurso ao cumprimento de um dos objectivos estatutarios da Academia, prestado na conferencia que acabava de pronunciar, e a todos os presentes a honra do seu comparecimento.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Sessão publica e solenne realizada a 14 *de Janeiro de* 1930, *para a posse do academico Castro Rebello Filho*

Presidente: O academico Braz do Amaral.

1.º Secretario: O academico Carlos Ribeiro.

2.º Secretario: O academico Carlos Chiacchio.

A's 20 e meia horas, no salão nobre do Conselho Municipal, presentes os academicos Braz do Amaral, Carlos Ribeiro, Carlos Chiacchio, Gonçalo Moniz, Affonso de Castro Rebello, Roberto Correia, Arthur de Salles e Deraldo Dias, os academicos eleitos Francisco de Magalhães Netto, Antonio Vianna e Francisco Hermano de Sant'Anna e os representantes do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, do Prefeito da Capitl, do Sr. Arcebispo Primaz, do Sr. Secretario da Policia, do Commandante da Força Publica do Estado, o academico Braz do Amaral, abriu a sessão, ladeado pelos 1.º e 2.º Secretarios, academicos Carlos Ribeiro e Carlos Chiacchio. Explicou o motivo da reunião solenne: a posse do laureado poeta Affonso de Castro Rebello Filho, successor de Egas Moniz Barretto de Aragão (Pethion de Villar), na cadeira que tem por patrono a Francisco Muniz Barretto.

Nomeada a commissão que devia conduzir ao recinto o recipiendario e foi composta dos academicos Gonçalo Moniz, Affonso de Castro Rebello e Deraldo Dias, o Dr. Affonso de Castro Rebello Filho, foi saudado por uma vibrante salva de palmas da assistencia.

Dando-se-lhe a palavra, o recipiendario proferiu brilhante e erudito discurso.

Seguiu-se-lhe na tribuna o academico Arthur de Salles que disse, em vibrante oração, do jubilo da Academia ao receber tão illustre confrade.

Encerrada a sessão, ás 22 horas e meia, tendo antes o Sr. Presidente agradecido ás autoridades publicas, ás Exmas. Familias e ao demais selecto auditorio a honra de suas presenças, as graciosas senhorinhas Celia Kock e Olga Rinaldi Gatti, declamaram magnificamente poesias dos academicos Arthur de Salles e Castro Rebello Filho.

Dissolveu-se a reunião ás 23 horas.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Sessão ordinaria realizada a 7 de Março de 1930

Presidente: O academico Braz do Amaral.

1.º Secretario: O academico Carlos Ribeiro.

2.º Secretario: O academico Carlos Chiacchio.

A's 20 horas e 30 minutos, numa das salas da Bibliotheca Publica, séde provisoria da Academia, abriu-se a sessão.

Foram presentes os academicos: Braz do Amaral, Carlos Ribeiro, Carlos Chiacchio, Theodoro Sampaio, João Fróes, Octaviano Moniz, Borges de Barros, Arthur de Salles, Manços Chastinet, Roberto Correia, Deraldo Dias e Affonso de Castro Rebello Filho (12).

Lê-se e approva-se a acta da sessão anterior.

A' hora do expediente leram-se varios officios e communicações de outras sociedades literarias.

Em seguida passou-se á ordem do dia, tendo se procedido á eleição da applaudida escriptora compatricia Mercedes Dantas, residente na Capital da Republica, para preencher no quadro dos membros correspondentes a vaga de Oliveira Lima.

Proposta pelos academicos Deraldo Dias e Carlos Chiacchio, esta distincta literata bahiana obteve, além dos votos dos seus pro-

ponentes, ainda os dos academicos: Eduardo Espinola, Roberto Correia, Theodoro Sampaio, Affonso de Castro Rebello Filho, Filinto Bastos, Gonçalo Moniz, Octaviano Moniz, Pinto de Carvalho, Miguel Calmon, Arthur de Salles, Manços Chastinet, Borges de Barros, Edgard Sanches, Bernardino de Souza, Carlos Ribeiro, Prado Valladares e Affonso de Castro Rebello.

Apurados em ser favor dezenove suffragios, o Sr. Presidente proclamou-a eleita, mandando que se lhe fizesse a necessaria participação e se convidasse a ser recebida em sessão publica e solenne, quando de sua proxima visita á Bahia.

O academico Deraldo Dias, fez entrega de um documento de que o fizera portador á Academia o confrade Xavier Marques.

Era a seguinte proposta que foi lida pelo 1.º Secretario e unanimemente approvada.

"Exmo. Sr. Presidente da Academia de Letras da Bahia.

Convidado frequentemente para tomar parte nas sessões da Academia bahiana, não tenho podido comparecer por motivos de força maior.

Ainda hoje, na impossibilidade de fazel-o, me limito a enviar a V. Exa, para que se digne de apresental-a em plenario, a seguinte proposta.

No presente anno de 1930, passará um centenario que deve interessar especialmente á Bahia, e ás suas associações de letras: é o do poeta Antonio Augusto de Mendonça, nascido na Bahia, em 19 de Maio de 1930. auctor de um volume de *Poesias*, impresso em 1861, e do poema *A Messalina*, em 1866, além de numerosas producções que ficaram avulsas.

Antonio Augusto de Mendonça, sem ter sido um poeta de altos vôos, é um talento inteiramente digno da classificação que lhe deu o historiador das letras brasileiras. Sylvio Romero, consagrando-lhe paginas da *Historia da Literatura*, fez justiça aos seus meritos de "lyrico suave, doce, melancolico, de uma melancolia terna e placida".

O auctor das *Ephemerides* publicadas na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, considerou-o rival de Gonçalves Dias, na pureza de linguagem e na melodia do verso. Este louvor não é exaggerado Basta ler *A Saudade do Sepulcro* para sentir o encanto que taes qualidades communicam á sua poesia.

Castro Alves, comparava-o, diz Sylvio Romero que ironicamente, ao *caboclinho* das nossas mattas. Ironia ou não, a comparação com um dos mais apreciados cantores da collecção ornithologica brasileira já revela algum apreço.

Mendonça, menos feliz que os poetas do seu tempo, ficou injustamente esquecido. A historia recolheu-lhe o nome é verdade. Ha sobre elle notas biographicas no *Diccionario* de Sacramento Blake

Mas das suas obras nenhuma se encontra, quer na Bibliotheca do Estado, quer que eu saiba, em bibliothecas particulares. Esgotaram-se? Destruiram-se?... Foi uma bella voz que emmudeceu, o que é de veras desolador em uma epoca tão provida de meios de sobrevivencia, com o phonographo e o cinematographo, os quaes nos permittem continuar a ouvir Caruso e a ver os trabalhos de Valentino.

A Academia Bahiana terá brevemente uma opportunidade para tornar bem lembrado o nome daquelle que parecia alludir ao proprio destino quando cantou a flôr que vicejava no chão de uma sepultura:

Quem sabe!... talvez que a triste
Que no sepulcro descança,
D'entre as sombras do futuro
Lhe sorria uma esperança...
Talvez...

Estava convencido Sylvio de que a posteridade acabará por fazer justiça ao melodioso poeta.

Caiba a iniciativa aos membros desta associação literaria. Restituam-no á publicidade, de que é digno, certos todos de que, reposto o disco na victrola, a geração de hoje e as do futuro ouvirão ainda com prazer o canto delicioso do nosso "cabocolinho".

Proponho, pois, que a Academia de Letras da Bahia celebre o centenario de Antonio Augusto de Mendonça, da seguinte fórma:

1.º — Realizando uma sessão solenne em 19 de Maio do anno corrente;

2.º — Procurando, reunindo e fazendo publicar as suas obras poeticas.

Bahia, Janeiro de 1930.

(Assignado) — *Xavier Marques*".

Por indicação do Presidente a Academia elegeu uma commissão composta dos academicos Xavier Marques, Arthur de Sales e Carlos Chiacchio, para darem execução á proposta que acabava de ser acceita. O Sr. Presidente, ás 22 horas, antes de encerrar a sessão congratulou-se com os academicos presentes pelo 13º anniversario da Academia que naquelle dia se completava e declarou que, de accordo com os estatutos, a sessão que se acabava de celebrar marcava o inicio dos trabalhos academicos no anno de 1930.

Permuta de Cadeiras

Na sessão ordinaria celebrada a 28 de Abril de 1928 foi lida, largamente discutida e por fim aprovada a seguinte petição em que os academicos Roberto Correia e Prado Valladares, solicitavam permuta das respectivas cadeiras:

"Exmo. Snr. Prof. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral Dignissimo Presidente da Academia de Letras da Bahia:

Os infra firmados, actuais ocupantes das Cadeiras que têm por patronos Alfredo Thomé de Britto e Joaquim Monteiro Caminhoá, vêm solicitar a V. Excia. se digne submeter ao ponderadissimo juiso da colenda Academia, a que tanto lhes honra pertencer, a pretensão acariciada por ambos de se permutarem as respectivas cadeiras. Alegam os signatarios que tal permuta lhes vai atender a preferencias e afinidades espirituais, e doutra parte em nada prejudica os intresses intelectuais e morais desta Egregia Corporação, sendo a notar, ademais, que ainda não foram pronunciados os elogios daqueles patronos.

E enviam a V. Excia. e a todos os membros desta insigne Academia a antecipação de seus agradecimentos e as suas reiteradas saudações respeitosissimas.

Bahia, 16 de Abril de 1928.

Roberto Correia..

Antonio do Prado Valladares.

Transferencia de Cadeira

Na sessão ordinaria realizada a 28 de Abril de 1928, foi apresentado e lido o seguinte officio do academico Julio Afranio Peixoto.

"Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Doutor Presidente da Academia de Letras da Bahia.

Estando vaga a cadeira n. 1, que tem por patrono a Frei Vicente do Salvador, venho pedir a V. Excia. haja por bem conceder-me a transferencia da cadeira que occupo, ainda sem ter feito o elogio do respectivo patrono.

Aproveito a opportunidade para apresentar a V. Excia., as homenagens de meu mais profundo respeito.

Em 18 de Abril de 1928.

Afranio Peixoto.

Discutida a materia deste officio longamente e manifestada a acquiescencia da casa a esta pretensão, foi o academico Afranio Peixoto transferido da cadeira n. 25 para a n. 1.

LEI N.° 1198 — DE 3 DE JULHO DE 1917

Considera de utilidade Publica a Academia de Letras da Bahia.

O Governador do Estado da Bahia:

Faço saber que a Assembléa Geral decretou e eu sancciono a lei seguinte:

Art. 1.° — E' considerada de utilidade publica a Academia de Letras da Bahia, fundada em 7 de Março de 1917.

Art. 2.° — O Governo dar-lhe-á installação permanente em um dos edificios publicos.

Art. 3.° — Serão feitas no "Diario Official" as publicações da Academia e impressas nas Officinas da Imprensa Official a juizo do Governo, as obras reputadas de valor pela dita Associação e cujos direitos autoraes estejam prescriptos ou sejam cedidos gratuitamente ao Estado.

Art. 4.° — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado da Bahia, 3 de Julho de 1917. — (ass.) Antonio Ferrão Moniz de Aragão — *Dr. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão.*

QUADRO SOCIAL EM AGOSTO DE 1930

CADEIRAS, PATRONOS, MEMBROS FALLECIDOS	MEMBROS ACTUAES
1—FREI VICENTE DO SALVADOR	1564-1636—Julio Afranio Peixoto.
José de Oliveira Campos.....	1852-1926
2—GREGORIO DE MATTOS GUERRA	1633-1696—Aloysio Lopes Pereira de Carvalho
3—MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA ...	1636-1711—Arthur de Salles
4—SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA	1660-1738—Braz Hermenegildo do Amaral
5—LUIZ ANTONIO DE OLIVEIRA MENDES	1750- —Carlos Chiacchio
6—ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA .	1756-1815—Manoel Augusto Pirajá da Silva
7—VISCONDE DE CAYRÚ	1756-1813—Francisco Borges de Barros
Ernesto Carneiro Ribeiro	1839-1920
8—CYPRIANO J. BARATA DE ALMEIDA .	1762-1838—Francisco de Magalhães Netto
Luiz Anselmo da Fonseca	1848-1929
9—ANTONIO FERREIRA FRANÇA	1771-1848—Edgard Ribeiro Sanches
José Alfredo de Campos França	1865-1923
10—JOSÉ LINO COUTINHO	1784-1836—Antonio Moniz Sodré de Aragão
11—VISCONDE DE JEQUITINHONHA	1794-1870—Antonio Ferrão Moniz de Aragão
12—MARQUEZ DE ABRANTES	1796-1865—Miguel Calmon du Pin e Almeida
13—FRANCISCO MONIZ BARRETTO	1804-1868—Affonso de Castro Rebello Filho
Egas Moniz Barretto de Aragão	1870-1924
14—VISCONDE DE S. LOURENÇO	1807-1872—Bernardino José de Souza
15—ANGELO MONIZ DA SILVA FERRAZ .	1812-1867—Octaviano Moniz Barretto
16—JOSÉ THOMAZ NABUCO DE ARAUJO ..	1813-1878—Eduardo Godinho Espinola
17—ANTONIO FERRÃO MONIZ	1813-1887—Gonçalo Moniz Sodré de Aragão
18—ZACHARIAS DE GÓES E VASCONCELLOS	1815-1877—José Joaquim Seabra
19—BARÃO DE COTEGIPE	1815-1889—Deraldo Dias de Moraes
Severino dos Santos Vieira	1852-1917
Arlindo Coelho Fragoso	1866-1926
20—AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS	1817-1883—Carlos Gonçalves Fernandes Ribeiro
21—BARÃO DA VILLA DA BARRA	1819-1887—Filinto Justiniano Ferreira Bastos
22—VISCONDE DO RIO BRANCO	1819-1880—Vaga
Ruy Barbosa	1849-1923
23—ANTONIO JANUARIO DE FARIAS	1822-1883—João Americo Garcez Fróes
24—DEMETRIO CYRIACO TOURINHO	1826-1888—Luiz Pinto de Carvalho
25—PEDRO EUNAPIO DA SILVA DEIRO'..	1829-1909—Francisco Hermano de Sant'Anna
26—D. ANTONIO DE MACEDO COSTA	1830-1891—Vaga
José Cupertino de Lacerda ....—	1850-1927
Alberto Moreira Rabello	1883-1928
27—FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA ..	1831-1886—Antonio Gonçalves Vianna Junior
Frederico de Castro Rebello	1855-1928
28—LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE	1832-1855—Homero Pires
Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo .	1852-1918
29—AGRARIO DE SOUZA MENEZES	1834-1863—Manços Chastinet Contreiras
Antonio Alexandre Borges dos Reis	1859-1922
30—JOAQUIM MONTEIRO CAMINHOÁ	1836-1896—Roberto Correia
31—BELLARMINO BARRETTO	1840-1882—Ernesto Simões Filho
32—ANDRÉ PINTO REBOUÇAS	1844-1892—Theodoro Fernandes Sampaio
33—ANTONIO DE CASTRO ALVES	1847-1871—Francisco Xavier Ferreira Marques
34—DOMINGOS GUEDES CABRAL	1852-1883 — Vaga
Virgilio de Lemos	1863-1926
35—MANOEL VICTORINO PEREIRA	1853-1902—Affonso Costa
Antonio Pacifico Pereira	1846-1922
36—JOAQUIM JERONYMO FERNANDES DA CUNHA	-1903—Affonso de Castro Rebello
37—JOÃO BAPTISTA DE CASTRO REBELLO	1853-1912—Almachio Diniz Gonçalves
38—ALFREDO THOMÉ DE BRITTO	1865-1909—Antonio do Prado Valladares
Oscar Freire de Carvalho	1882-1923
39—FRANCISCO DE CASTRO	1857-1901—Clementino da Rocha Fraga
40—FRANCISCO MANGABEIRA	1879-1904—Octavio Mangabeira.

NOTAS—a) Os actuaes detentores das Cadeiras de Ns. 8 e 25, ainda não estão empossados.—b) Os academicos Prado Valladares e Roberto Correia requereram e obtiveram permuta das cadeiras de Ns. 30 e 38 e o academico Julio Afranio Peixoto transferencia da cadeira de N. 25 para a de N. 1, o que foi approvado pela Academia da sessão de 28 de Abril de 1928.

QUADRO DOS MEMBROS CORRESPONDENTES

MEMBROS ACTUAES	MEMBROS FALLECIDOS
NO PAIZ	
1 — Vaga	Olavo Bilac.
2 — Coelho Netto — Rio	
3 — Medeiros e Albuquerque — Rio	
4 — Mercedes Dantas — Rio	Oliveira Lima
5 — João Ribeiro — Rio	
6 — Affonso de Taunay — Rio	Carlos de Laet
7 — Clovis Bevilaqua — Rio	
8 — Constancio Alves — Rio	
9 — Aloysio de Castro — Rio	
10 — Araujo Jorge	
11 — Anisio Melhor — Nazareth	Aristides Galvão de Queiroz
12 — Pericles Moraes — Amazonas	José Basilio Pereira
13 — Arthur Neiva — São Paulo	
14 — Eurycles de Mattos — Rio	Sergio de Carvalho
15 — Durval de Moraes — Rio	
16 — Juliano Moreira — Rio	Eduardo Ramos
17 — Rodolpho Theophilo — Ceará	
18 — Alberto Rangel	
NO EXTRANGEIRO	
1 — Vaga	Guerra Junqueiro
2 — Carlos Malheiros Dias	
3 — Julio Dantas	
4 — Vaga.....	Goran Bjorkmann.
5 — Philéas Lebesgue	
6 — Vaga...	Candido de Figueiredo.

MATERIA DESTE VOLUME

Revista da Academia de Letras.... 1

A Fundação da Academia 5

Carlos Chiachio — Arlindo Fragoso..... 12

Braz do Amaral — Luiz Vilhena 16

Braz do Amaral — Academia de Letras da Bahia..... 22

Afranio Peixoto. —Poema dos Pés..... 28

Affonso de Castro Rebello Filho. — Mater..... 30

Affonso de Castro Rebello Filho. — Do Jardim de Sombra e de Silencio..... 30

Bernardino José de Souza. — Educação Politica... 31

Erasmo Junior. — "O Amor Define-se!"..... 51

Roberto Correia — Trovas.. 54

Carlos Chiacchio. — Uma Pagina de Sonetos 57

Arlindo Fragoso. — Discurso..... 64

Xavier Marques. — Discurso 77

Ernesto Carneiro Ribeiro. — Discurso 82

Aloysio de Carvalho. — Saudação a Julio Dantas... 92

Gonçalo Moniz. — João Gualberto de Passos..... 109

Pinto de Carvalho. — Alfredo Britto..... 155

Estatutos da Academia de Letras da Bahia..... 172

Actas de Sessões (Resumos)..... 183

Permuta de Cadeiras 195

Transferencia de Cadeira..... 196

Lei numero 1198 197

Quadro Social da Academia.... 199

Quadro de Membros Correspondentes 201

LIVRARIA SCIENTIFICA

Livraria, Papelaria e Artigos para Escriptorio e Desenho. Serviço esmerado de typographia e encadernação

Argeu Costa & Cia.

Rua Chile 1 -- Teleph. C. 2114

BAHIA

LIVRARIA PROGRESSO

A Unica sem rival

Vendas em grosso e a retalho

Os nossos preços obedecem o dos catalagos das casas editoras.

Rua do Collegio 28 Tel. -- C. 483

BAHIA

GALDINO LOUREIRO & Cia.

Livreiros e Editores

Livrarias Loureiro e Galdino

Ruas do Collegio 14 e Lyceu 9 A

BAHIA

Papelaria e Livraria Economica

Rua da Louça 4 -- Cidade Baixa

Artigos de Papelaria e Escriptorio

Carimbos de Borracha

LEIAM

Meditações e Confidencias

de Altamirando Requião

Jornadas de Agonia

de Manoel Galvez

Trad. do Dr. Gonçalo Moniz